

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS**

**SORAIA CRISTINA DE MORAIS**

**HIBRIDISMO CULTURAL: frente e verso dos ritos de passagens dos  
migrantes piauienses**

Dissertação apresentada à Coordenação  
do Mestrado Acadêmico em História do  
Brasil do Centro de Ciências Humanas e  
Letras da Universidade Federal do Piauí,  
para obtenção do título de mestre.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Áurea da Paz  
Pinheiro.

Teresina – PI  
2007

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

## AGRADECIMENTOS

Para encarar e realizar uma tarefa acadêmica, temos que contar com o apoio de muitas pessoas. Pessoas muito especiais, diga-se de passagem. Por esta razão, eu agradeço honrosamente a minha irmã Mariana Feitosa de Macedo, conhecida carinhosamente pelo apelido de Biana, que acreditou e me apoiou em todos os momentos desta trajetória acadêmica. Ao meu fiel amigo e companheiro, Antão Ferreira da Silva Filho, a minha mãe, Maria Gonçalves de Moraes, que certamente está orgulhosa em ver o resultado do seu esforço e do meu esforço também.

A minha companheira de todas as horas, Roseli de Lourdes Gomes, a minha amiga Diná Ferraz, a todos os meus irmãos, Neide, Zé Luiz e Biana. Aos meus sobrinhos queridos, Patrick Macedo, Marcelo Macedo, Laise, Ethony e Josilene Miranda. Um agradecimento especialíssimo, ao professor Dr. Francisco Alcides do Nascimento, cuja sensibilidade e compromisso com a educação e a pesquisa, faz dele uma pessoa muito especial. Agradeço carinhosamente e honrosamente, a minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro, pela dedicação e competência durante todo o processo de orientação e construção desta pesquisa.

Gratidão a todos os colegas que direta ou indiretamente contribuíram e torceram pela realização deste feito, como minha prima Verônica, meus amigos, Nice, Airton, Idvani, Margarete, Jailma, Sandrinha, Pimpolha, Graça Santana, Marinalva, Amaro, Verônica, Paulo, Anderson, dentre outros. Um obrigado carinhoso aos entrevistados desta pesquisa, que se dispuseram a dar seu contributo, tanto para mim, quanto para a sociedade piauiense: Margarete Leal, Gerson Medeiros, Maria Ducarmo, Elza Maria e Raimundo Nonato.

Também sou grata à minha Lua, que me apoiou e me atrapalhou em vários momentos. Reconheço o apoio e desempenho da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Helenilda Cavalcanti, Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Solimar Oliveira, e todos os professores do mestrado, Prof. Dr<sup>o</sup> Pedro Vilarinho, Prof. Dr<sup>o</sup> Edwar Castelo Branco, Prof. Dr<sup>o</sup> Helder Buenos Aires, Profa. Áurea Paz, e Prof<sup>o</sup> Dr. Fabiano Gontijo. Devo registrar meu agradecimento a todas as pessoas que fazem parte da Coordenação do Mestrado de História da UFPI, especialmente à Leda, pela paciência e

competência em resolver questões burocráticas. Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro e por acreditar no desempenho dos pesquisadores e mestres.

Tenho certeza que a imagem de Deus se faz presente em todas estas pessoas, e acima de tudo, se fez e se fará presente em todas as etapas da minha vida. Prova disso, é ter conseguido superar todas as agruras, e realizar mais um sonho. De forma satisfatória, agradeço a este pai divino e maravilhoso, que de forma abstrata e fiel, está presente em mim, e me faz ter a certeza de que “querer é poder”.

## RESUMO

Neste trabalho busco analisar os elementos culturais de um grupo de cinco piauienses, que viveram a experiência de migrar para a cidade dos arranha-céus, São Paulo, e depois de alguns anos decidiram retornar às suas raízes, o Estado do Piauí.

Esse corte simbólico da raiz, realizado pela migração, tem várias imbricações culturais, que neste trabalho foi perspectivado através das representações sociais, imaginário urbano, identidade, o olhar do outro, memória e sensibilidades. Discute-se, portanto, os significados das trocas culturais estabelecidas entre os migrantes e os outros grupos sociais com os quais conviveram, seja no parâmetro da acolhida ou da rejeição, concernentes às culturas anfitriãs.

Os campos temáticos citados correspondem às novas abordagens da história, denominada de história cultural, que de maneira definitiva deram suporte teórico a este trabalho, que problematiza e valoriza os meandros das tradições, linguagens, modo de vida e atitudes de gente simples, tendo em vista que nelas encerram uma riqueza histórica de vida, indiscutivelmente digna de registro.

O viés analítico prezou pela marcação e afirmação da identidade de cada um, ou do grupo como um todo, para além dos significados implicados nos aspectos imagéticos e discursivos relacionados ao Estado do Piauí, que no geral é inferiorizado como espaço carente, e conseqüentemente, provoca e potencializa no inconsciente coletivo, a discriminação para com os indivíduos que os representa. Neste estudo, a migração é entendida como uma experiência humana, cuja operação e apreensão está ligada diretamente à intimidade de cada migrante, sua alteridade, sensações, idéias, sonhos, emoções, cordialidades, antagonismos, memórias, hibridização cultural, e, decerto, à sua história de vida, que tal qual a dos heróis triunfalistas, merece ser historicizada. O cotidiano, ou as ocasiões sociais da vida que a ele corresponde, é traduzido através da maneira de falar, comer, se divertir e da forma de lidar com os outros. Portanto, as atitudes são valorizadas enquanto práticas culturais de um grupo de piauienses que trazem consigo mesmos, significados simbólicos que vão além das evidências, e atravessam o

inconsciente coletivo a mentalidade coletiva e a memória coletiva. As compensações psicológicas em razão da perda da terra natal, e as táticas de sobrevivência que foram utilizadas por esse grupo de piauienses para se estabelecerem num espaço metropolitano (cujas relações humanas estão pautadas no consumo e na grana) é o que passo a apresentar.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura, identidade e memória.

## ABSTRACT

This work analyses the cultural elements of five piauienses, who lived the lived the experience to migrate to Sao Paulo, and after some years they decided return to its raízes, the State of the Piauí. This symbolic cut of the roots, realized by migration, bring cultural connections, avaluated by the social representations, imaginary urban, identity, memory, the others look e by the sensibilities. We discuss the meanings of the cultural exchanges established whith the migrant's and the order social groups in São Paulo, in the reception and in the rejection. The thematic fields correspond the new approaches. This is the theoretical support of my work, that focuses the traditions, languages, the way of life and attitudes of ordinary people. In this work, migrations is understood as a human experience connected to their history of life. The quotidian is translated through the way of speaking, eating, amusement and in the way to deal with otherpeople. The attitude are valved as cultural practices. That bring them selves symbolic meanings that go further the evidences, and cross over the collective memory. The compensations that they have (in relation to lost of the homeland) and the survival tatics used by group to stablish in a metropolitan space (whose human relations are firmmed in the consume and in the money) this is that a start to present.

KEY – WORDS: Cultural, identity the memory.

## SORAIA CRISTINA DE MORAIS

### HIBRIDISMO CULTURAL: frente e verso dos ritos de passagens dos migrantes piauienses

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Acadêmico em História do Brasil do Centro de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de mestre.  
Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro.

Texto apresentado e aprovado em  
27 de Abril de 2007.

#### BANCA EXAMINADORA

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Áurea da Paz Pinheiro  
Doutora em História Cultural  
(Orientadora)

Prof. Dr. Solimar Oliveira Lima  
Doutor em Ciências Econômicas  
Universidade Federal do Piauí

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Helenilda Cavalcanti  
Doutora em Psicologia Social  
Universidade de São Paulo

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPI

M827h Morais, Soares Cristina de

Hibridismo cultural: frente e verso dos ritos de passagens dos  
migrantes retornados piauienses / Soraia Cristina de Morais.

\_\_\_\_\_Teresina, 2007.

101 f.

Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Universidade  
Federal do Piauí.

Orientadora: Profª Drª. Áurea da Paz Pinheiro

1. Cultura – Aspectos Sociais. 2. Memória Cultural. 3.  
Identidade Cultural. I. Pinheiro, Áurea da Paz – orient. II. Título.

CDD – 306.4

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
A cidade de São Paulo	14
O ato de migrar	17
Considerações sobre o Estado do Piauí	24
A História Oral	25
1 HIBRIDISMO CULTURAL E OS INTERCURSOS DOS SUJEITOS FORA DO LUGAR DE ORIGEM	32
2 IDENTIDADE E DIFERENÇA NO CONTEXTO DOS DESLOCAMENTOS CULTURAIS.	51
3 A MEMÓRIA CULTURAL E OS ENTRE-LUGARES DA SAUDADE	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS E FONTES CONSULTADAS	102
APÊNDICES	106
APÊNDICE A – TERMO DE CONCESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL	106
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTAS.	107

## INTRODUÇÃO

Ao decidir delimitar um trabalho acadêmico, indiscutivelmente é necessário delinear algumas teorias que permeiam o *objeto* de pesquisa, para, a partir daí, contextualizar as idéias que fazem parte dele. No decorrer de três capítulos, priorizo três vertentes que estão interligadas à questão da Cultura, passando pelo sentido híbrido, identitário e memorial, já que o trabalho se debruça sobre os ritos de passagens de cinco migrantes retornados, que saíram do Piauí para experimentar vivências na maior metrópole da América Latina, a cidade de São Paulo. Por essa razão, não poderei omitir aspectos pertinentes à Cidade, tendo em vista que o enredo ou as histórias que são narradas e analisadas ocorrem no cenário geográfico daquela urbe.

Suscito algumas considerações sobre urbanidade, ou melhor, sobre elementos espaciais e sociais, tanto da cidade de origem, Teresina, quanto da cidade de destino, São Paulo. Ao contrário das cidades antigas, que eram fechadas e vigiadas no intuito de sentirem-se seguras das ameaças dos inimigos externos e internos, as atuais se caracterizam pela forma de acolher os visitantes, pela velocidade com que ocorrem as circularidades, pelos fluxos de produtos, capital e pessoas, em ritmo cada vez mais acelerado, em que rompem-se fronteiras e territórios.

De Babel a Brasília, como surgiu e se transformou a cidade? O próprio espaço urbano se encarrega de contar parte de sua história. A arquitetura, esta natureza fabricada na perenidade de seus materiais, tem esse dom de durar, permanecer e legar ao tempo os vestígios de sua existência.<sup>1</sup>

O tema cidade aparece, substancialmente, a partir do surgimento de novos problemas e percepções das áreas de pesquisa, o que contribuiu para a emergência de novas fontes e novos campos temáticos de pesquisa historiográfica. Atualmente, já existe uma gama significativa de trabalhos acadêmicos sobre este espaço, *a priori*, urbano. Alguns numa abordagem econômico-social, em que impera uma conotação quantitativa, e outros em

---

<sup>1</sup> ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 9.

uma perspectiva social-evolutiva. Ou seja, uma leitura temporal-espacial, que descreve a história da cidade retrazendo sua evolução urbanística, mas sem dar profundidade a outros aspectos inerente à concepção de convivência em seus espaços, como, por exemplo, a dimensão simbólica das comunidades, o imaginário e as representações sociais.

O caráter econômico, e de certo modo desenvolvimentista, não é o foco desta pesquisa. Porém, é importante situá-la neste contexto, já que não é possível ignorar as suas implicações, como as diferenças sociais provocadas pela força do capital e por outros aspectos concernentes ao mercado de trabalho, renda, lucro e moradia.

Todavia, o fenômeno mais pertinente em relação à cidade, e portanto mais destacado neste estudo, diz respeito às reflexões mais profundas e subjetivas, que estão atreladas ao plano das identidades culturais daqueles que a povoam ou povoaram. As práticas sociais, o cotidiano, e a própria convivência humana, terão um comparecimento neste espaço citadino, para além do acúmulo de capital, no sentido de vislumbrar as transformações sócio-culturais, sob o ponto de vista do convívio harmonioso ou antagônico, consensual ou conflitante, entre um grupo de piauienses, que têm características culturais próprias, e as culturas receptoras. Por esta razão, não se construirá um foco de abordagem levando em conta apenas a dimensão espacial, capitalista, arquitetônica e monumental. Ao contrário, será citada e permeada sob uma abordagem que leva em conta as atitudes, as identidades, as trocas, as tradições, as alteridades e as práticas sociais.

Busquei configurar como as representações são construídas e preservadas no inconsciente coletivo <sup>2</sup>, em relação ao estado de origem dos migrantes retornados, numa cidade onde prevalece uma ética burguesa, assentada no individualismo, no conflito e na mercantilização, que é São Paulo. Ademais, analisar os discursos, e refletir sobre a maneira como foi exteriorizado o imaginário urbano em relação a estes atores sociais. Nesse sentido, reporto-me a uma dada cultura, que esteve e continua sendo

---

<sup>2</sup> O inconsciente coletivo que o trabalho se baseia, respalda-se na teoria freudiana. Segundo esta idéia, nossas identidades são formadas com bases em processos psíquicos e simbólicos do inconsciente, que inclui língua, cultura e diferença sexual, e funciona de acordo com uma lógica diferente da razão, que considera o indivíduo provido de uma identidade fixa e unificada. In: HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 36-38.

representada por sujeitos anônimos, numa metrópole que permanece sendo “objeto de desejo” de grande parte dos nordestinos.

Ao chegar em solo paulistano inúmeras formas de percepção são ativadas. Alguma ou nenhuma identificação é percebida, ao mesmo tempo em que várias atribuições de significados são suscitadas pelo olhar do *outro*, através de uma lógica representativa que traz no seu bojo discursos “[...] que partem, quase sempre, de um olhar civilizado, de uma fala urbano-industrial, de um Brasil moderno, sobre um Brasil rural, tradicional e arcaico”.<sup>3</sup>

O espaço urbano foi identificado por Voltaire<sup>4</sup> como centro de difusão da cultura e da civilização, como uma espécie de patamar superior, no qual se entrelaçam várias realizações humanas, além de ser um núcleo difusor da novidade e do bem estar da vida. Por outro lado, a cidade comparece como pecado, como perversão, como reduto do vício, do perigo e do enfrentamento social, capaz de expor a miséria e a degradação da condição humana. É nela, também, que ocorrem transformações desencadeadas por lutas e diferenças: passado e presente, interior e exterior, modernidade e tradição. As cidades estão sempre em processo de destruição, para em seguida, ou concomitantemente, reconstituir-se. É dizimada ou arrasada, para depois ser embelezada através das cirurgias urbanísticas que desenham e redesenham o espaço e suas configurações, tanto em função da estética, quanto da ganância, da higiene, da técnica e do desenvolvimento.

Por essas nuances, entre o modelar e o remodelar a *urbe*, passam aspectos de destruição e preservação, com espaços, elementos e lugares que ancoram a nossa memória e despertam elementos de reconhecimento e pertencimento, como também o sentido de propriedade privada e coletiva. Pelas suas vias, elegemos espaços específicos que traduzem a nossa cultura ou a cultura do outro, à medida que esses lugares são capazes de dar significados às pessoas e a determinados grupos sociais.

Em se tratando de grupos, os piauienses certamente estabeleceram alguns elos ou rejeições, dependendo da experiência ou do ponto de vista de cada um, em relação à “selva de pedra” denominada São Paulo. Vindos de

---

<sup>3</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo, Cortez, 1999, p. 193.

<sup>4</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 78.

uma região caracterizada e apregoada como repleta de gente “[...] com quem se pode contar para o trabalho mais duro e a dedicação mais canina, desde que tratados de forma paternal”.<sup>5</sup>, esses sujeitos se inserem num contexto onde se refletem os dois lados da moeda: inclusão e exclusão, cordialidades e antropofagia.

A cidade moderna também tem desdobramentos que se estabelecem entre a norma e a transgressão, o público e o privado. Nela são revelados “[...] saberes específicos ou modalidades sensíveis de leitura do urbano: discursos médicos, políticos, urbanísticos, históricos, literários, poéticos, policiais, jurídicos, todos a empregarem metáforas para qualificar a cidade”.<sup>6</sup>

Uma cidade, portanto, abriga e contém muitas cidades. Nela, identificamos territórios diferenciados. “Ali é o bairro das mansões e palacetes, acolá o centro de negócios, adiante o bairro boêmio onde rola a vida noturna, mais à frente o distrito industrial, ou ainda, o bairro proletário”.<sup>7</sup> Ela é um imenso quebra-cabeça, feito de pessoas e peças diferenciadas, onde cada qual se reconhece em um determinado lugar, e se sente estrangeiro em outros, ou por vezes não chega a se sentir pertencente em nenhum momento.

Este movimento de separação e diferenciação das classes sociais, e suas respectivas funções e papéis no espaço urbano é denominado por estudiosos, como Maria Stella Bresciani, de segregação espacial. Evidentemente, os piauienses não escapam dessas conjecturas ao vivenciarem etapas de suas vidas num lugar tido como “terra de ninguém” e, ao mesmo tempo, “terra de todo mundo”. Afinal, o nordestino, incluindo o piauiense, não escapa desta fenomenologia sociológica e dicotômica, que corresponde ao rural e ao urbano, ao atraso e ao progresso, à pobreza e à riqueza.

Desde a descoberta da seca, em 1877, por parte dos representantes políticos da região Norte<sup>8</sup>, o aporte de argumentos para definir o nosso perfil sócio-econômico sempre paira na ritualidade pedinte junto aos governos do Sudeste e Sul, perpetuando as diferenças regionais que estão submetidas à lógica de uma demografia assimétrica, que acaba hierarquizando as culturas,

---

<sup>5</sup> Ibidem. p. 97.

<sup>6</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op., cit.*, 2004, p. 80.

<sup>7</sup> ROLNIK, Raquel. *Op., cit.*, 1995, p. 40.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Op., cit.*, 1999, p. 58.

e, por conseguinte, subjugando os valores dos povos que delas fazem parte. Por essas razões históricas, o migrante sempre é colocado numa situação de desvantagem, mesmo em se reconhecendo algumas mudanças conceptuais, seja em nível de reconhecimento intelectual, ou em razão da ascensão econômica.

O piauiense, ao optar ou decidir vivenciar em um espaço urbano, que sempre foi sinônimo de mercantilização, depara-se com falas, modos e gestos que diferem dos comportamentos grupais com os quais estava familiarizados. Passa, então, a conviver, de forma intensa, com vários recortes de classe, etnia, raça, gênero e (fundamentalmente) de culturas. Nessa teia sociológica, expressa-se uma integração ou uma segregação, dependendo da experiência de cada um, seja no local de trabalho, em espaços públicos, ou até mesmo nos locais de moradia.

A hibridização corresponde, entre outros aspectos, à adaptação, que é uma reação comum num encontro de culturas, visto que uma cultura passa a incorporar as partes de uma outra, tanto sob o ponto de vista tradicional como moderno. “[...] a adaptação corresponde à descontextualização e recontextualização. Um processo que diz respeito à retirada de um item de seu local original, e modificando-o, de forma a que se encaixe em seu novo ambiente”.<sup>9</sup>

Nas cidades, também assistimos “à cena clássica e cotidiana das grandes massas se deslocando nos transportes coletivos superlotados ou no trânsito engarrafado”<sup>10</sup>, imagens que traduzem algumas de suas tensões ou diferenciações sob máquinas e multidões, na linha do “trinômio do progresso, do fascínio e do medo”.<sup>11</sup> É também nestes espaços que, diariamente, a multidão de trabalhadores percorre grandes distâncias para ir trabalhar ou estudar, deixando alguns dos seus bairros completamente desertos durante o dia. Nas cidades somos atingidos por vários efeitos da urbanização e do progresso, através de vários mecanismos, como a pulverização dos transportes, torres, a poluição do ar e a poluição sonora, as tecnologias e os

---

<sup>9</sup> BURKE, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. São Paulo: DIFEL, 1992. p. 302.

<sup>10</sup> ROLNIK, Raquel. *Op.,cit.*, 1995, p. 42.

<sup>11</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: As faces do monstro urbano: as cidades no século XIX*. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 5 nº 8/9, abril, 1985. p. 37.

meios variados de comunicações, além da circulação ininterrupta de bens, capital, serviços e informações.

## A cidade de São Paulo

Fundada em 25 de janeiro de 1554, por dois padres da Companhia de Jesus, José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, esta metrópole era chamada inicialmente de São Paulo de Piratininga. Hoje, possui uma população de 12 milhões de habitantes e é considerada a terceira maior cidade do mundo. Em poucas décadas sofreu uma transformação brutal, sendo várias vezes construída, demolida e reconstruída. Bairros deterioraram-se dentro daquela cidade que formou tecidos urbanos, por conta da pressa da globalização, constituindo uma cultura metropolitana, ao mesmo tempo civilizada e incivilizada, “[...] baseada em auto-soluções para a sobrevivência, gerando criatividade e solidariedade, mas também o narcotráfico, a violência, a criminalidade e relações apartadas”.<sup>12</sup>

Uma cidade com as dimensões de São Paulo, envolve questões macro e micro econômica, além, evidentemente, de oferecer um caráter multicultural considerável. Lá se estabelecem relações tecnológicas, de lucratividade, investimentos, fluxo de capital, desigualdades, emprego e estratégias de sobrevivência da população mais pobre, que por vezes, se sente desalojada e apartada de uma qualidade de vida que fora proposta pela visão de modernidade urbana, mas que não tem garantido ou possibilitado a

[...] participação democrática no planejamento urbano, na gestão e nos usos da cidade, em questões de proporcionalidade entre espaços de domínio público e privado, formação ou manutenção de identidades pessoais, de grupos e etnias, possibilitadas pelo cosmopolitismo e pelas condições para o advento de cidades mundiais e receptivas a todo tipo de cidadãos e suas culturas.<sup>13</sup>

A partir dos anos 1950, com a instalação de indústrias na Região Metropolitana de São Paulo, um contingente de trabalhadores foi para lá,

---

<sup>12</sup> MIRANDA, Danilo Santos. *Reflexões sobre a cidade de São Paulo*. Revista do Sesc: São Paulo, nº 35, janeiro, 2004. p. 17.

<sup>13</sup> Ibid. Id.

criando condições espaciais que ainda hoje estão fortemente presentes em seu funcionamento. Este singular crescimento da capital paulista, além de bastante conhecido, é também discutido por teóricos e pesquisadores de várias áreas do conhecimento. Localizada num planalto, próximo da Serra do Mar e do Porto de Santos, São Paulo aos poucos concentrou a exportação regional e a importação de mercadorias em diversos ciclos da economia, acumulando o capital necessário para a industrialização, atraindo grandes contingentes de população que estavam, e estão, à procura de trabalho e dos serviços públicos.

No início dos grandes fluxos migratórios, a partir da Segunda Guerra Mundial até o fim da década de 1970, o objetivo do trabalho naquele centro industrial estava no aumento da capacidade de consumo de mercadorias, como rádio, geladeira, televisor, bem como a inclusão do trabalhador e familiares no sistema público de saúde, previdência e educação. Essa acelerada urbanização criou uma organização caótica, com as moradias sendo jogadas em grande quantidade para a periferia, cujos personagens centrais eram migrantes.

Desenraizado e afastado do círculo de suas relações sociais, o migrante de São Paulo foi levado a criar um estilo de vida determinado pelas condições de sobrevivência que foi obrigado a enfrentar. Vivendo em habitações mais baratas, e por isso acanhadas e distante do local de trabalho, enfrentando longas horas de percurso em um trânsito caótico, e alimentando-se inadequadamente. Este migrante muitas vezes é obrigado a se afastar das relações de vizinhança e parentesco, apressando o ritmo de vida e fugindo do contexto urbano no tempo livre.<sup>14</sup>

O migrante não estava acostumado a um estilo de vida tão sacrificado, baseado quase sempre no trabalho, no compromisso, na pressa e na renúncia. Uma rotina que reflete os refrões que foram criados para traduzir a cidade de São Paulo: “aqui se trabalha”, “São Paulo não pode parar”, “o paulistano é sério e não sabe se divertir”, “o paulistano está sempre com pressa”, “respira fumaça”, dentre outros. A referência que se tem da qualidade de vida e da auto-estima dos habitantes daquela cidade, passa, fundamentalmente, pelo fator tempo. Também não se pode desconsiderar que dos anos 1950 para cá, muita coisa mudou. Novos objetos de desejo, novos signos e novas relações

---

<sup>14</sup> Ibid. Id.

sociais foram sendo estabelecidas no cotidiano daquela cidade, inclusive a postura e a concepção em relação ao migrante que chegou no período áureo, e que hoje tem família constituída em São Paulo, com direito à patrimonho e herdeiros, e que dificilmente se readaptaria ao clima da sua região, ou ao estilo de vida do seu local de origem.

Ademais, após este período, mudanças de ocupação do espaço urbano ocorreram: a taxa de natalidade decresceu, as migrações diminuíram, o êxodo aumentou, além desta metrópole ter mergulhado na era pós-industrial <sup>15</sup>, caracterizada pelas tecnologias da informação, automação da indústria, dispersão territorial e o predomínio dos serviços. Esse processo da desindustrialização de São Paulo decorre do uso cada vez mais intenso da informática e automação, desconcentrando moradias, trabalho, circulação de bens, cultura e lazer, que vão gerando outras necessidades.

São Paulo é, sem dúvida, síntese da problemática socioeconômica brasileira, e, até certo ponto, mundial. Metrópole dos encontros e desencontros, conflitos e harmonias, pobreza e riqueza, espaço de culturas onde florescem e desabrocham idéias e comportamentos os mais variados. Uma “produção da alma humana”, um meio urbano caótico e excludente, tendente a produzir uma sensibilidade anárquica, que reflete todos os anseios do homem, em todas as direções, em conflito ou em harmonia com as relações sociais circundantes. “Exacerbação daqueles aspectos do homem com que a cidade não fala. Denuncia aquela parte de nós que não encontrou abrigo no meio urbano”. <sup>16</sup> Dimensões que o migrante, tendo em vista suas raízes culturais, tem dificuldade de prospectar vivências para além da vida no trabalho, e para além da subsistência.

As cidades se destacam em todas as civilizações. Sempre foram síntese do modo de vida, representaram épocas de conquistas e são pólos irradiadores que impulsionam as transformações, a inovação e a criação política, social, econômica e até espiritual. Em sua estrutura, localizam-se a arte, a filosofia, os costumes, as tradições e as memórias.

---

<sup>15</sup> JANNUZZI, Paulo de Martino. *Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista*. Campinas, SP: Autores associados, 2000. p. 1.

<sup>16</sup> *Ibidem* 18.

A recuperação desse papel civilizatório para cidades caóticas, que cresceram às pressas, excluindo as necessidades da maioria, deverá está num planejamento que possibilite a coexistência da vida comunitária, com a desordem da sensibilidade, da criação, do coletivo com o individual, do racional com o mítico, do real com o imaginário, da dedicação com o prazer, do trabalho com o lazer, do técnico com o simbólico, do espaço aberto com o fechado, do público com o privado.<sup>17</sup>

Todas estas dicotomias condizem com o caráter muticultural e a pluralidade que está na raiz da formação e da realidade de São Paulo, assim como imigrantes e migrantes, que certamente contribuíram com a visão pós-moderna de recortes culturais diferenciados, seja na via do domínio da tecnologia e suas respectivas informações impessoais, seja primando pelo contato face-a-face enquanto atitude que melhor representa as sociabilidades, apesar das diferenças ou diferenciações que, às vezes, provocam a mais temível relação social, que é a intolerância com o diferente.

## O ato de migrar

Os migrantes piauienses, ao chegarem a São Paulo, passam a conviver com todo esse panorama, inédito, e que não fazia parte da sua rotina anterior. Alguns deles saíram (e saem) diretamente do seu povoado, ou da sua “cidadezinha”, para enfrentarem as “astúcias” cotidianas desta cidade, que Mário de Andrade denominou de arranha-céus. Nesse bojo, considero, destacadamente, o fenômeno cultural, uma vez que, na acepção moderna de cidade, a urbe é observada e considerada como o espaço por excelência, das alterações e trocas pluri e multiculturais.

Essas imbricações levam-me a problematizar a profundidade das relações humanas na perspectiva migratória de um grupo de cinco piauienses que retornaram a morar em Teresina. Dentre outras questões: o que de fato estimulou a saída, assim como o retorno desses conterrâneos? Quais sonhos e perspectivas foram alcançados? Quais mudanças culturais foram provocadas? Como ocorreu a receptividade no local de destino e no momento do seu retorno à cidade de origem? Quais identificações nas trocas culturais? A cordialidade

---

<sup>17</sup> Ibid. Id.

foi estabelecida através da “aceitação”, ou os meandros da “rejeição” estiveram presentes nessa convivência? Quais aspectos de memória ficaram inalterados no decorrer desses ritos de passagem entre a ida e o retorno? Quais mudanças ocorreram no viés da identidade cultural em suas respectivas tradições ou traduções? Como conseguiram manter os vínculos com os familiares, amigos ou vizinhos durante o tempo em estiveram ausentes?

A migração envolve uma série desses conflitos que implicam aspectos inerentes ao modo de vida, costumes e tradições, visto que num conglomerado urbano afloram-se fatores implícitos e explícitos das diferenças regionais. Sem incorrer no estigma da superioridade ou da inferioridade, mas tão somente buscando a compreensão em relação à maneira como nossa cultura é traduzida, percebida ou reconhecida.

São muitos os significados históricos que pairam neste tipo de mobilidade social. Seja por meio do seu conteúdo simbólico, das suas representações sócio-históricas, seja através de suas sensibilidades, identificações, categorizações ou mesmo classificações.

Nessa conjuntura sócio-cultural, destaca-se a categoria sensibilidade, visto que a história cultural busca distanciar-se da rigidez conceitual e privilegiar sentidos, percepções e valores individuais. Ademais, os atores sociais que fazem parte desta pesquisa científica têm, cada um a seu modo, um ponto de vista em relação ao que vivenciou nesses ritos de passagens.

O primeiro deslocamento inaugura o primeiro rito de passagem. Ele serve para marcar o desligamento dos pais, da família nuclear, ou mesmo da comunidade de origem, em função da aspiração de se tornarem autônomos. Ainda que no lugar de destino haja a presença de parentes ou amigos conterrâneos, o corte simbólico da raiz é realizado pela migração.<sup>18</sup>

Esse corte simbólico da raiz inaugura a possibilidade de conquistar sua independência e autonomia. Essa saída é elaborada a partir de uma expectativa relacionada com um futuro mais promissor, vislumbrado fora do lugar de origem e alimentado durante algum tempo, mesmo que às vezes esse sonho seja atropelado por desilusões ou frustrações, dependendo da

---

<sup>18</sup> CAVALCANTI, Helenilda. *O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 149. In: BURITY, Joanildo A (org.). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

experiência de cada indivíduo.

De todo modo, sabe-se que a presença de elementos de fora (de outras cidades) se dá através das interconexões com outras culturas, seja pelos meios de comunicação, seja pela intensa troca de informações e notícias dos conterrâneos que já saíram e regularmente mantêm contato com seus amigos e familiares, ou através daqueles que foram e voltaram num circuito de migração de retorno.

O segundo deslocamento diz respeito ao segundo rito de passagem, e corresponde ao retorno à cidade de origem (Teresina). Este segundo rito marca o desligamento com os laços de amizades concretizados durante a sua permanência na cidade de destino (São Paulo), que corresponde aos próprios conterrâneos, vizinhos, relacionamentos afetivos e colegas de trabalho. É uma espécie de ciclo de mudanças num “curto” espaço de tempo, que Hélio Moura<sup>19</sup> denomina de migração de curta duração.

Nesse sentido, a migração em si, é indicadora não só da sociedade e das relações de força entre regiões, mas também é fundamentalmente reveladora dos dilemas e conflitos subjetivos, a que está afeito todo aquele que se desloca.<sup>20</sup>

O migrante sai de um universo cultural recebido por herança desde o nascimento, e vai em direção a outro, em que tudo é desconhecido. Passa a vivenciar objetivamente o que encontrou na cidade que era seu “objeto de desejo” e depois de um curto espaço de tempo decide retornar. É um fenômeno social que para alguns pesquisadores se define como migração de retorno, e reemigração para outros. Ambas as situações ocorrem por conta da dificuldade de adaptação na localidade de destino, por razões diversas, como trabalho, renda, transtorno emocional, família, violência, saudade, dentre outras.

Ao todo, são cinco entrevistados, que, ao retornarem ao Piauí, optaram por morar na cidade de Teresina. Talvez alguns deles tenham vivenciado aquilo que Ribamar Ramos sentiu quando fez o mesmo trajeto.

---

<sup>19</sup> MOURA, Hélio. *A migração nordestina em período recente – 1981/1986*. Cadernos de estudos sociais. Recife: Massangana, vol. 15, n. 1, jan-jun. 1999.

<sup>20</sup> CAVALCANTI, Helenilda. *Op. cit.*, 1999. p. 148.

Poeta que durante a juventude morou em Teresina, ao retornar, depois de longa temporada de ausência, teria afirmado para um amigo que não voltaria outra vez à cidade. O seu interlocutor teria perguntado a razão dessa decisão. A resposta foi imediata: A Teresina do meu tempo, já não existe mais.<sup>21</sup>

O choque cultural que este grupo de piauienses sentiu corresponde tanto à ida como à volta. De acordo com, os entrevistados, os motivos que os levaram foram os sonhos e os que os trouxeram, têm, na sua raiz a saudade. Saudade de um tempo já vivido e do afeto familiar, mas que ao se deparar com o cenário que eles deixaram, já não o encontram como outrora. Uma espécie de melancolia toma conta do espírito e da alma dos sujeitos que experimentam esse processo. Perdidos no seu próprio território, esses homens e mulheres vasculham os caminhos já percorridos, na intenção de encontrarem seus vestígios e, certamente, se reencontrarem em um tempo e um espaço já modificado e, portanto, sem as mesmas referências materiais. Para isso, contam tão somente com a maior das faculdades humanas, que é a memória.

É uma busca de sentido e de explicação em termos de raízes culturais. Um desejo de pertencimento em relação às suas origens, que, paradoxalmente, quando nela se está, ou “[...] quando as temos, podemos permitir-mos esquecê-las. Mas quando as perdemos, vamos em busca delas”.<sup>22</sup> Essas postulações rompem com a visão naturalista de cultura, por valorizar não somente o aspecto físico, mas, fundamentalmente, o modo de vida, as tradições e as sociabilidades específicas.

O modelo de economia latifundiária e escravocrata do Nordeste foi considerado como responsável pela “expulsão” de muitos nordestinos para outras regiões do país. Essa observação é pertinente, haja vista que as desigualdades econômicas entre as regiões brasileiras provocam nessas populações esse tipo de mobilidade social. A região Sudeste sempre foi a “miragem” de uma vida melhor para alguns nordestinos e, obviamente, para os piauienses não foi diferente.

Mas o que é este processo de migração? É tão somente um grupo de pessoas que saem de algum lugar e vão para outro? Certamente não, pois

---

<sup>21</sup> NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *Em busca de uma cidade perdida*. In: PINHEIRO, Áurea da Paz et al. (Orgs.). *Cidade, História e Memória*. EDUFPI: Teresina, 2004, p. 199.

<sup>22</sup> BURKE, Peter. *Op., cit.*, 1992. p. 249.

esses movimentos populacionais têm várias implicações. Segundo Paulo Jannuzzi<sup>23</sup>, é um processo social recorrente e emergente, que se caracteriza por suas implicações e significados importantíssimos. São Paulo, nesse sentido, é, sem dúvida, o maior palco desses movimentos, que englobam as mais variadas modalidades, envolvendo contingentes bastante diversos de pessoas, culturas, origens e etnias. Por essa razão, ainda atrai um número considerável de populações, das mais diferentes regiões do mundo.

Esta dissertação analisa os ritos de passagens de piauienses que migraram para aquela metrópole a partir da década de 1980. Isso significa que se trata de uma fase que cobre o final do ciclo expansionista, ou, como foi denominado no período, o milagre econômico, na década de 1970. Após a década de 80, que corresponde ao período inicial desta pesquisa, é tida como o período das inflexões desenvolvimentistas para alguns autores. Por essa razão, denominada de década perdida, já que, a partir de então, teria começado uma fase de instabilidade macroeconômica, que indiscutivelmente tem reflexos na dinâmica migratória.

Os anos 80 é considerado como um período de inflexão econômica e inflexão expansionista e, por conta disto, teria havido uma diminuição migratória para a cidade de São Paulo. A redução dessa mobilidade para a Região Metropolitana de São Paulo – RMSP,

[...] assim como o aumento da importância dos fluxos de retorno a partir dela, têm sido relacionados como sinais manifestos de uma menor capacidade de absorção do mercado de trabalho paulistano nesta década, em contraposição à 'virtuosa' relação entre dinamismo na criação de emprego e alta intensidade migratória nos decênios anteriores. Nesta linha de raciocínio, a crise e a instabilidade econômica dos anos 80, teriam criado condições desfavoráveis à vinda de certos fluxos de migrantes para a RMSP, como também uma situação mais adversa à permanência dos recém-chegados, dos naturais e migrantes já residentes há algum tempo.<sup>24</sup>

As décadas de 1990 e 2000 também se mostraram com outras condições econômicas e mercadológicas, revelando outros aspectos classificatórios e qualitativos na metrópole brasileira, e que são necessárias serem citadas

---

<sup>23</sup> JANNUZZI, Paulo de Martino. *Op., cit.*, 2000. p. 1.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 1.

nestas conjecturas sócio-econômica, levando em conta que não se pode perder de vista um dos aspectos motivadores dessas migrações, que é a ascensão sócio-ocupacional ou sócio-econômica desse grupo de cinco retornados.

A partir dessa conjuntura, é possível perceber quais as dificuldades, atropelos, concretizações e realizações ocorreram, considerando que a análise desse tempo e espaço geográfico tem relação direta com parâmetros de mobilidade ocupacional, cujo contexto, nesta pesquisa, vai do final dos anos 80 a 2005. Diferindo, portanto, dos tempos áureos, onde os fluxos migratórios rurais-urbanos, ou Piauí - São Paulo, se realizavam sob um dinamismo mercadológico industrial, que abrigava a mão-de-obra recém-chegada.

Portanto, o cenário dos últimos 25 anos, que é o objeto de pesquisa deste estudo, começava a se modificar, já que as transformações ocorriam não mais no sentido agrário-urbano, mas urbano-tecnológico, posto que a economia brasileira, e em especial a paulistana, não estava mais concentrada só na indústria.

Na Década Perdida (80), ainda que o emprego urbano continuasse se ampliando, oferecendo oportunidades para quem saía do campo, para quem não fosse qualificado, para quem viesse do Nordeste, as condições oferecidas já não eram as mesmas prevalecentes no período em que a industrialização acelerada espalhava seu dinamismo, criando postos de trabalho mais bem remunerados, com níveis crescentes de formalização das relações de trabalho nos demais setores ocupacionais urbanos (a custos da concentração de renda e riquezas, vale acrescentar).<sup>25</sup>

Começa-se a viver os efeitos da expansão e também da saturação da indústria, que dava um novo panorama ao comércio, aos transportes, aos serviços, à administração pública e ao desenvolvimento tecnológico, gerando novos postos de trabalho e novas ocupações urbanas, que já não correspondiam mais a trabalhos manuais, mas sim a tarefas com exigência de maior qualificação e aprimoramento. Esses parâmetros não podem ser omitidos, já que dos cinco entrevistados, três têm nível de graduação universitária. O que implica dizer que se aventuraram na concorrência de um

---

<sup>25</sup> Ibid. p. 3.

mercado de trabalho, onde já não tinha importância o extrativismo, a mecânica, a agropecuária ou a manufatura. Ao contrário, a demanda, gerada pelos efeitos da industrialização, correspondia ao setor terciário, de serviços e, também, da tecnologização.

Essas evidências vão ao encontro da teoria da migração, sendo que esta “[...] sempre foi encarada como a resultante de um cálculo microeconômico, entre as perspectivas oferecidas na sociedade de destino, frente às condições prevalentes na sociedade de origem”.<sup>26</sup> Estas considerações condizem com o que os migrantes retornados colocaram em relação aos seus anseios e conquistas, e também diz respeito à ascensão econômica.

Os retornados entrevistados chegaram à cidade dos arranha-céus após os anos profícuos, o que sugere mais competitividade e antagonismos, além, evidentemente, de dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Segundo J. Pastore<sup>27</sup>, esta situação de maiores dificuldades está ligada à ocorrência da diminuição das oportunidades de trabalho, como também ao fato de que para uma pessoa conquistar seu espaço é preciso que outra fique em desvantagem. É o início da era da mobilidade circular, que começa com o aumento do fenômeno da mobilidade estrutural.

Esses migrantes retornados chegaram à capital paulista após a Década Perdida (80), enfrentando, portanto, a fase caracterizada como Década mais do que Perdida, que corresponde aos anos 90. O que implica dizer que, ao chegarem ao seu lugar de destino, pelo desconhecimento dos mecanismos de funcionamento do mercado de trabalho, a situação de sobrevivência era uma incógnita, mesmo considerando que quase todos os entrevistados tinham referências familiares capazes de contribuir neste processo de chegada e de adaptação.

Segundo ainda Jannuzzi<sup>28</sup>, migrante é todo indivíduo não natural que reside em um determinado município. Ele chega a considerar como migrantes novos, aqueles que têm até cinco anos de residência e, os antigos, os que passaram deste período quinquenal. Nesta pesquisa, englobam-se migrantes

---

<sup>26</sup> PACHECO, C. A & PATARRA, N. *Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões?* In: PATARRA, N. et al. *Migração, condições de vida e dinâmica urbana: 1980-1993*. Ed. IE/UNICAMP-FAPESP, 1997, p. 25.

<sup>27</sup> PASTORE, J. *Profissionais especializados do mercado de trabalho*. São Paulo: FIPE/USP. p.57.

<sup>28</sup> Op. Cit. p. 26.

que residiram entre 03 até 13 anos na cidade de São Paulo. Dados revelam que na linha da objetividade, “[...] entre os anos de 1988 a 1995, os migrantes nordestinos mantiveram participação significativamente maior, na condição de desempregados, e na condição de ocupados nos setores da construção civil e serviços domésticos”.<sup>29</sup>

Esta constatação indica que a mão-de-obra nordestina, no geral, era tida como desqualificada. O panorama tem se modificado, além de se levar em conta que este perfil não é invariável, considerando que a escolaridade de quatro dos retornados correspondente ao nível médio e uma entrevistada já possuía nível superior. Isso significa que chegaram a São Paulo com pouca qualificação profissional, e foram se aprimorando. Some-se a isso o fato de todos eles já terem participado do mercado de trabalho no lugar de origem. Outro aspecto a considerar é que três deles conquistaram progressão educacional, e todos acumularam experiência. Portanto, nenhum deles sofreu o processo de precarização das relações de trabalho.

Os entrevistados partiram de um lugar considerado de médio porte, que corresponde a uma cidade com mais de 100 mil habitantes, localizada na zona urbana, que é a capital do Piauí, Teresina. Ao retornarem, optaram por residir no mesmo lugar, não havendo etapas intermediárias entre os ritos de passagens. Ou seja, os ritos são concernentes a Teresina - São Paulo – Teresina, e na primeira e única migração, já tinham como destino, o núcleo metropolitano.

## Considerações sobre o Estado do Piauí

O Estado do Piauí teve sua ocupação a partir da segunda metade do século XVII. Os primeiros habitantes foram os índios, que mais tarde dividiram o espaço territorial com baianos, pernambucanos e paulistas. O povoamento deste estado ocorreu do sertão para o litoral, diferente dos outros estados do litoral brasileiro.<sup>30</sup>

A capital do Piauí, Teresina, é a única da região Nordeste que está

---

<sup>29</sup> ARANHA, V. *Migração na metrópole paulista: uma avaliação segundo a PED e PCV*. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, X, out., Caxambu. Anais: Belo Horizonte: Abep, 1996. V. 2, p. 705-724.

<sup>30</sup> GUIA TURÍSTICO E CULTURAL DO PIAUÍ. 2. ed., Teresina: PIAUITOUR LTDA 2005. p. 9.

localizada no interior. No decorrer dos séculos XVII e XVIII, a vida da família piauiense transcorria no sertão, cujo símbolo era, e ainda é, o vaqueiro. Ela foi cognominada pelo poeta Coelho Neto de Cidade Verde, e anteriormente era chamada de Vila Nova do Poti. Em 1852, foi escolhida para ser a capital do Piauí, em função do imaginário progressista, que acreditava ser este espaço favorável à comunicação e ao transporte, uma alternativa capaz de solucionar os problemas do homem moderno. Localizada na margem direita do Rio Parnaíba e na confluência com o Rio Poti, hoje conta com mais de 830 mil habitantes e dispõe de um acervo cultural variado.<sup>31</sup>

Esses meandros espaciais e geográficos situam a problematização cultural e social desses atores sociais. Afinal, a objetividade que está imbricada nas condições materiais e econômicas tem relação direta com a subjetividade do modo de viver, idealizar, sonhar, sentir e pensar destes atores sociais. Essas histórias de vidas não têm valor apoteótico, mas tão somente um caráter histórico e cultural que estão arraigados nas origens desses migrantes.

A perspectiva histórica desta pesquisa respalda-se nas reflexões que tiveram maior dimensão a partir da década de setenta do século XX, momento em que determinados temas, problemas e abordagens passaram a ser investigadas sob o viés de concepções teóricas e campos temáticos que ampliaram conceitos de história cultural - representações, identidades, cidades, sensibilidades, memórias e imaginário urbano.

No decorrer dos três capítulos que formam o corpo deste trabalho, serão feitas conjecturas abstratas, que envolvem o pensamento, a experiência, o sentimento, a cultura, a fala e outros elementos que estão condizentes com um importante tipo de registro historiográfico – a História Oral.

## **A História Oral**

Esta técnica de pesquisa valoriza o caráter subjetivo das fontes. Desde 1992, o Brasil tem se destacado internacionalmente nessa área. Uma característica da tradição internacional da história oral tem sido a sua qualidade prática, o envolvimento pessoal e a disposição em confrontar-se diretamente

---

<sup>31</sup> GUIA TURÍSTICO E CULTURAL DO PIAUÍ. Op., cit., 2005.p. 9.

com a realidade do campo que se pesquisa.

A abrangência da história oral é interdisciplinar, e está relacionada ao seu importante papel na interpretação do imaginário e na análise das representações sociais. Neste caso, a técnica da entrevista possibilitou o registro de experiências humanas. Melhor dizendo, as falas dos migrantes retornados piauienses são as reais fontes para a análise desse fenômeno de mobilidade social.

A primeira experiência da história oral, como uma atividade organizada, foi em 1948, com o lançamento do *The Oral History Project*, pelo professor Allan Nevis, na Columbia University, em Nova York. No Brasil, uma das primeiras experiências com história oral ocorreu em 1971 no Museu da Imagem e do Som, MIS/SP, que ao longo dos anos tem se dedicado à preservação da memória cultural brasileira.

A partir de 1990, a história oral começou a ser mais divulgada, e tem sido cada vez mais desenvolvida e visibilizada. Porém,

[...] apesar da dimensão que a história oral tem atingido no debate sobre as tendências da historiografia brasileira contemporânea, há ainda grupos de pesquisadores que não aceitam a história oral pela seletividade, alegando também a falibilidade das fontes orais. Esses integram uma tradição historiográfica centrada em documentos oficiais ou congêneres.<sup>32</sup>

Essa postura é creditada ao fato de que a academia tem, na sua origem, uma forte influência francesa, que, durante décadas, seguiu pressupostos positivistas. Outros associam o tardiamento de penetração da história oral no Brasil, ocorrida somente nos anos 80 do século passado, e destacadamente nos anos 90, ao episódio militar de 1964, que impedia a liberdade de expressão e de opinião.

Em consequência disso, houve retraimentos em relação a projetos com o uso de tal metodologia, ao passo que nos outros lugares do mundo, proliferavam trabalhos neste sentido. De todo modo, o aporte metodológico desta pesquisa, sobre os ritos de passagens de migrantes retornados

---

<sup>32</sup> FREITAS, Sônia Maria de. *História oral. possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002. p. 37.

piauienses, está diretamente ligado à técnica da história oral, diferindo, de certa forma, da tradição historiográfica que sempre elegeu documentos ou testemunhos escritos.

Esta pesquisa desenvolveu-se, considerando o valor histórico-social do conteúdo das entrevistas, que tem correspondência, naturalmente, com a confiabilidade da palavra de cada um, e conseqüentemente, é um reconhecimento à solidez dos aspectos subjetivos, que são inerentes a este método. Nesta linha metodológica, destaca-se, também, a introdução de diversos aspectos da vida social nos estudos da história, como a vida diária, o povo e as coisas. Coisas que a humanidade produz ou consome, como alimentos, vestuário, habitação, moeda, cidades, a civilização material e tudo que diz respeito às representações coletivas. Afinal, a história se faz com documentos escritos, mas ela pode fazer-se sem tais documentos, se eles não existirem.

Também são valorizados as falas, os signos e as imagens, tendo em vista que os nomes desses piauienses não se encontram em livros, anais ou jornais. O documento que irá refletir a experiência migratória é simplesmente a oralidade, transposta pela evocação da memória. Seja por meio de cartas, fotografias, recordações ou lembranças, que são aspectos indiscutivelmente expressivos em relação à presença, à atividade, à experiência e à maneira de ser e pensar de cada um dos migrantes. Esses parâmetros dizem respeito a uma mudança de conceitos e de abordagens, que foi chamada por Peter Burke<sup>33</sup> de Revolução Francesa da Historiografia, mais tarde denominada de Nova História, tendo em vista que passou a considerar elementos como o cotidiano e as mentalidades.

Portanto, essa pesquisa se utiliza da metodologia oral, que tem como valor documental, a palavra e o ponto de vista dos entrevistados, que raramente compõem os estratos sociais privilegiados. Embora a migração tenha sido uma decisão “dolorosa”, tendo em vista o desligamento com suas tradições, pais, amigos, e, por extensão, com a comunidade de origem, eles enfrentaram esta situação em razão de aspirações econômica, profissional, além de outros motivos. Nesse sentido, o registro oral passa a ser considerado

---

<sup>33</sup> Ibidem. p. 42.

como um documento, e enquanto tal, sujeito a diversas interpretações, que são possibilitadas pela reconstituição tanto do passado quanto do presente.

Outro aspecto enriquecedor na coleta deste tipo de depoimentos é o fato de se recuperar a palavra de indivíduos que, sem a mediação do pesquisador, não poderiam deixar registrado testemunho algum. Ademais, as versões ou declarações deste grupo de migrantes poderão apontar continuidades, identificações, descontinuidades, contradições ou consenso entre os pontos de vista, revelando a potencialidade deste tipo de fonte e recuperando o indivíduo como sujeito no processo histórico.

Sônia Freitas<sup>34</sup> afirma que na história oral o entrevistado é considerado um agente histórico. Nessa linha de raciocínio, o fato de se recuperar a sua visão acerca de sua própria experiência, como também dos acontecimentos sociais dos quais participou, é crucial para dar esta dimensão. O recorte desses relatos corresponde à história de vida, pelo fato de buscar os sentidos e significados desta experiência da migração, com aporte na sensibilidade, que segundo Sandra Pesavento<sup>35</sup>, corresponde ao núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana no mundo, e está repleta de elementos cognitivos, lidando com as sensações, com o emocional e com a subjetividade. Esta epistemologia traduz,

a rigor, a preocupação com as sensibilidades da história cultural, e que trouxe para os domínios de *clio*, a questão do indivíduo, da subjetividade e das histórias de vida. Não mais, contudo, uma história biográfica, dos grandes vultos da história, mas muito mais biografias de gente simples, da gente sem importância, dos subalternos. Uma história de indivíduos que deriva, assim, de uma história social renovada, do estudo dos pobres, dos subalternos enquanto classe ou grupo, detentores de uma expressão cultural dita popular [...] uma história de vida das pessoas humildes, na qual possam ser surpreendidos os sentimentos, as sensações, as emoções, os valores.<sup>36</sup>

Este último aspecto vai ao encontro da linha de pesquisa sobre os migrantes, principalmente considerando os seus valores culturais, enquanto referências destacáveis desse grupo, que pertence a uma região tipicamente tradicional e que, por conta da migração, teve que se adaptar em um outro

---

<sup>34</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>35</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

<sup>36</sup> Ibidem, 56.

lugar e espaço, experimentando intersubjetividades e o sentido do desenraizamento, cujas significações são por demais complexas e dinâmicas.

Dentro desse enfoque,

[...] o desenraizamento configura-se como o desencontro do ser, naquilo que lhe é dado tradicionalmente como substancial para pertencer a um grupo social. Na mesma linha de pensamento, o enraizamento seria a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana, e, portanto, uma das mais difíceis de definir. O indivíduo tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade, que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.<sup>37</sup>

A vida dos depoentes tem sentido social e alguns leitores poderão sentir-se parte do contexto que fora relatado. De forma plena ou não, essa condição de indivíduos itinerantes, que buscam sobrevivência em outros lugares, é indicadora das condições culturais, materiais e abstratas. “Entre o sair e o chegar, ocorre um processo duplo, que vai das ilusões dos emigrantes, ao sofrimento do imigrante, que atravessa a fronteira do estabelecido e do desconhecido”.<sup>38</sup>

Uma história identificada como “vista de baixo”, que oferece uma alternativa documental diferente da tradicional, e ao mesmo tempo, rica em elementos plurais, capazes de proporcionar originalidade através desta experiência coletiva, elegendo campos temáticos como é o caso de negros, índios e várias outras etnias. No caso da migração, tornar-se-á possível publicizar ou registrar fatores que permeiam a decisão do ir e vir e as nuances relacionadas à adaptação e convivência cultural, uma vez que:

A história oral pode ser de todos, mas preferencialmente tem sido feita sobre grupos menos contemplados pela história oficial. Movimentos de minorias culturais e discriminadas, como por exemplo, mulheres, negros, desempregados, além de migrantes, imigrantes e exilados, que por suas experiências vividas sob diversificadas circunstâncias, encontram espaço para manifestar suas memórias e ponto de vista coletivo.<sup>39</sup>

<sup>37</sup> CAVALCANTI, Helenilda. *Op., cit.*, 2002. p. 144.

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 148.

<sup>39</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 43.

Ela já fora considerada como “ferramenta”, “técnica”, “disciplina” e, por fim, “método”. Tem um perfil multidisciplinar e processa através de três tempos de narrativas. Uma que segue uma seqüência cronológica dos fatos, em geral um tempo remoto, distante, que é tido como “tempo antigo”. Outra que é considerada como dos acontecimentos centrais e determinantes, chamado de “tempo das mudanças essenciais”, e, por fim, o da captação do depoimento, chamado “tempo da narrativa”. É no tempo dos acontecimentos ou “tempo das mudanças essenciais”, que ocorreram e ocorrem fatos concretos da vida e que marcam alterações significativas.

Quase sempre esse tempo remete a circunstâncias que impõem transformações conseqüentes, tanto em termos da vida individual, como da coletiva. Abalos sísmicos, cataclismos, secas, fenômenos como guerras, pestes e fome, seriam alguns exemplos da presença desses eventos substanciais. A imigração, o exílio, os retornos, são marcas desses momentos relevantes.<sup>40</sup>

A narrativa dos migrantes, decerto, se encaixa nessa proposição do tempo dos acontecimentos, por ter esse tempo, a capacidade de transformar hábitos, comportamento, ou, por outro lado, contribuir com a absorção de novos referenciais em nível de cultura. Nessa perspectiva, este trabalho identifica-se com a corrente classificatória da história oral culturalista, que se aproxima da vertente subjetiva, e se difere da linha cronológica, que valoriza fatos oficiais e comemorativos.

No primeiro capítulo, trabalho os conceitos e imbricações correspondentes à hibridização cultural, tendo em vista que este processo envolve a esfera econômica, social, política, e de forma enfática, a cultural, considerando o conceito de cultura num sentido amplo, capaz de incluir atitudes, mentalidades, valores, expressões, concretizações, simbolizações e representações sociais que refletem as trocas culturais deste grupo de retornados, com as culturas anfitriãs.

No segundo capítulo, abordamos as conjecturas que dizem respeito à identidade cultural, posto que por trás das cordialidades que marcam os relacionamentos pessoais, em algumas situações existem diferenciações

---

<sup>40</sup> Ibidem, p. 48.

rígidas que limitam o caráter democratizante das práticas afetivas e gentis. Além disso, o marco referencial do piauiense, considerando as falas dos migrantes retornados, tem como principal elemento de identidade cultural, a simbologia do retirante, já que migrar geralmente é visto como um fato social e está relacionado à superação da miséria.

No terceiro capítulo, denominado de memória cultural, são reveladas as ligações que os retornados mantiveram com seus entes queridos e com os lugares de memória durante a sua permanência na cidade de São Paulo. Além disso, são abordados aspectos evocativos, relacionados aos sensórios, como o paladar, música, cartas e fotografias, que são tidos como elementos constituinte de identidade cultural, tanto no aspecto individual quanto coletivo. A memória é também “[...] um fator extremamente importante do sentimento de continuidade, e de coerência de uma pessoa ou de um grupo, em sua reconstrução de si”.<sup>41</sup> Neste processo de hibridização e de troca cultural, certamente ocorreu mudanças, mas, fundamentalmente, marcas de uma experiência que para todos os migrantes entrevistados, valeu à pena.

---

<sup>41</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990. p. 139.

## 1 HIBRIDISMO CULTURAL E OS INTERCURSOS DOS SUJEITOS FORA DO LUGAR DE ORIGEM

Considerando estes ritos de passagens que os migrantes vivenciaram, este trabalho tem uma característica ímpar, que envolve os encontros culturais de um grupo de piauienses com comunidades metropolitanas. Por esta razão, justifica-se o título dado, *Hibridismo Cultural*, tendo como referência o conceito de híbrido elaborado por diferentes críticos culturais, com destaque para Peter Burke<sup>1</sup>, para quem essa preocupação conceitual, sem dúvida, é natural em um período como este, marcado por encontros e desencontros culturais.

Inclusive considerando o processo da globalização, à qual, por mais crítica possa merecer, dela não podemos escapar em virtude da mistura e da hibridização provocada pela quebra de fronteiras e da constante desterritorialização, provocada pelos freqüentes deslocamentos dos grupos sociais. Portanto,

[...] não é de causar espanto que tenha surgido um grupo de teóricos do hibridismo, eles mesmos muitas vezes de identidade cultural dupla ou mista. Homi Bhabha, por exemplo, é um indiano que foi professor na Inglaterra e que hoje está nos Estados Unidos. Stuart Hall, nascido na Jamaica de ascendência mista, viveu a maior parte de sua vida na Inglaterra e descreve a si mesmo como sendo “culturalmente um vira-lata”.<sup>2</sup>

Os historiadores, sem dúvida, estão cada vez mais se dedicando à pesquisa sobre os processos de encontro, contato, interação, troca e hibridização cultural. Tanto teóricos que viveram experiências entre um país e outro, como aqueles que pesquisam sobre as sociabilidades de povos que já transitaram entre uma região e outra. Hélio Moura e Helenilda Cavalcante elaboraram teses e pesquisas na perspectiva social, cultural e comportamental de migrantes<sup>3</sup>, que pelo teor de suas preleções, são condizentes com este estudo, tendo em vista que nesta pesquisa são consideradas as práticas, hábitos, atitudes, tradições, memórias, e o próprio processo migratório, que envolve questões culturais, para além das determinações do consciente e do racional, que estão implicadas no rito da ida e no rito da volta

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo (RS): Editora UNISINOS, 2003. p.14.

<sup>2</sup> Ibidem, p.15.

<sup>3</sup> MOURA, Hélio. *A migração nordestina em período recente – 1981/1996*. Cadernos de Estudos Sociais. Recife: Massangana, vol.15, n.1, jan-jun.1999. CAVALCAN, Helenilda. *Imaginário social e práticas de saída da pobreza: o povoado de São Severino “dos Macacos”*. Tese de doutorado em Psicologia Social, USP, 1999.

destes retornados piauienses.

O processo de hibridização envolve a esfera econômica, social, política e cultural. Esta pesquisa dá ênfase às dimensões culturais, partindo do conceito de cultura num sentido “[...] razoavelmente amplo, de forma a incluir atitudes, mentalidades, valores, expressões, concretizações ou até mesmo simbolizações em artefatos, práticas e representações”.<sup>4</sup>

Além disso, considera-se outras proposições de viés cultural, como a abordagem do pesquisador Gordon Mathews, um estudioso da cultura cuja análise se debruça sobre a definição da carga cultural tanto individual quanto global, e chega à seguinte conclusão:

[...] cultura, de fato, continua a ser significativa, se pudermos juntar as primeiras idéias de cultura, como o modo de vida de um povo, a um conceito mais contemporâneo, como as informações e identidades disponíveis no supermercado cultural global.<sup>5</sup>

A partir dessas perspectivas, convém pontuar o significado de comunidade e sociedade, no sentido de estabelecer a diferença entre os dois conceitos, considerando que o grupo de retornados atravessaram a fronteira de um grupo social (comunidade local), para outro mais amplo (sociedade plural). Ou seja, saíram de uma comunidade onde se estabelecia uma relação social pautada no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes, para um universo societário onde as relações sociais se efetivam na atitude e na ação social, cuja inspiração se baseia numa compensação de interesses, cuja racionalidade encaminha-se no sentido de garantir fins ou valores objetivos.<sup>6</sup>

Nesse parâmetro, esse grupo de piauienses passou a experimentar, de forma mais consistente, o caráter multi, pluri e global, que envolve o confronto com o diferente, com o outro, com o anfitrião. Ou seja, as práticas que estes atores sociais vivenciaram no local de destino (São Paulo), envolveram elementos até então inéditos ou desconhecidos para os migrantes, cuja experiência histórica pessoal contém valores e emoções subjetivizadas.

Esse conflito não é apenas a constatação de que há culturas diferentes das nossas, mas a constatação de que há interação e hibridização com essas formas culturais que nos são estranhas e distintas. Uma das primeiras formas de hibridização que se impõe, é

<sup>4</sup> BURKE, Peter. *Op. cit.*, 2003.

<sup>5</sup> MATHEWS, Gordon. *Cultura global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. p. 15.

<sup>6</sup> *Ibidem*. p. 57.

a que ocorre na convivência entre os sujeitos, na mistura entre as pessoas. É na relação de um sujeito com outro, que pode ser observada a vulnerabilidade dos posicionamentos e identificações, surgindo a necessidade de uma nova concepção híbrida e da própria identidade.<sup>7</sup>

Isto implica dizer que a idéia de cultura não existe fora dos indivíduos, de suas práticas e de suas posições. Ela é responsável por ações e condutas, determinando certo estilo de comportamento, que nem sempre torna possível fazer a distinção entre representação e representado, signo e significado<sup>8</sup>. Vejamos o que os entrevistados disseram sobre a idéia de se considerarem híbrido, à medida que foram incorporando aspectos de outras culturas, ou mesmo modificando seu ponto de vista em razão das diversidades culturais que passaram a conhecer:

Eu consegui manter as minhas tradições, mesmo tendo modificado alguns hábitos, inclusive alimentar. Manter as minhas tradições foi um tanto difícil, pois residia em um bairro no centro da cidade, cujos moradores na sua maioria são árabes e judeus. O que eu quero dizer, é que a maioria dos nordestinos lá em São Paulo, mora na periferia, uns próximos dos outros, e isso ajuda a manter as nossas tradições e o nosso modo de vida, que envolve nossa comida típica, nossas músicas e até os encontros nos finais de semana com nossos conterrâneos. Lá no bairro Higienópolis, os moradores têm tradições culturais elitistas e bastante religiosa, que além de diferenciar, marginaliza pessoas da região nordeste, que na visão deles, ainda são pessoas com mão-de-obra desqualificada, e sempre disposta a servi-los como babás, copeiros, jardineiros ou porteiros.<sup>9</sup>

Eu cheguei em São Paulo com R\$ 10 no bolso. Mas fui com muita coragem, e em busca de novos conhecimentos, disposto a conhecer outras culturas, e certamente, vencer na vida. O que eu diria em relação a minha identificação e interação com as pessoas de lá, é que pela primeira vez eu vi pessoas humildes bem vestidas, principalmente negros. Um fato que chamou minha atenção foi um bairro que eu não lembro o nome, onde a maioria dos moradores são negros, bem sucedidos, com carro importado e morando em mansões. Isso mudou completamente o meu modo de pensar, pois comecei a ver que o fato de ser pobre ou negro, não significa que

<sup>7</sup> NASCIMENTO, Gena Borges. *Mudanças de ventos no império celestial: Híbridismo em EAST WINDS, WEST WIND de Pearl S. Buck*. Dissertação de Mestrado em Letras, UFPI, 2006. p. 45.

<sup>8</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1990. p. 21.

<sup>9</sup> Entrevista da migrante retornada Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006, à Soraia Morais. Maria Ducarmo é Graduada em Administração de Empresas pela Universidade Bandeirantes – UNIBAN - morou em São Paulo na Rua Marquês de Itu, nº 532, bairro Higienópolis, durante 11 anos, entre 1993 a 2004. Trabalhou durante 7 anos na empresa Eucatex, exercendo a função de assistente de diretoria. Pediu demissão em setembro de 2004, e retornou a Teresina em novembro do mesmo ano. Atualmente, mora no bairro Porto Alegre, Q – 15, S -27, zona Sul de Teresina, e trabalha como autônoma, prestando consultoria para algumas empresas.

you have to bow your head and curve in unfavorable situations, as happens with the majority of nordestinos when they arrive there in São Paulo. This detail can be a bobagem, but I was able to change my way of thinking in relation to social difference and discrimination. It was from then on that I began to believe more, that when people want to, they can succeed.<sup>10</sup>

Para Burke, o preço da hibridização, principalmente a que vem ocorrendo desde a segunda metade do século XX, que é inusitadamente rápida, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais. “Certamente, não é por acidente que a atual era de globalização cultural, às vezes vista mais superficialmente como americanização”,<sup>11</sup> tem servido como desculpa para reações nacionalistas ou étnicas. Para Burke, Gilberto Freyre foi um dos primeiros estudiosos a dedicar atenção ao hibridismo cultural, na obra *Casa Grande e Senzala*, de 1933.

Alguns pesquisadores, que Burke define como puristas, ficaram profundamente chocados com os argumentos de Freyre. “Hoje, pelo contrário, estamos preparados para encontrar a hibridização quase que em toda parte na história”.<sup>12</sup> O conceito de híbrido está dividido em cinco partes: variedade de objetos, variedade de termos, situações, reações e resultados. O primeiro exemplo se refere à arquitetura, com seus artefatos híbridos, exemplificados como hibridismo arquitetônico, que é, nada mais, que o emprego de geometrias tradicionais de um determinado país, por artesãos que combinam elementos de suas diferentes tradições. “De acordo com Gilberto Freyre, as linhas retas e os ângulos dos móveis ingleses foram suavizados quando seus *designs* foram copiados no início do século XIX no Brasil”.<sup>13</sup>

Outro tipo importante de artefato é o texto. Sabe-se que uma determinada linguagem também se adequa a outros ambientes, ou ainda, algumas expressões e palavras são adotadas por escritores que realizam um verdadeiro cruzamento de gêneros, cujas significações passam pelo crivo das subjetividades dos leitores. Talvez por isso,

---

<sup>10</sup> Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007 à Soraia Morais. Gerson Medeiros é técnico em eletricidade, morou em São Paulo no Bairro Tiradentes, entre 1993 a maio de 2004. Trabalhou como prestador de serviços em várias empresas e no Edifício Itália como eletricitista e como cordeiro (trabalhador que faz limpeza e manutenção em prédios). Atualmente, mora em Teresina, na Rua Oriente nº 3469 – Três Andares.

<sup>11</sup> BURKE, Peter. *Op. cit.*, 2003, p. 18.

<sup>12</sup> *Ibidem.* p. 19-20.

<sup>13</sup> *Ibidem.* p.25.

As traduções são os casos mais óbvios de textos híbridos, já que a procura por aquilo que é chamado de efeito equivalente, necessariamente envolve a introdução de palavras e idéias que são familiares aos novos leitores, mas que poderiam não ser inteligíveis na cultura na qual o livro foi originalmente escrito.<sup>14</sup>

As práticas ou situações híbridas também podem ser identificadas na música, na linguagem, nas festividades e urbanidades. Algumas religiões novas são exemplos particularmente claros de hibridização. As igrejas, porém, não são as únicas formas de organização híbrida. No aspecto político, os regimes governamentais também são situações de hibridização, já que países de várias regiões, como o Japão e o Brasil, adotaram e adaptaram, mutuamente, instituições políticas de princípios ocidental e oriental. A música é outro exemplo rico de hibridização, posto que carrega em si, resultados de encontros múltiplos, e não somente o resultado de um único encontro. O reggae, por exemplo, originou-se na Jamaica nos anos 70, e hoje é cultuada até na Alemanha.

No caso do Brasil, uma vigorosa passagem de Casa Grande e Senzala, descreve como o português, ao contato do senhor com o escravo, sofreu um amolecimento de resultados às vezes deliciosos para o ouvido, porque a ama negra fez muitas vezes com as palavras, o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhe as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles.<sup>15</sup>

Neste sentido, fica evidente que toda comunidade, desde sua origem, tem traços híbridos, “[...] quer os que já nasceram nesta situação por suas mães e pais serem originários de culturas diferentes, quer os que se viram nela mais tarde, de bom grado ou não, por terem sido, por exemplo, convertidos ou capturados”.<sup>16</sup> Uma espécie de paralelismo em relação a este grupo de migrantes pesquisados, que por meio da saída, ou do movimento para fora, adquiriram novos conhecimentos, e o processo de permanecer na cidade de destino, de fato exigiu destes indivíduos aspectos de resistência e absorção de significados diversos.

A migrante Maria Ducarmo<sup>17</sup> reconhece que em seu modo de ser, houve mudanças de caráter comportamental, que indiscutivelmente condiz com os traços

---

<sup>14</sup> Ibidem. p. 27.

<sup>15</sup> Ibidem. p. 29.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 36.

<sup>17</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006, à Soraia Morais.

ou práticas culturais, que refletem as atitudes subjacentes à vida cotidiana e até mesmo à “cultura material: alimentação, roupas, habitação, etc.”<sup>18</sup> :

Em São Paulo, eu consegui, pela primeira vez, perceber o quanto é caro sentir-se diferente. Como eu já disse os moradores do bairro que eu morava, Higienópolis, na sua maioria são judeus e árabes. Era evidente a diferença no comportamento e nos costumes de cada um. Desde as vestimentas, até alguns ritos religiosos. Eu morava com a minha irmã mais velha, e tive que mudar alguns gestos e manias. Por incrível que pareça, eu deixei de falar espontaneamente, e passei a me preocupar com a tonalidade da fala, principalmente dentro do elevador. Também tive que ter mais controle com a altura do som que eu costumava ouvir, principalmente o nosso forró. Tudo isso porque as relações sociais se davam de maneira bastante diferentes da nossa, e os costumes mais ainda. Os vizinhos sequer davam um bom dia ao entrar no elevador, e ouvir forró para eles, era algo completamente estranho, se não for um pecado.<sup>19</sup>

Uma coisa que eu tive de aprender em São Paulo, foi comer o almoço rápido, que é o pão com salsicha, ou o famoso churrasco grego. Essa mudança de hábito foi forçada, pois não dava tempo ir em casa almoçar e tirar o tradicional cochilo do meio-dia, que é uma tradição aqui em Teresina. Outra coisa muito forte pra mim, é que foi lá que eu me moldei, no sentido de aprender a pedir com licença, dizer muito obrigado, coisas que eu não fazia antes. Talvez por descuido, desatenção. Além disso, uma coisa muito curiosa, é que lá, quando você está numa padaria ou num boteco, podem se juntar numa mesma mesa, três, cinco ou oito pessoas, mas cada um pede e paga a sua bebida. Se tivesse cinco peões, eram cinco garrafas de cervejas em cima de uma mesma mesa. Eu achei muito estranho no início, pois aqui, quando se junta um grupo de amigos, a gente vai pedindo o que quer, e no final racha a conta com todo mundo.<sup>20</sup>

O fenômeno da migração é, essencialmente, um processo de interação cultural, e, conseqüentemente, de hibridização. Pois migrar envolve todos estes componentes, e a respectiva circularidade do ir e vir, tanto enquanto táticas encontradas para superar a pobreza, como alargamento de conhecimentos, ou enquanto aprendizado de vida, envolvendo condições reais e imaginárias de existência. Estas condições também podem possibilitar a aquisição de novos traços ou características, ou provocar deformações impostas pelo novo modelo de trabalho e de vida, que vão se definindo ou se redefinindo em uma situação de necessidade

<sup>18</sup> BURKE, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. São Paulo: DIFEL, 2000. p. 19.

<sup>19</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006, à Soraia Morais.

<sup>20</sup> Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007 à Soraia Morais.

e de qualidade. Esta experiência ou participação social é denominada pelo estudioso Pierre Bourdieu <sup>21</sup> como *campos sociais*, no qual cada um exerce variados graus de respeitabilidade e sociabilidade, onde cada um tem um contexto material e um lugar, como também um conjunto de recursos simbólicos.

No aspecto lingüístico, cinco metáforas têm dominado as discussões nessa perspectiva: hibridismo, caldeirão cultural, ensopadinho cultural, tradução cultural e crioulização. Algumas teorias culturais têm se debruçado ou analisado uma ou outra metáfora, tendo como ponto de partida, os indivíduos e o reflexo das mudanças culturais que eles experimentam. Além dos termos referidos, Burke <sup>22</sup> também comenta acerca do empréstimo cultural, chegando a citar Euclides da Cunha, escritor que “[...] denunciou a cultura brasileira como uma cultura de empréstimo”.

Mais recentemente, Edward Said teria dito que “[...] a história de todas as culturas, é a história do empréstimo cultural”. Outros autores utilizam o termo *troca* como uma conseqüência destes encontros sócio-culturais, que dependendo de cada experiência, uma cultura pode ser acolhida ou rejeitada pelos grupos receptores, e, desta forma, torna-se mais visível as diferenças entre as práticas sociais, <sup>23</sup> que além de fazer parte da metodologia da história cultural, é capaz de traduzir as formas pelas quais os grupos sociais se comparam ou se agregam:

Durante o período que morei em São Paulo, eu percebi que nós piauienses, somos mais solidários. Eu morava no bairro São José, e só tive contato com dois vizinhos ao longo de cinco anos. Lá ninguém tem tempo de bater papo, falar dos filhos, do trabalho, essas coisas que acontece aqui, que é da nossa cultura. Pode observar que aqui em Teresina, até dentro do ônibus as pessoas conversam sobre o casamento, sobre dívidas, colégio dos filhos, sobre todo tipo de problema. Isso ocorre pela proximidade em que as pessoas convivem. Quanto aos aspectos culturais que eu incorporei, foi somente a culinária, principalmente a japonesa e chinesa. De resto, preservei todas as características, gosto de viver rodeada de pessoas, sou festeira e sou do tipo que não levo desaforo pra casa. Ou seja, continuo a mesma pessoa, digo o que penso e o que sinto, coisa que numa cidade como São Paulo é extremamente delicado e perigoso também. <sup>24</sup>

<sup>21</sup> WOODWARD, Kathrin. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 30.

<sup>22</sup> BURKE, Peter. *Op. cit.*, 2003, p.31.

<sup>23</sup> VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Brasília: UNB, 2003. p. 264.

<sup>24</sup> Entrevista da migrante retornada Margarete Leal de Brito, em 27 de maio de 2006. Margarete, 43 anos, tem três filhos e é Graduada em Enfermagem pela UFPI. Morou em São Paulo durante cinco anos, de 1997 a 2002, na Rua Monteiro Lobato, bairro São José, zona sul de São Paulo. Trabalhou

O que eu destacaria como algo da minha cultura, e que em São Paulo a gente não vê, é a solidariedade. Eu presenciei o espancamento de um rapaz em plena Avenida São João. Uma multidão passando pra lá e pra cá, e ninguém foi capaz de socorrer o rapaz. Eu fui em direção ao grupo de marginais para ajudar o rapaz que estava sendo espancado, e meus colegas de trabalho não deixaram. Eu considero essa minha característica, de ajudar o próximo, como herança da minha criação, pois na minha casa, sempre somos solidários uns com os outros. E esta cena eu não esquecerei jamais, pois foi a partir daí que eu percebi que a minha vida naquele lugar, não tinha valor algum.<sup>25</sup>

Situações de tensão, conflitos, condições de sobrevivência ou integração, permeiam os traços culturais de grupos que buscam se projetarem em um lugar onde a condição de desenraizado supõe a perda da potencialidade de suas tradições. Gilberto Freyre<sup>26</sup> se referia às trocas culturais ocorridas no Brasil, como miscigenação, mestiçagem, interpenetração, acomodação, conciliação, fusão, e, claro, hibridização. A figura do migrante reflete todas estas etapas, tendo em vista sua condição de itinerante, de alguém que vai em busca da sobrevivência, às vezes em lugares múltiplos, exprimindo uma situação na sociedade, que contém, a rigor, um esforço para superação de uma maneira de viver que não lhe era satisfatória. Segundo Margarete Brito<sup>27</sup>, o que a estimulou a sair do Piauí foi a falta de oportunidade no mercado de trabalho.

Nessa linha de raciocínio, o migrante gravita entre a tradição, que segundo Kevin Robins<sup>28</sup> é a tentativa manter e às vezes recuperar a pureza cultural que anteriormente ele vivenciava, mas que depois da experiência de sair do lugar de origem, acaba sentindo a sensação de estar perdendo essas unidades e certezas. Ao passo que a tradução, diz respeito à idéia de que as identidades e representações dos grupos sociais estão sujeitas ao plano da história e da diferença, e por esta razão, não serão outra vez unitárias ou puras.

O migrante retornado Raimundo Nonato<sup>29</sup>, ao ser indagado sobre as

---

durante 4 anos no Hospital das Clínicas da USP. Atualmente, mora no condomínio Dom Avelar, bloco 08, apartamento 201, zona sul de Teresina, e trabalha no Programa da Saúde da Família, PSF do município de Hugo Napoleão.

<sup>25</sup> Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros.

<sup>26</sup> BURKE, Peter. *Op. cit.*, 2003, p.33.

<sup>27</sup> Entrevista da migrante Margarete Brito em 27 de maio de 2006.

<sup>28</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 87.

<sup>29</sup> Entrevista concedida à Soraia Moraes em 18 de novembro de 2006. Raimundo Nonato de Oliveira, 41 anos, é Graduado em Educação Física pela UFPI, morou em São Paulo de 1985 a 1992. Morava na Rua Joaquim Prado, no bairro Vila Guarani, zona leste. Trabalhou um ano na Fuji Film e quatro na

mudanças que ocorreram nos seus costumes ou tradições, no período em que residiu em São Paulo, respondeu que em se tratando de costumes, a aquisição de novos conhecimentos foi por demais enriquecedor, a ponto de alterar alguns conceitos.

Lá em São Paulo eu aprendi a pensar grande. É uma cidade que exige das pessoas muita perseverança, além de provocar uma efervescência sem limite, uma ambição desenfreada, que às vezes me deixava em crise, por achar que ia me tornar materialista. Na Geotécnica Construção [empresa onde trabalhou durante 4 anos] eu era responsável por um grupo de 302 operários da construção civil. Delegaram-me poderes que eu nem sabia se estava preparado pra tanto. Afinal de contas, antes de sair do Piauí, a única experiência de trabalho que eu tinha, era na roça com o meu pai. Pra chegar lá, eu tive que vender um monte de galinhas e um rádio gravador. E lá eu aprendi a crescer, sentir vontade de conhecer um pouco de cada coisa, pois eu me vi num universo, numa imensidão de mundo, que ao mesmo tempo em que me apavorava, me impulsionava pra frente. Por isso, eu destaco que o primeiro aspecto de mudança, foi ter adquirido uma visão de mundo mercadológica, coisa que antes eu não ambicionava, já que meu mundo era literalmente rural, pacato e sem competitividade.<sup>30</sup>

Inevitavelmente, os cinco retornados estão no limiar entre a tradição ou tradução, que, por essência, pode ser considerado como um movimento contraditório, mas ao mesmo tempo intrínseco a esse processo, visto que o movimento migratório é composto por elementos de perdas e ganhos, tanto sob o ponto de vista cultural como do social. Essa constatação descreve a dispersão de pessoas que atravessam e intersectam fronteiras, vivenciando os complicados cruzamentos culturais. Tendo em vista que

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, que estão suspensas, e em transição entre diferentes posições. Que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais, e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais, cada vez mais comuns num mundo globalizado. Pode ser tentador pensar na identidade, na era da globalização, como estando destinada a acabar num lugar ou noutra, ou retornando a suas raízes, ou mesmo desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Mas esse pode ser um falso

---

Geotécnica Construção. Quando chegou em São Paulo, tinha o curso técnico em administração pelo Colégio Lourival Parente de Teresina. Ao retornar para Teresina, fez Licenciatura em Educação Física pela UFPI, e, hoje, é diretor de uma escola municipal na zona Leste de Teresina.

dilema.<sup>31</sup>

A expressão “falso dilema” vai ao encontro da fala da entrevistada Elza Maria da Silva, 27 anos, que saiu de Teresina no ano de 1994 e retornou no ano de 1997. Portanto, morou em São Paulo durante três anos. Quando indagada se ocorreu alguma mudança ou fragmentação nas suas características culturais, como a linguagem, comportamento ou modo de ser, ela garante que não. E expressa a atração que este lugar lhe despertava, por conta dos comentários que ela sempre ouvia dos conterrâneos que vinham ao Piauí para passar férias, de que São Paulo oferecia muitas oportunidades financeiras e profissionais.

Eu não tive problema de adaptação na cidade de São Paulo. Eu sempre tive este sonho, de conhecer este lugar que todo mundo falava. Tive a sorte de conseguir trabalho logo que cheguei, e no lugar onde eu morava, as pessoas sempre foram acolhedoras, e lá só tinha nordestinos. Talvez por esta razão, não tenha sentido necessidade de mudar nada em mim.<sup>32</sup>

Pode-se concluir que a migrante retornada não se sentiu ameaçada em perder características de sua cultura, ou necessidade de redescobrir ou resgatar qualquer tipo de pureza cultural. Mas ao longo de outras questões, ela se contradiz nos seus posicionamentos, o que faz supor que não é possível, neste processo de misturas culturais, escapar de algumas assimilações ou mesmo dilemas. Até porque as práticas híbridas são resultados de encontros múltiplos, e não o resultado de um único encontro. Ademais, o processo em que ocorre o hibridismo, indiscutivelmente, amplia

[...] as possibilidades de interação, na medida em que não somente reformula representações, mas também mescla os sentidos, de tal forma que o resultado não é necessariamente a junção dos aspectos iniciais, mas um terceiro e imprevisível significado, fruto de entrelaçamentos de significados.<sup>33</sup>

Esse pressuposto passa também por aspectos ligados às singularidades, que

<sup>31</sup> HALL, Stuart. *Op., cit.*, 2002. p. 88.

<sup>32</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Maria da Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006. Elza morou na Rua Alan Kardec, bairro Boa Vista, localizado na zona Leste de São Paulo, durante três anos. Trabalhou na multinacional Pênalti durante dois anos. É técnica em Edificações pelo CEFET/PI e, atualmente, mora no bairro Morada Nova II, Q- 19 B- 08 Aptº 302, em Teresina. Trabalha na Secretaria Municipal de Transportes (STRANS), desde 1997.

<sup>33</sup> NASCIMENTO, Gena Borges. *Op., cit., ano 2006.* p. 57.

dizem respeito à consciência das posições de sujeitos, suscitando significados partilhados ou significados contestados. Até porque a identidade piauiense, nesse parâmetro, torna-se evidente pelo seu estilo particular, que se exprime através da língua, das crenças, costumes e do comportamento dos migrantes, durante o estabelecimento das trocas culturais. Outros aspectos também capazes de promover a unidade ou a diversidade, considerando os elementos culturais deste grupo, dizem respeito aos discursos e simbologias ligados às suas raízes, que delineiam estereótipos e múltiplos recortes de valores, capazes ou não de garantir ao grupo em questão, reconhecimento social e cultural. Ademais,

[...]. O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originais e iniciais, e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. Esses entre-lugares fornecem o terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria idéia de sociedade.<sup>34</sup>

Elza Silva<sup>35</sup> acha que não percebeu certas diferenciações, por ter sido acolhida em um bairro onde todos tinham a mesma origem regional, que é o Nordeste. Ficou evidente que esse detalhe contribuiu para que as diferenças não tivessem uma marcação simbólica relativamente a outras identidades. Por outro lado, quando interrogada sobre os estereótipos (ou sobre os elementos que caracterizam um grupo social de maneira inalterada) mais marcantes em relação à cultura piauiense, como o clima, o destemor, a seca e a religiosidade, ela coloca o tratamento diferenciado ou o caráter da diferenciação social, ao dizer que, as pessoas com as quais conviveu tinham uma visão do Piauí como estado faminto e atrasado: “Sempre que eu falava que era do Piauí, eu ouvia as pessoas dizerem que é um lugar onde a população é carente, passa necessidade, mas, ao mesmo tempo, é uma terra de gente de garra, corajosa e alegre”.

Esta fala reafirma a idéia de que hibridismo e identidade estão vinculados *também* a condições sociais e materiais. Ou seja, se um grupo é marcado simbolicamente por uma determinada hierarquia econômica, que o coloca em desvantagem, isto implica dizer que ele será visto como carente e necessitado. Além

<sup>34</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 20.

<sup>35</sup> Entrevista da migrante Elza Silva, concedida à Soraia Morais em 03 de junho de 2006.

do aspecto material, o social e o simbólico também estão arraigados ao processo de construção e também de manutenção de determinadas identidades.

A marcação simbólica é o meio pelo qual se oferece sentido a práticas e a relações sociais, definindo, por exemplo, quem é excluído e quem é incluído. É por meio das diferenciações sociais que essas classificações da diferença são vividas nas relações culturais.<sup>36</sup>

A conceitualização do processo de hibridização não escapa ao exame dos sistemas classificatórios, que mostram como as relações sociais são organizadas e divididas. O professor Raimundo Nonato<sup>37</sup> fez a seguinte afirmação em relação aos elementos de negatividade ou positividade que são permeados nos significados atribuídos a cultura piauiense ou de algum modo, à identidade do grupo social a qual ele pertence:

A coisa que mais me magoava era ser chamado de baiano.<sup>38</sup> Eu não aceitava nem compreendia as críticas em relação ao meu estado, ao meu povo. Às vezes, eu ouvia dos próprios piauienses, termos pejorativos como ‘tu veio da terrinha?’<sup>39</sup> Eu fazia discursos e mais discursos em defesa da minha terra. Lá é seco e quente, mas tem calor humano, as pessoas são felizes. Aqui a gente não tem paz. E alguns contrastavam dizendo: ‘mas é aqui que tu trabalha, que tu tem emprego’. E eu continuava, ‘se eu trabalho, é porque tenho competência e capacidade’. Ainda hoje, os paulistanos têm a idéia de que no Piauí só tem flagelo, jagunço e seca.

No geral, essa divisão passa pela determinação de dois grupos “opponentes”: Nós e eles, ou piauienses e paulistas, piauienses e paulistanos. Quanto à pergunta de número seis, que consta no roteiro da entrevista, “quais as diferenças culturais mais preponderantes” que você percebia (ou percebeu) durante a convivência com pessoas de outras origens? Elza foi enfática ao dizer que a fala era o aspecto mais diferenciável:

Quando eu comecei a trabalhar, várias vezes eu tive que responder de onde tinha vindo ou de onde eu era. ‘Eles’ notavam que eu era

<sup>36</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 81.

<sup>37</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida à Soraiá Morais em 18 de novembro de 2006.

<sup>38</sup> Baiano é um termo utilizado para se referir aos nordestinos em São Paulo. De cunho pejorativo, quer dizer pau-de-arara, jeca, mal educado e outras conotações de caráter negativo.

<sup>39</sup> O termo terrinha corresponde a qualquer cidade do Nordeste que o migrante seja originário.

nordestina, por causa da minha maneira de falar. E às vezes as pessoas não entendiam o que eu dizia. Alguns sorriam e chegavam a comentar que eu falava cantando, que era preciso ‘usar legenda’ pra entenderem o que eu dizia. Depois as pessoas se acostumaram, e na firma que eu trabalhava conheci alguns piauienses. Foi uma alegria imensa pra mim e pra todos nós, era como se eu tivesse encontrado um parente. Uma pessoa que tinha compartilhado os mesmos lugares por onde andei, estudei e morei, e que sabia tanto quanto eu, a dimensão de se sentir estranha ou mesmo desconhecida no lugar em que estava habitando.<sup>40</sup>

O pronome nós, nesse caso, revela uma identificação, à medida em que surge um partilhamento na maneira de falar, implicando, também, num sentimento de pertencimento, suscitado pelo reconhecimento de si, perante ou diante de outros sujeitos. Uma espécie de celebração de grupos, que se baseia, geralmente, na solidariedade, já que a ordem social não é mantida somente por meio de oposições binárias, ou como uma divisão entre local e forasteiro.

O motivo que fez a migrante piauiense Elza Silva abdicar de suas raízes foi a falta de oportunidade de trabalho. Concluiu o curso técnico e não conseguiu vaga em nenhuma empresa. No entanto, essa nova perspectiva econômica, oferecida no local de destino, não foi capaz de fazê-la permanecer em São Paulo, pois logo que um tio dela conseguiu uma vaga no órgão em que ela trabalha atualmente, Elza não pensou duas vezes, e retornou.

Como eu disse antes, São Paulo me despertava curiosidade por ter muitas indústrias, e eu sabia que lá não ficaria desempregada. Mas, na verdade, a saudade sempre me acompanhou, e o que eu esperava mesmo, era conseguir trabalho na minha cidade. Aqui a rotina é mais calma, todo mundo conhece todo mundo. Lá é uma correria maluca. Eu acordava cinco horas da manhã, pegava o trem e um ônibus para chegar à empresa. Nunca se sabia se voltaríamos vivos pra casa. Era como se estivesse vivendo em dois mundos, um sentimento meio maluco, porque não me sentia mais fazendo parte do lugar onde nasci, nem do lugar onde estava morando.<sup>41</sup>

A entrevistada Maria Ducarmo<sup>42</sup>, diferentemente da migrante Elza Silva, afirmou que a decisão de ir embora para São Paulo teve relação direta com a convivência conflituosa que tinha com seu irmão. “Meu irmão sempre foi muito conservador, e quando ele descobriu que eu tinha uma namorada, ele só não me

<sup>40</sup> Entrevista da migrante Elza Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

<sup>41</sup> Idem.

<sup>42</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

expulsou de casa porque minha mãe não deixou”. Neste caso, o fator econômico não foi propulsor da sua ida, mas a questão da orientação sexual, como ela mesma enfatizou:

Eu sabia que em São Paulo eu iria ter mais liberdade, pois lia e assistia várias reportagens, que me convenceram de que lá ninguém está preocupado com a vida dos outros. Aliás, este é um dos maiores defeitos do nosso povo. Não sei se cultural ou social, o fato é que aqui em Teresina, você é observado por vizinhos, e se der bola, todo mundo sabe o que você come e com quem você dorme. E eu percebo que não mudou em nada nesse período que eu fiquei fora, infelizmente. Eu tinha uma noção prévia dos espaços em que eu poderia viver a minha sexualidade, mas, por outro lado, não tinha a real noção das diferenças que são mantidas até hoje sobre o meu Estado, que beiram o folclórico, como o cangaço e a valentia do nordestino.<sup>43</sup>

Para o estudioso Nestor Canclini, o hibridismo vai muito além do que se possa perceber. Ele é estabelecido por “[...] um processo em que estruturas e práticas sociais diferentes, que existiam de forma separada, se combinem de tal forma, que passam a gerar novas estruturas, representações, objetos e práticas”.<sup>44</sup> Portanto, é paradoxalmente o ambiente das diferenças, que favorecem e promovem as condições para que o hibridismo seja construído.

O hibridismo implica em uma mistura de diferentes referências culturais. O resultado é uma transformação da tradição a partir da geração de novas abordagens e novas concepções culturais. A mudança de paradigmas se realiza através de um processo de rupturas e mutações negociadas na esfera do poder, que permeia os relacionamentos sociais. Os ritos que promovem a sustentação e a sacralização de um comportamento cultural, passam a ser questionados e re-significados. O mundo multicultural revela as diferenças que existem entre as concepções dos povos, e permite que o diálogo entre essas diferentes formas de construção cultural se realize. Toda essa relação de alteridades que geram diferenças é dinâmica e aberta, e as identificações são geradas, não como resultados culturais fixos e fechados ao novo, mas como elos de pertencimento a uma tradição construída, que permite às sociedades, dialogarem e mesclarem suas significações, e estabelecerem seus posicionamentos e interesses.<sup>45</sup>

O sujeito híbrido tem características múltiplas, imprevisíveis e fragmentadas. Ele, no geral, processa idéias que correspondem à formação de identidade, posto

<sup>43</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana.

<sup>44</sup> CANCLINI, Nestor-García. *Culturas híbridas. Estratégias para entrar e sair da modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1998. p. 47.

<sup>45</sup> NASCIMENTO, Gena Borges. *Op., cit., ano 2006*. p. 71.

que o pertencimento a uma comunidade faz parte de uma das mais importantes construções sociais da humanidade.

O agrupamento de indivíduos, e posteriormente a sua fixação à terra, são condições historicamente consideradas como parte do desenvolvimento da humanidade. É através do estabelecimento de relações com outros, que o sujeito gera necessidades, formula valores e avança em suas sociabilidades, desenvolvendo o potencial de sua capacidade de ser social, ao gerar vínculos afetivos.<sup>46</sup>

De acordo com o comentário do professor Nonato<sup>47</sup>, a discriminação cultural é sentida até em espaços festivos, o que faz supor a imagem do piauiense como um sujeito pertencente a uma subcultura<sup>48</sup>:

Eu consegui fazer várias amizades em São Paulo. Mas sem dúvida alguma, as relações de amizade mais harmoniosas ocorrem entre os próprios conterrâneos. É como se nós buscássemos, o tempo todo, uma maneira de preservar nossas tradições. E afirmo com ênfase, que apesar de muita tristeza e discriminação que eu sofri em São Paulo, ter morado lá durante esses oito anos foi a experiência de vida que mais valeu a pena pra mim. Lá eu descobri que era grande. Eu vi que era um elefante. Venci todos os desafios. Em alguns momentos eu me via perdido. Acordava de madrugada, saía de casa às 4 horas da manhã pra pegar o trem, e via que o mundo todo corria naquela mesma direção. Eu, com a minha marmita na mão, ficava pensando: Meu Deus, em que mundo estou e para onde vou. Fui me fortalecendo, mostrando para as pessoas que piauiense tem garra, tem competência. Mas confesso que não consegui namorar com nenhuma paulista. Todas as namoradas que tive, inclusive a mãe do meu filho, que engravidou lá em São Paulo, eram do Piauí. Aliás, as mulheres de lá não davam abertura pra nós. Eu ficava pensando: no Piauí tem mulher em abundância, na minha cidade eu sou um rei, e aqui, tudo é diferente. E esta constatação não tem base no modelo do nordestino coitadinho. Ela é simplesmente parte do pensamento e da imagem que as pessoas fazem do Piauí.<sup>49</sup>

Eu sempre fui festeiro. Então todo final de semana eu ia pras festas lá do bairro, ou lá no CTN<sup>50</sup>. Cruzava com caras de todos os estados, mineiros, paranaenses, alagoanos, sergipanos, pernambucanos, cariocas. Quando eu era apresentado a alguma garota, ela já falava: ah! Então você é do Piauí. E a conversa não passava disso. Não consegui namorar nenhuma garota que não

<sup>46</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>47</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

<sup>48</sup> O termo subcultura é colocado sob o ponto de vista sociológico, pressupondo diversidade em uma estrutura social. In: BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 259.

<sup>49</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato.

<sup>50</sup> CTN - Centro de Tradição Nordestina, localizado na zona Sul de São Paulo.

fosse do meu estado. Aliás, os caras queriam curtir da minha cara, mandando eu assar carne, pegar cerveja, pegar cigarro, até que eu me toquei pra esse detalhe excludente. Sinceramente, isso era um choque, uma angústia pra mim, pois nosso valor ficava submetido a uma idéia de que o povo do Piauí não era outra coisa, a não ser fome, atraso e submissão.<sup>51</sup>

Este enfoque tem base na maneira como o Piauí tem sido retratado ao longo dos séculos. Esse aspecto incomoda vários historiadores, que têm defendido

O debate em torno de questões como o mito do isolamento do Piauí [...] Pois durante muito tempo vigorou uma visão sedimentada na mentalidade nacional, de considerar o Piauí como uma unidade da federação brasileira sem expressividade, sem identidade e até mesmo sem história, sem tradição cultural e artística. Eram muito comuns as perguntas: O Piauí existe? Onde fica? No Brasil? Precisa-se de passaporte para entrar?<sup>52</sup>

Para Canclini, a hibridação<sup>53</sup> além de refletir a amplitude de fronteiras, provoca novas formas de significação e representações culturais. Ou seja, os relacionamentos sociais envolvem desde a rejeição ou negociação, até a identificação. Alguns autores mais radicais, como por exemplo, Homi Bhabha, chegam a prever

“[...] a perda do sentido de se pertencer a algum lugar, na verdade, a própria perda de um lugar, substituído pela proliferação de não-lugares, como aeroportos. Confrontados com o cenário da hibridização, podem responder que a mistura de todas as culturas em um caldeirão global, é um estágio em sua subseqüente homogeneização”.<sup>54</sup>

O hibridismo também faz suscitar várias categorias identitárias, que comumente são

[...] organizadas em um conjunto histórico mais ou menos estável (etnias, nações, classes) e se reestruturam em meio à conjunção interétnica, transclassista e transnacional. As maneiras diversas em que os membros de cada etnia, classe e nação se apropriam dos repertórios heterogêneos de bens e mensagens disponíveis nos circuitos transnacionais, são capazes de gerar novas formas de segmentação. Estudar processos culturais, portanto, é mais que

<sup>51</sup> Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros.

<sup>52</sup> DIAS, Claudete Maria Miranda. *O Piauí que o Brasil não vê: História, arte e cultura*. In: SANTANA, R. N. M. *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Vários autores. Fundação de Apoio Cultural do Piauí – FUNDAPI – Teresina, 2003. p. 216.

<sup>53</sup> O termo varia de acordo com cada autor: Nestor Canclini denomina hibridação, Peter Burke e Gilberto Freyre denominam de hibridização.

<sup>54</sup> BURKE, Peter. *Op., cit.*, 2003. p. 108.

afirmar identidades autosuficientes, serve para conhecer formas de heterogeneidade e entender como são produzidas as hibridações.<sup>55</sup>

A piauiense Maria Ducarmo<sup>56</sup>, por exemplo, ao vivenciar esse processo heterogêneo, garante que o aspecto mais preponderante entre as trocas culturais, que envolve significados simbólicos, linguagens, tradições e comportamento, foi a liberdade de ser e viver sua identidade sexual:

O que a cidade de São Paulo me ofereceu de melhor, foi a liberdade de assumir a minha identidade sexual. Eu fui para lá, não para melhorar de vida, mas para mudar de vida. Lá existe uma infinidade de lugares que eu freqüentava e não corria o risco de ser vista ou falada pelas pessoas. O preconceito aqui em Teresina ainda é muito grande. Claro que lá também tem, mas pelo menos as pessoas são mais respeitadas e mais conscientes, politicamente falando. O machismo que reina aqui no Piauí, não é tão forte na cidade de São Paulo. Até porque, o movimento pelos direitos da causa homossexual é bastante representativo, enquanto que no Piauí ainda tem muita coisa para se conquistar ou se transformar.<sup>57</sup>

A questão híbrida, neste caso da migrante Maria Ducarmo, está permeada pelo afastamento do seu lugar de origem, por conta de uma busca em construir um outro modo de vida, e não necessariamente a substituição do sentimento de pertencimento. Até porque, mesmo considerando os motivos que levaram os migrantes a saírem de seu lugar de origem, é importante destacar que nenhum deles conseguiu perder os vínculos com suas raízes. Visto que a saudade, esse sentimento bastante pessoal “de quem se percebe perdendo pedaços queridos de seu ser, dos territórios que construiu para si”<sup>58</sup> foi um sentimento inseparável ao longo dos anos que esses migrantes permaneceram em São Paulo. Certamente, hoje eles pensam de forma diferente, por terem vivenciado aspectos híbridos de conotação cultural, e, por esta razão, terem se sujeitado a mudanças e rupturas no que se refere aos significados culturais até então inalterados.

Ademais, hibridismo também se refere ao caráter da identidade social de um indivíduo, à medida que

---

<sup>55</sup> CANCLINI, Nestor-Garcia. *Op., cit.*, 1998. p. 02.

<sup>56</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

<sup>57</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana.

<sup>58</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo, Cortez, 1999, p. 65.

[...] se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculação a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente.<sup>59</sup>

Os processos de hibridização analisados pela teoria cultural contemporânea, nascem de relações conflituosas entre diferentes grupos, e que estão ligados

Aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: as diásporas, os deslocamentos nômades, as viagens, os cruzamentos de fronteira [...] Mas é no movimento literal, concreto, de grupos em movimento, por obrigação ou por opção, ocasionalmente ou constantemente, que a teoria cultural contemporânea vai buscar inspiração para teorizar sobre os processos que tendem a desestabilizar e a subverter a tendência da identidade à fixação.<sup>60</sup>

Quanto ao aspecto religioso dos retornados, que, aliás, é uma característica muito propalada da região nordeste, e também um fator sincrético bastante analisado pelos estudiosos do hibridismo, alguns conheceram outras filosofias teológicas, mas nenhum chegou a mudar de crenças ou se converter para uma ideologia diferente daquela que praticavam antes da migração.

Eu estava desempregado, pra variar, e uma vizinha convidou minha ex-esposa pra ir a um culto na Igreja Batista. Eu fui uma única vez e não voltei mais. A convite de um colega, também fui algumas vezes a um templo hinduísta, onde me sentir bem, mas nada de seguir religiosamente. Aliás, mesmo que a religiosidade seja um traço muito forte para nós nordestinos, eu nunca fui um sujeito religioso.<sup>61</sup>

Eu sempre fui católica, sempre acompanhava minha mãe à missa. E em São Paulo, eu ia à missa de vez em quando, pra agradecer a Deus por tudo de bom que eu havia conseguido. Mas sem fanatismo, como a idéia que ainda se mantém sobre nós, principalmente por conta da história do Padre Cícero.<sup>62</sup>

Minha mãe é seguidora da religião Testemunha de Jeová, e por três ocasiões eu freqüentei o templo quando estava, ou muito triste, ou desesperançoso. Mas não cheguei a me converter. Não sou seguidor de nenhuma religião.<sup>63</sup>

<sup>59</sup> BURKE, Peter. *Op., cit.,* p. 177.

<sup>60</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. *Op. Cit.,* 2000. p. 100.

<sup>61</sup> Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007 à Soraia Morais.

<sup>62</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

<sup>63</sup> Entrevista do migrante retornado Raimundo Nonato de Oliveira, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

Não sou católica. Apesar de a minha mãe ter me passado uma formação religiosa rigorosamente católica, não sou praticante de nenhuma religião. Porém, em razão dos costumes em que fui educada, sou do tipo que não como carne na sexta-feira santa.<sup>64</sup>

Não sou católica fervorosa, mas vou à missa de vez em quando. Rezo agradecendo a Deus por tudo que tenho conquistado na minha vida, e espero conquistar ainda mais.<sup>65</sup>

Sabemos que todos os indivíduos vivem no interior de diferentes instituições. E a religião corresponde a um destes elementos, que por sua vez tem na fé, o aspecto mais representativo das tradições nordestinas. Até hoje o misticismo é associado às práticas sócio-culturais dos nordestinos. Uma espécie de marca e que acaba por conferir uma identidade própria a seus indivíduos. A participação nestas instituições é capaz de garantir recursos simbólicos, tendo em vista que na terra adotada ele se vê marginalizado e excluído. Não é demais acrescentar que cada uma das instituições faz-nos revelar um sentido identitário, dependendo das diferentes ocasiões:

[...] como participar de uma entrevista de emprego ou de uma reunião de pais na escola, ir a uma festa ou ir a um centro comercial. Em todas essas situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros.<sup>66</sup>

Isto implica dizer que a vida está sempre exigindo a assumidade de diferentes identidades, que podem ser harmônicas, mas no geral estão em conflito, ou às vezes acabam gerando uma crise. Por esta razão, não se pode escapar da análise deste parâmetro cultural, que vai ao encontro dos pressupostos da pesquisa, no sentido de tentar alcançar alguns valores que possam caracterizar a identidade cultural deste grupo de retornados piauienses.

---

<sup>64</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana.

<sup>65</sup> Entrevista da migrante, Margarete Brito, concedida à Soraia Morais em 27 de maio de 2006.

<sup>66</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da. *Op., Cit*2000. p. 43.

## 2 IDENTIDADE E DIFERENÇA NO CONTEXTO DOS DESLOCAMENTOS CULTURAIS

A problemática da identidade, e por sua vez a da cultura, tem sido um viés teórico bastante consagrado no campo das ciências humanas. Ela trata de preocupações classicamente atreladas à literatura, às artes plásticas, ao folclore, como também se refere a uma fonte de orientação teórica que diz respeito à compreensão das vivências sociais – simbolicamente mediada pelos discursos,

de modo que tanto se pode dizer que tal vivência é culturalmente construída, como dizer que a cultura é uma construção social, que interage de forma complexa com os diferentes lugares e práticas, onde se situam ou por onde circulam os agentes sociais, dando sentido e direção – ou questionando-os – a seus pertencimentos e ações.<sup>1</sup>

Portanto, não se poderia pesquisar um fenômeno social como a migração, sem levar em conta as características culturais deste grupo de piauienses, posto que, por trás das cordialidades que marcam os relacionamentos pessoais, em algumas situações “existem clivagens rígidas que limitam o caráter democratizante dessas práticas afetivas e gentis”.<sup>2</sup> Além disso, o marco referencial do piauiense, considerando as falas dos migrantes retornados, tem como principal elemento de identidade cultural a simbologia do retirante, já que migrar sempre foi um fato social historicamente relacionado à “superação da miséria, de ir ao encontro de um lugar social. E isso, teórica e ilusoriamente, dependeria apenas de seu esforço pessoal, nada tendo a ver com causas estruturais e históricas”.<sup>3</sup>

O conceito de identidade cultural surgiu na década de cinquenta do século passado, nos Estados Unidos, e se caracterizou por sua polissemia e fluidez. Um grupo de pesquisadores em psicologia social buscava um instrumento adequado para analisar os problemas de integração dos imigrantes. A partir de então, a

---

<sup>1</sup> BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 7.

<sup>2</sup> MARTINS, Paulo Henrique. *Cultura autoritária e aventura da brasilidade*. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 66.

<sup>3</sup> ANTUNES, Nara Maria de Maia. *Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura*. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 126.

questão da identidade cultural passou a se referir, num primeiro momento, à questão mais abrangente da identidade social, da qual ela é um dos componentes. “Para a psicologia social, a identidade é antes, um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, esteja ele próximo ou distante”.<sup>4</sup>

Nessa perspectiva, a identidade cultural aparece como uma categorização, distinguindo nós e eles, de acordo com as diferenças culturais existentes ou supostamente existentes. Na abordagem culturalista, a identidade cultural está vinculada à herança cultural, ligada à socialização do indivíduo no interior de seu grupo cultural. Já para outras teorias, a identidade cultural também tem um caráter *primordialista*<sup>5</sup>, que considera o fator etno-cultural como primordial, porque reflete a primeira e mais fundamental de todas as vinculações sociais, que são as emoções e os vínculos solidários.

Numa outra linha, temos o conceito de identidade cultural subjetivista, que considera a identidade etno-cultural como “um sentimento de vinculação ou uma identificação a uma coletividade imaginária em maior ou menor grau. Para estes analistas, o importante são as representações que os indivíduos fazem da realidade social e de suas divisões”.<sup>6</sup> Esta abordagem também enfatiza o aspecto efêmero da identidade, haja vista que cada um seria livre para escolher suas identificações.

Em se tratando dos migrantes retornados, o que se observa no decorrer de suas colocações, é que existiram fatores de identificações, mesmo que, no decorrer das falas, tenha ficado evidente as diferenciações e o caráter da rejeição em nível de referência cultural, ou de identidade cultural. Estes piauienses, portanto, em sendo essencialmente seres de cultura, ao vivenciar o rompimento com o lugar de origem, certamente sentiram abalos na perspectiva cultural e social, seja através da necessidade de manter suas tradições, seja na perspectiva da auto-afirmação da sua própria identidade, ao reconhecer-se como aquilo que

---

<sup>4</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. 176.

<sup>5</sup> Idem. p.179.

<sup>6</sup> Idem. p.180.

se é: sou piauiense, portanto não sou mineiro, carioca, pernambucano ou baiano.

O migrante de retorno, por não conseguir de fato hibridizar alguns elementos culturais, como a comida, a linguagem e o modo de ser, e superar o sofrimento causado pela saudade, acaba voltando à unidade familiar. De acordo com uma pesquisa da Fundação Cepro sobre migração, “[...] a motivação principal para migração de retorno é o fator família, com maior peso para as mulheres”.<sup>7</sup> Neste estudo, não somente as três migrantes entrevistadas<sup>8</sup>, como também os retornados Raimundo Nonato e Gerson Medeiros, afirmaram que a saudade foi decisiva para tomarem a decisão de voltar à terra natal.

De acordo com Denys Cuche, a evolução humana fez com que os instintos regredissem, e progressivamente o homem foi tornando a cultura como algo capaz de permitir a si, tanto se adaptar a seu meio, como também adaptar esse meio a si próprio. Diferentemente da carga genética, que é igual em todas as populações humanas, a cultura se diferencia de acordo com cada grupo social, “[...] cada um inventando soluções originais para os problemas que lhe são colocados”.<sup>9</sup>

É pela noção de cultura que se consegue superar as explicações naturalizantes dos comportamentos humanos. Isso faz com que o sentido de cultura seja remetido ao pensamento de uma comunidade, modo de vida ou comportamento. A idéia moderna de cultura, surgida no século XVIII, fez suscitar debates acirrados sobre o tema, assim como provocou o surgimento de desacordos teóricos. De todo modo, as pesquisas têm se debruçado sobre sociedades as mais diversas, fazendo surgir uma ordem simbólica, que corresponde a um conjunto de práticas sociais, econômicas, políticas e religiosas, que envolvam uma coletividade, ou um grupo específico de indivíduos.

Em se tratando de práticas sociais, Maria Ducarmo reconhece alguns elementos que condizem com um dos sentidos da identidade cultural, que é o fato de conviver com as diferenças. Neste comentário, está em destaque um dos pressupostos das práticas cotidianas concernentes à alimentação e seus rituais

---

<sup>7</sup> BACELLAR, Olavo Ivanhoé de B. & LIMA, Gerson Portela. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Teresina: Fundação CEPRO, 1990. p. 169.

<sup>8</sup> Margarete Brito, Elza Silva e Maria Ducarmo.

<sup>9</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. p.109.

associados, “que sugere, em alguma medida, que nós somos o que comemos”<sup>10</sup>:

Em São Paulo você consegue perceber com mais profundidade as diferenças que existem entre vários grupos de pessoas. É uma sensação de se achar estrangeiro também. Nas ruas de São Paulo fica evidente as diferenças culturais das pessoas. Seja pelo comportamento de cada um, seja pela forma de se vestir, praticar as religiões, e até o modo como as pessoas andam e o que comem. O modo de vida dos moradores do bairro Higienópolis, fez com que eu mudasse um de meus hábitos. No final de semana, por exemplo, eu costumava fazer um churrasquinho, até como forma de atenuar a saudade do nosso bode assado, que lá chamam de cabrito. Certo dia o síndico mandou um comunicado para minha irmã, nos advertindo que a fumaça e o cheiro da carne assada estava incomodando os vizinhos, e que da próxima vez ela pagaria multa. O que para mim era uma tradição, para eles era algo incômodo.<sup>11</sup>

Era angustiante pra mim, quando eu procurava um rosto conhecido e não encontrava. Eu não conseguia me senti em casa, todas as pessoas eram estranhas. Até que eu resolvi tomar café no mesmo lugar, todos os dias, pra dessa maneira eu ficar conhecido pelo vendedor, e poder chegar cumprimentando pelo nome, e quem sabe, ouvir o meu nome da boca dele. Tinha uma senhora que vendia cafezinho no Vale do Anhangabaú, e eu perguntei a ela se eu podia pedir a sua benção, pois até disto eu tinha saudade. Ela sorriu pra mim e disse que eu podia pedir a sua benção. Este ritual me fazia falta, pois todos os dias quando eu acordava, pedia a benção à minha mãe. E lá não tinha como eu praticar este costume. Outra sensação horrível que eu sentia, era quando eu contava uma história que havia acontecido comigo, na minha terra, e as pessoas que ouviam não tinham a menor empolgação, por mais que eu me esforçasse em tornar engraçada ou demonstrar um valor sentimental, as pessoas não compartilhavam daquela emoção.<sup>12</sup>

Neste relato de Gerson, fica patente que os aspectos culturais envolvem o contraste, o consenso e até a discórdia, dependendo dos contatos estabelecidos. A sensibilidade ou o valor simbólico que está evidente na fala acima citada,

---

<sup>10</sup> WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: *Identidade e diferença*. a perspectiva dos estudos culturais. Tomaz Tadeu da Silva (org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 43.

<sup>11</sup> Entrevista da migrante retornada Maria Ducarmo Santana.

<sup>12</sup> Entrevista do migrante retornado Gerson Luiz da Costa Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007 à Soraia Morais.

difícilmente seria compartilhada com o outro. Também, nessa convivência, pode ocorrer o processo de aculturação, que é tido como uma modalidade da evolução cultural.

Para Denys Cuche<sup>13</sup>, o termo aculturação foi criado por J. W. Powell, antropólogo americano, que a denominava como a transformação dos modos de vida e de pensamento dos imigrantes, ao tomar contato com a sociedade receptora. É conveniente esclarecer que o prefixo “a”, não significa exclusão. Ao contrário, este prefixo “a” vem do latim *ad* e indica um movimento de aproximação. A aculturação, segundo Powell, seria o conjunto de fenômenos que resultam de um contato contínuo e direto, entre os grupos de indivíduos de culturas diferentes e que provocam mudanças nos modelos (patterns) culturais iniciais, de um ou dos dois grupos que estão em contato.

A aculturação não pode ser confundida com assimilação. Segundo Cuche, a assimilação deve ser compreendida como a última fase da aculturação que, para ele, parece ser muito difícil de ser atingida, por implicar o desaparecimento total da cultura de origem de um grupo. Também não se pode confundir aculturação com difusão, “[...], pois, por um lado, mesmo que haja sempre difusão quando há aculturação, pode haver difusão sem contato contínuo e direto”.<sup>14</sup> Principalmente nos dias de hoje, em que os veículos de comunicação disponíveis são possibilitadores de contato com as mais variadas culturas, de forma indireta ou virtual.

Roger Bastide<sup>15</sup>, por sua vez, analisando o fenômeno da aculturação, afirmava ser preciso levar em conta tanto o grupo que oferece quanto o grupo que recebe características culturais. Por esse princípio, não há cultura unicamente “doadora”, nem cultura unicamente “receptora”. Ainda na concepção de Bastide, a aculturação não se produz, jamais, em mão única. Por essa razão, ele propõe os termos interpenetração ou entrecruzamento das culturas, em lugar do termo aculturação, uma vez que o termo aculturação não indica, claramente,

---

<sup>13</sup> Ibidem. p. 111.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 115.

<sup>15</sup> BASTIDE, Roger. *O princípio de corte e o comportamento afro-brasileiro*. São Paulo: Anais do Congresso Internacional de Americanistas, 1995. p. 493-503. v. 1.

reciprocidade de influência, e, ademais, raramente os encontros ocorrem de forma simétrica. Bastide também explica os diferentes fatores que podem desempenhar um importante papel no processo de aculturação:

- 'O fator demográfico: qual dos grupos em contato é majoritário numericamente, e qual dos dois é minoritário? Mas a maioria estatística não pode ser confundida com a maioria política. Na situação colonial, por exemplo, a maioria estatística é minoritária no plano político'.
- 'O fator ecológico: onde se dá o contato? Nas colônias ou na metrópole? No meio rural ou no meio urbano?'.
- 'O fator étnico ou racial, enfim: qual é a estrutura das relações interétnicas? Existem relações de dominação/subordinação? De que tipo: paternalista ou concorrencial (os efeitos são opostos?)'.<sup>16</sup>

De qualquer modo, as pesquisas sobre aculturação ou cultura têm renovado a concepção das relações interculturais. Os migrantes, inescapavelmente, passam por uma ou algumas das proposições descritas pelos autores mencionados. Dentre os costumes, a maneira de falar, e comida típica, são os aspectos mais citados pelos entrevistados.

“Nos finais de semana, eu ia para o Centro de Tradição Nordestina, CTN, para dançar forró e comer muito sarapatel. Lá eu me sentia em casa, pois na barraca do Piauí, além de conversar com os conterrâneos e dançava forró a noite toda, comia bastante, e dançava as meninas daqui”.<sup>17</sup>

Isso reforça a idéia de que durante o contato com outros sujeitos, há realmente um processo de desestruturação e, por esta razão, são buscadas formas de reestruturação ou reagrupação com pessoas da mesma origem, que, para Cuche, faz parte de um dos princípios do sistema cultural.

Este mesmo processo também é capaz de revelar o aspecto da deculturação, que não é, necessariamente, um fenômeno negativo que resulta na decomposição da cultura. “Se por um lado, a deculturação pode ser o efeito do encontro das culturas, ela pode, também, agir, por outro lado, como causa de

<sup>16</sup> CUCHE, Denys. *Op., cit.*, 2002. p. 115.

<sup>17</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

reconstrução cultural”.<sup>18</sup> Isso porque, à medida que grupos ou indivíduos se distanciam de suas origens, tendem a manter traços culturais do lugar onde nasceram e moraram, durante um longo tempo.

Essa perspectiva diz respeito à “continuidade afirmada”, visto que as tradições continuam vivas, mesmo sendo influenciadas pelo processo da descontinuidade cultural, que está mais presente na ordem temporal do que na ordem espacial.

Peter Burke<sup>19</sup>, também faz referência a algo denominado de “modelo das duas camadas”, destacando a importância da contribuição de Mikhail Bakhtin, no que diz respeito ao estudo da interação de duas culturas, que corresponde à noção de biculturalidade, concernente à incorporação de alguns traços culturais, tanto do grupo receptor, quanto do grupo doador. Francisco Falcon<sup>20</sup> sugere que sem um instrumental adequado, no contexto do debate antropológico sobre cultura, ficará inviável analisar aspectos de duas concepções básicas: as práticas e as representações culturais. Isto se dá porque a cultura:

[...] apresenta-se como resultante de algum tipo de ação (mental, espiritual, ideológica, como queiram) das práticas culturais, sobre o respectivo grupo humano considerado (nas práticas), quer em seus aspectos coletivos, quer, eventualmente, pelo menos, em seus componentes culturais. Trata-se, assim, de cultura como representante coletiva, e também expressão de algum tipo de finalidade, inerente à própria cultura.<sup>21</sup>

No caso da representação social e cultural deste grupo de migrantes retornados, a referência cultural que continua mais marcante é o sertão, “entendido como uma construção simbólica”<sup>22</sup>, que firma os atributos da própria identidade nacional, a qual desde o século XIX, é referenciada a partir da figura do sertanejo.

<sup>18</sup> BASTIDE, Roger. *Op., cit.*, 1995. p. 493-503.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 120.

<sup>20</sup> FALCON, Francisco José Calazans. *História cultural. uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002. 87.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 88.

<sup>22</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo, Cortez, 1999, p. 193.

Vários intelectuais brasileiros, como Gilberto Freyre, a partir daquele século começaram a se esforçar no sentido de estabelecer os fundamentos e as características da nação. Para tanto, percorreram a sociologia, os costumes, a literatura, o folclore, a história e a geografia, com o intuito de encontrar respaldo e fundamentos teóricos.

Acreditamos que para se entenderem os caminhos da construção da identidade nacional, é imprescindível percorrer os passos trilhados pelo pensamento social brasileiro, em torno do sertão, na medida em que este procedimento era postulado pelos próprios intelectuais.<sup>23</sup>

Naquele período, e até os dias de hoje, são publicizadas argumentações dicotômicas entre o litoral e o sertão.

Assim como a natureza foi apresentada ora com atributos paradisíacos, ora como infernal, também ao sertão atribuíram-se qualidades positivas e negativas. Ao mesmo tempo em que é apresentado como um lugar inóspito, onde a vida é difícil, porque se trata de terra pouco povoada, agreste, é, entretanto, habitada por gente brava e destemida.<sup>24</sup>

A obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, provocou impacto em seus leitores, pois, no seu conteúdo, a população sertaneja aparece como desconhecida para grande parte da elite intelectual. Aliás, o sertanejo é apresentado como o *Outro* da nação, um sujeito rude e forte.

Antes dessa publicação, esse outro já havia sido manchete de jornais no Rio de Janeiro, com uma imagem recorrente do fanático, migrante e flagelado da seca. A descoberta do sertão, portanto, foi, desde o início, associada aos traços da identidade nacional, sob uma ótica negativa

[...] em que se primava pela sua inferioridade racial, cultural ou histórica. Se Euclides da Cunha pode ser considerado uma matriz do olhar sobre os sertões, é importante destacar que ao procurar

---

<sup>23</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu*. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105.

<sup>24</sup> *Ibidem*, p. 108.

transmitir o mundo do sertão para o público leitor, transmite a sensação de sentir-se estrangeiro em seu próprio país.<sup>25</sup>

Ou seja, ao mesmo tempo em que se reconhecia o sertão como um lugar onde o “Brasil era mais Brasil”, também se evidenciava essa característica como um problema para a nacionalidade. Durante o romantismo, cujos principais escritores foram Franklin Távora, Visconde de Taunay e, destacadamente, José de Alencar, o sertanejo era o protótipo do homem heróico. Portanto, a idéia, ainda hoje recorrente sobre o nordestino, que, a rigor, é o sertanejo, surgiu por duas óticas: uma romântica, que o via enquanto símbolo da nacionalidade, e uma outra, realista, que não concordava com as características dessa nacionalidade, por ser esse sujeito fruto de uma miscigenação e, até mesmo, “portador de uma degeneração racial”<sup>26</sup>.

A obra de Gilberto Freyre também é contributo narrativo para a história da identidade nacional, destacando a história colonial nordestina, ao tempo em que São Paulo tornava-se uma outra matriz, por meio da figura do bandeirante, que deixara como herança o ímpeto desbravador e uma perspectiva de “ação civilizatória”.

O território nacional era apresentado como resultado da ação bandeirante, e em última instância, a elite paulista identificava numa identidade nacional, sua própria imagem. Essa construção histórica, longe de ser neutra ou descompromissada, atuava no sentido de não só explicar e justificar a riqueza e supremacia econômica, então desfrutada por São Paulo, como também de legitimar as suas pretensões de conduzir politicamente o país.<sup>27</sup>

De todo modo, para alguns estudiosos, como por exemplo, Oswald de Andrade, o Nordeste é a região que mais traduz a nossa brasilidade.

Nordeste, filho da tradição, afetividade, espaço sempre visto e dito, a partir do sentimento da saudade, espaço querido mais do que real! Terra que quando se está nela, quase não se sente a sua existência, até se quer sair dela o mais rápido possível. Mas basta

---

<sup>25</sup> Ibidem. p. 109.

<sup>26</sup> Ibidem. p. 110.

<sup>27</sup> BURITY, Joanildo. *Op., cit.*, 2002. p. 111.

estar longe, basta ela ser saudade, para seu rosto se tornar nítido e a vontade de voltar tornar-se um sonho.<sup>28</sup>

Portanto, a saudade e a seca conferiram uma identidade para a região nordeste, e, evidentemente, para o Piauí, também. Em torno de um fenômeno climático, que é a falta de chuva, se criou uma significação imaginária, que mascara uma estrutura social de exploração e miséria.

Uma das principais conseqüências dessa estrutura social iníqua vigente no Nordeste (e não da seca, como esse discurso quer levar a crer) é o migrante, o “pau-de-arara”, o retirante, verdadeiros símbolos da gente nordestina, e talvez sua cara mais conhecida, sobretudo porque impõe desagradavelmente sua presença ostensiva nas demais regiões do país. Para os nordestinos, migrar adquire a representação social de superação da miséria, de encontro de um lugar social (de excluídos passariam a incluídos). E isso, teórica e ilusoriamente, dependeria apenas de seu esforço pessoal, nada tendo a ver com causas estruturais e históricas.<sup>29</sup>

A identidade cultural do migrante está submetida, inescapavelmente, à problemática de se deparar e sobreviver em um outro mundo, que o faz reconhecer os valores de sua terra natal e possibilitar a incorporação de outros, em que se destaca basicamente o consumo, “símbolo máximo de uma civilização regida pelo dinheiro”<sup>30</sup>. Nessa nova morada ou etapa de vida, o migrante passa a conviver com conflitos, pois esse novo espaço citadino, ao mesmo tempo em que o atrai, o expulsa, ao mesmo tempo em que o ama, o enlouquece. É uma situação de conflito, em que sua origem ora é valorizada, ora é colocada em desvantagem. Isso sem citar a fragmentação sentimental, inerente ao mundo metropolitano, que torna difícil o reconhecimento de si mesmo.

Dentre os vários comentários que ouvia a respeito de nosso Estado, se destacavam a garra de lutar pela sobrevivência, a alegria de viver e o atraso econômico. Esta idéia é bastante emblemática. Por outro lado, o litoral e as praias são aspectos atrativos e bastante admirados pelas pessoas que moram em São

<sup>28</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Op., cit.*, 1999. p.130.

<sup>29</sup> ANTUNES, Nara Maria de Maia. *Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura*. In: BURITY, Joanildo A. *Op., cit.*, 2002. p. 134.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 135.

Paulo. É como se vivêssemos sempre entre duas situações, brisa e fome, alegria e tristeza.<sup>31</sup>

Entre outras sensações, o migrante passa por um sentimento de estrangeiridade, pois o olhar do outro é que passa a lhe atribuir valores. Para a entrevistada Elza Maria, a solidão foi um dos sentimentos que mais a desestabilizou. A migração, enquanto um desejo é simplesmente algo abstrato, mas quando se realiza, e se passa pela experiência de vivenciá-la, é que se percebe o seu sentido concreto. Mesmo que essa migração ocorra em direção a um universo de referências organizadas, “[...] para onde está a família do irmão do pai, os antigos vizinhos, os amigos de infância”<sup>32</sup> ou um irmão, ou uma tia, o estilo de vida de quem chega à cidade de destino não estará mais nos moldes da comunidade de origem.

A procura por grupos referenciais é uma prática bastante comum e ocorre em função do apelo aos laços de solidariedade anteriores, como que reforçando os aspectos inerentes à sua cultura, como, também, estabelecendo a continuidade de suas tradições. Outro dado curioso é que “[...] muitas vezes é do próprio migrante que parte a iniciativa de manter o grupo anterior, promovendo a migração sucessiva de membros da família”.<sup>33</sup> Por outro lado, em alguns casos, as relações familiares de parentesco, vizinhança ou amizade acabam se enfraquecendo, como ocorreu com o professor Raimundo Nonato<sup>34</sup>:

Eu vinha para o Piauí todos os anos. Não perdi contato com meus familiares, mas perdi com alguns amigos de infância. Quando eu entrava de férias, corria pra cá, pra matar a saudade de todo mundo. Muita gente curiosa pra saber como era a vida em São Paulo, se realmente lá a gente ganhava muito dinheiro, pois as pessoas imaginam e até fantasiam um bocado de coisas, por nunca terem ido lá. O fato é que eu perdi contato com mais da metade dos meus amigos de infância.

---

<sup>31</sup> Entrevista da migrante retornada Margarete Leal de Brito, em 27 de maio de 2006.

<sup>32</sup> DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984. p. 135.

<sup>33</sup> *Ibidem*. p. 136.

<sup>34</sup> Entrevista do migrante retornado Raimundo Nonato de Oliveira, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

Esse comentário é parecido com o de Maria Ducarmo <sup>35</sup>, para quem, de início, tinha contato permanente com os seus pais, seja através de cartas, seja por telefonemas. “[...] Já os meus amigos, com o passar do tempo foram deixando de me ligar, de me escrever, e até de me mandar notícias através dos conterrâneos que iam para São Paulo passar férias ou visitar alguns parentes”. O Piauí, enquanto “paraíso perdido”, passa a ser atributo de toda uma identidade, quer cultural, simbólica ou afetiva. Esses aspectos refletem os vínculos primários (familiares), secundários (parentesco) e terciários (vizinhos) <sup>36</sup>. Nesse movimento de ida e volta, os sujeitos rompem com modelos de relações, formam outros vínculos, às vezes de forma espontânea, e em outras de maneira proposital, já que a maioria teve dificuldade de criar vínculos com pessoas do lugar de destino.

A atribuição de identidade é também um processo flutuante e, ao mesmo tempo, relativo. De todo modo, há que se reconhecer que a cidade de origem desses migrantes, de fato, tem horizontes restritivos, se comparada a São Paulo, por esta representar a maior referência em nível de conhecimento, simbologias e poder. Em vista disso, os migrantes sempre buscam apoio nas relações com conterrâneos, que em muitas ocasiões são pessoas “que agem como intérpretes deste mundo rico em urbanidade, e transmitem a sua experiência pessoal, favorecendo aprendizagem necessária à integração na vida da cidade”. <sup>37</sup> É através de todas estas relações, que o migrante consegue superar o tradicional personalismo do seu universo, elasticando a sua experiência e aprendendo a manipular novos padrões:

Quando eu disse que somente em São Paulo eu pude sentir a dimensão da nossa identidade, é porque em nossa terra, você é conhecido por vários referenciais. Fulano é filho de cicrano, que mora na rua tal, e é casado com fulano de tal. Lá não existe isso. Somos apenas mais um naquele formigueiro de gente. Se acontecer algum acidente, não vai aparecer tio, avó ou mãe pra ficar do seu lado. <sup>38</sup>

---

<sup>35</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

<sup>36</sup> DURHAM, Eunice R. *Op., cit.*, 1984. p. 135.

<sup>37</sup> *Ibidem.*, p. 139.

<sup>38</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana.

Além de outras diferenças culturais, uma que foi bastante marcante pra mim, é que aqui no Piauí, as relações de trabalho ocorrem de maneira, não sei bem se comunitária ou solidária. Eu sou enfermeira, e coordenei uma equipe de técnicos de enfermagem no HC [Hospital das Clínicas da FMUSP]. Lá, quando um funcionário falta, você não tem que entender o motivo, se foi doença de um filho, da mãe, essa coisa de sentir piedade, compreender aquele deslize. A visão que reina lá é de patrão-empregado. Não existe Maria, Teresa ou Domingos. Lá existe o funcionário, que deve obrigações, tem que produzir, dá lucro e resultados. O ponto de vista ocupacional é extremamente profissional e nada solidário ou humano. E quando eu digo que foi marcante, é porque só a partir desta experiência, é que eu fui capaz de rever e refletir sobre essa maneira viciosa de concepção de trabalho, em que às vezes o funcionário mata a mãe, a tia ou a sogra, pra faltar ao trabalho, e fica o dito pelo não dito.<sup>39</sup>

Mesmo levando em consideração todas as preleções dicotômicas ou antagônicas, o Brasil não é um país que pratica uma ideologia nacionalista radical, do tipo “purificação étnica”.<sup>40</sup> Mas há que se reconhecer que existe a prática etnocêntrica, que diz respeito à visão das coisas, “segundo a qual nosso próprio grupo é o centro de todas as coisas, e todos os outros grupos são medidos e avaliados em relação a ele”.<sup>41</sup>

O piauiense vivencia este aspecto sociológico, e antropológico por extensão, à medida que é analisado como um elemento de uma cultura, e, por esta razão, certamente experimenta a noção de ser incluído ou excluído, numa dimensão de domínio simbólico, que inclui as “práticas culturais e atitudes subjacentes à vida cotidiana e até a cultura material: alimentação, roupas, habitação e etc.”<sup>42</sup>. A produção da identidade piauiense, representada por esse grupo de retornados, é estabelecida pela alteridade do olhar do outro. Aliás,

Quando se trata dos outros, isto permite todas as generalizações abusivas. O artigo definido identificador, permite reduzir um conjunto coletivo a uma personalidade cultural única, apresentado geralmente de forma depreciativa: o Árabe é assim, [...] os

<sup>39</sup> Entrevista da migrante retornada Margarete Leal de Brito, em 27 de maio de 2006.

<sup>40</sup> CUCHE, Denys. *Op., cit.*, 2002. p. 158.

<sup>41</sup> *Ibidem.* p. 46.

<sup>42</sup> BURKE, Peter. *O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica*. São Paulo: DIFEL, 2000. p. 19.

africanos são assim [...].<sup>43</sup>

O Brasil é um país originalmente formado por fenômenos de fusão ou cisão étnica, e a identidade cultural neste sentido, é multidimensional, na medida em que resulta de uma construção social e faz parte da complexidade social. Dessa forma, é impossível reduzir a identidade cultural a uma definição simples, pura, pois todo grupo social é heterogêneo.

“Eu sei quem eu sou em relação com o outro, que eu não posso ser”.<sup>44</sup> Essa frase traduz o que os entrevistados manifestaram, mesmo que de maneira implícita, a respeito do sentimento de pertencimento ao chegar à metrópole paulista. Ou seja, no momento em que se depararam com outros sujeitos, cujos referenciais culturais diferiam dos seus, ficou patente as dicotomias em nível de dialeto e de tradições.

Não afirmaria que senti crise de identidade. Mas, sem dúvida, São Paulo é um mundo intenso, frenético, que provoca adrenalina e te perturba de tal modo, que você acaba mudando algumas idéias que você tinha como fixas e se posicionando de maneira mais global.<sup>45</sup>

Crise de identidade é algo provocado por mudanças. É quando algo que você considera coerente e fixo é deslocado. Atualmente, teóricos como Ernest Laclau, utilizam esse termo e garantem que é uma característica da sociedade contemporânea, pós-moderna ou tardo-moderna. Nesse caso específico, trata-se de um fenômeno que atinge migrantes quando chegam a uma cidade cosmopolita e se sentem abalados nos seus quadros de referência, com ênfase em suas tradições.

O migrante passa por um processo intrínseco ao fator identitário, tendo em vista que as sólidas e fundamentadas idéias que tinham de si próprios passam por um momento de abalo ou transformação, pois a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como estável é

---

<sup>43</sup> Ibidem. p 189.

<sup>44</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 40.

<sup>45</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza. “Quando eu cheguei a São Paulo, eu tinha uma meta. Trabalhar e ganhar dinheiro para comprar um apartamento ou uma casa. Em função dos meus filhos, tive que voltar sem realizar este intento”.<sup>46</sup>

Outro ponto a ser colocado em relação à migração de retorno diz respeito aos conflitos que os migrantes tiveram que superar. Evidentemente, as primeiras impressões que eles têm de uma cidade como São Paulo, diferem dos padrões de comportamento que constituem o seu aparato cultural. É, portanto, uma experiência que, por um lado, pode intimidá-los e, por outro, pode incentivá-lo a seguir em frente.

Inicialmente, é necessário que ele estabeleça contatos com pessoas estranhas, para obter informações. Mas, desde que se familiarize com o ‘caminho’, ele atravessa a cidade, sem dela participar, apenas percorrendo no espaço que lhe é exterior, e do qual se isola socialmente, até atingir a segurança do universo familiar composto de parentes e amigos.<sup>47</sup>

Os migrantes piauienses não conseguiram se familiarizar com o individualismo que está associado à cidade dos arranha-céus. Ao contrário, é perceptível que uma das características culturais dos migrantes retornados é o personalismo nos grupos de convivência. Por essa razão, tentaram alinhar os sentimentos subjetivos, com os lugares objetivos que ocuparam durante essa experiência.

As práticas sociais e culturais do grupo de retornados piauienses, e, certamente, as implicações identitárias, que envolvem o rompimento ou rupturas internas, têm ligação com as características mais íntimas e pessoais de sua existência e cotidianidade. Afinal, as sociedades são atravessadas pelas descontinuidades, definidas como:

Os modos de vida [...] que nos livram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas

---

<sup>46</sup> Entrevista da migrante retornada Margarete Leal de Brito, em 27 de maio de 2006.

<sup>47</sup> DURHAM, Eunice R. *Op., cit.*, 1984. p. 137.

na modernidade, são as mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo. Em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana.<sup>48</sup>

Essa afirmação associa as transformações sociais à modernidade, uma vez que ela é responsável pela “desestabilização” das tradições e estruturas arcaicas. Implica dizer que, dentre os movimentos que adquiriram visibilidade a partir dos anos 60 do século passado, está o dos imigrantes e, por conseguinte, dos migrantes. As experiências de povos e grupos culturais que passam a viver em territórios que diferem do de suas raízes, já não é somente uma questão de alternativa de sobrevivência, mas uma questão teórica por envolver elementos de identificação e exclusão ou até mesmo marginalização, dependendo das condições de cada elemento societário.

Segundo Hall é na primeira metade do século XX que os estudiosos do *interacionismo simbólico* consideram que ocorre o quadro mais perturbador do sujeito e da identidade. Pois naquele período, surgiu o indivíduo isolado ou alienado, colocado na metrópole anônima e impessoal e, conseqüentemente, vulnerável à desagregação e a vários deslocamentos.

O fenômeno da migração no Brasil, e, mais especificamente do nordestino para São Paulo, ocorreu, também, na primeira metade do século XX, sendo que a pós-modernidade ou modernidade tardia, segundo Hall, situa-se a partir da década de 60, quando os partidos políticos não conseguiram responder ou corresponder às aspirações da sociedade. É naquele período que a análise social começou a se estruturar, considerando os movimentos identitários, dentre os quais, os movimentos negro, homossexual, ecológico e de migrantes, que passaram a refletir efetivamente as reivindicações sócio-culturais.

A partir daquele período, não era mais o movimento de direita ou esquerda que estava na arena das lutas emancipatórias, mas a identidade racial, enquanto sujeito excluído das decisões do país, a identidade homossexual, enquanto ator

---

<sup>48</sup> Ibidem. p. 16.

social que exigia respeito para com a sua orientação sexual, e, por sua vez, o migrante, que atravessava várias fases de adaptação no lugar de destino, pelo fato de terem em si mesmos, costumes intrínsecos às suas raízes.

Nessa fase ocorre de maneira mais enfática, a marcação simbólica que oferece sentido às práticas sociais e que, às vezes, define quem é incluído e quem é excluído. Emergem representações sociais que permeiam significação e significados. E, por meio desses significados produzidos pela representação, torna-se possível dar sentido às experiências humanas, partindo da idéia daquilo que somos, ou daquilo que podemos nos tornar.

Só consegui me desvincular da carga de preconceito em relação à minha homossexualidade, por conta da liberdade de vivenciar minhas experiências. Foi quando passei a perceber que não era pecado e nem crime o sentimento que eu sufocava em mim. Em São Paulo, eu não tinha medo de ser flagrada beijando uma garota, seja por um transeunte, vizinho ou mesmo parente.<sup>49</sup>

Essa fala reforça a idéia de que a “representação, compreendida como um processo cultural, estabelece, também, identidades individuais e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia, fornecendo possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que poderia ser? Quem eu quero ser?”<sup>50</sup>. Ou seja, essas reflexões enfatizam teoricamente a nossa formação enquanto sujeitos generificados, e, ao mesmo tempo, nossa subjetividade, através do processo de identificação, enquanto gay, jovem, mulher, negro e migrante.

Outro elemento concernente ao parâmetro da migração diz respeito à mesmidade, “[...] que é o produto da experiência vivida e das coisas da vida cotidiana que um grupo tem em comum”.<sup>51</sup> Ao passo que a outridade é o resultado das experiências onde os grupos sociais se divergem. Nessa relação poderão ocorrer as identificações e contestações, a ponto de tornar determinado grupo, estigmatizado em relação a outros.

---

<sup>49</sup> Entrevista da migrante retornada Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

<sup>50</sup> WOODWARD, Kathryn. *Op., cit.*, 2000. p. 11.

<sup>51</sup> *Ibid.* p. 9.

Minha vizinha tinha uma pensão, e, quando acontecia algum problema no encanamento ou na eletricidade, ela me chamava pra fazer o serviço. Ela nunca me perguntava quanto era, só me dava um prato de comida. Uma vez eu reclamei, e ela me chamou de nordestino orgulhoso. Em São Paulo, o nordestino é visto como trabalhador que tem só a força para sobreviver, é como se a gente não pensasse, não tivesse intelecto.<sup>52</sup>

Para Helenilda Cavalcanti<sup>53</sup>, o período de crescimento capitalista no Brasil criou as condições para essa prática social denominada migração, que reflete as diferenças regionais e pressupõe uma relação entre o lugar das regiões fornecedoras e receptoras de indivíduos. Portanto, entre as várias condições criadoras de deslocamentos e de mobilidade, está aquela que diz respeito às relações desiguais de desenvolvimento entre as regiões brasileiras. Sendo que atualmente, São Paulo não é mais visto como o lugar das possibilidades, pois está ocorrendo mudanças nesta ordem, indicadas pelas migrações de retorno ou de pequena duração.<sup>54</sup>

Os sujeitos pesquisados neste trabalho condizem com este perfil, uma vez que realizaram uma migração de curta duração e, por motivos variados, decidiram retornar ao estado do Piauí. Sem dúvida alguma, vários elementos implicaram nessa decisão, que vai desde a dificuldade de sobreviver longe dos entes queridos à dificuldade de adaptação por conta do clima ou medo da violência urbana.

Migração de curta duração corresponde àquela em que o migrante reside até 30 anos fora do seu lugar de origem. Portanto, os cinco piauienses que voltaram a morar em Teresina enquadram-se nesse parâmetro temporal, já que nenhum ultrapassou 15 anos de moradia na cidade de São Paulo. Vale dizer que, na perspectiva do sentido de identidade, a migração envolve muito mais do que um tipo de transferência de mão-de-obra, de uma cidade para outra, ou de Teresina para São Paulo.

Em outras palavras, a identidade do piauiense não pode ser reconhecida ou

---

<sup>52</sup> Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007 à Soraia Morais.

<sup>53</sup> CAVALCANTI, Helenilda. *O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 143.

<sup>54</sup> MOURA, Hélio. *A migração nordestina em período recente – 1981/1996*. *Cadernos de Estudos Sociais*. Recife: Massangana, n. 01, v. 15, jan-jun. 1999. p.37.

compreendida fora de um processo de produção simbólica e discursiva, já que o seu sentido ocorre em relação à significação das outras identidades, de outros processos que revelam diferenciações, marcas do poder, demarcação de fronteiras, classificações, como, por exemplo: bom e mau, puros e impuros, nós e eles, desenvolvidos e primitivos ou racionais e irracionais.

Essas mesmas diferenciações podem ser encaradas como diversidades, heterogeneidade ou hibridismo, o que implica uma concepção enriquecedora da diferença entre etnias ou culturas. Nessa mesma base, comporta citar uma outra perspectiva dos estudos identitários, que é a tensão entre identidades essencialistas e não-essencialistas. A essencialista corresponde ao grupo que tem características idênticas e que não se alteram ao longo do tempo; a não-essencialista diz respeito aos grupos que valorizam as diferenças e acabam trocando e partilhando modelos de comportamento.<sup>55</sup>

Os cinco migrantes retornados experimentaram os dois aspectos dessa última questão, tendo em vista que buscaram manter suas tradições e, ao mesmo tempo, foram flexíveis em relação a fazer novas amizades, conhecer outras culturas e aprender outros dialetos ou idiomas. Conseguir a auto-afirmação em nível de orientação sexual, como é o caso da migrante Maria Ducarmo, despertar para ambições profissionais, como é o caso do professor Nonato, e adquirir hábitos culinários de outras regiões, como é o caso da enfermeira Margarete Brito.

Por sinal, a cozinha é uma linguagem por meio da qual falamos sobre nós próprios e “sobre nossos lugares no mundo”<sup>56</sup> O antropólogo Claude Lévi-Strauss chegou a afirmar que a cozinha estabelece uma identidade entre nós. Fenômeno que a migrante Margarete Brito foi bastante enfática ao citar várias vezes durante a entrevista, que o fator de mais sensibilidade para ela era os pratos típicos do Piauí, que ela não conseguia fazer igual com os ingredientes a que tinha acesso em São Paulo.

A identidade tem um elemento que é considerado como um processo em andamento que é identificação. Ademais, a identidade nunca adquire plenitude ou

---

<sup>55</sup> WOODWARD, Kathryn. *Op., cit.*, 2000. p. 12.

<sup>56</sup> *Ibidem.* p. 42.

inteireza, ela está sempre sendo preenchida a partir do nosso exterior ou da forma como somos vistos pelo outro. Nesse sentido, convém salientar o sentido regional, local ou habitat, que são os espaços da nossa tradição e o ponto de partida para qualquer interpretação de nossos grupos societários.

O modelo de nossa região implica fatores estéticos e mediatizados, pois a instituição sociológica do Nordeste não é realizada apenas por seus intelectuais,

[...] não nasce apenas de um discurso sobre si, mas se elabora a partir de um discurso sobre (e do) seu outro, o Sul. O Nordeste é uma invenção não apenas nortista, mas, em grande parte, uma invenção do Sul, de seus intelectuais que disputam com os intelectuais nortistas, a hegemonia no interior do discurso histórico e sociológico.<sup>57</sup>

As próprias lutas regionalistas servem também de parâmetro para uma leitura de identidade regional que, invariavelmente, estabelece

[...] a prevalência de uma área e de um tipo regional, na construção da nação e de seu povo. Nessa leitura, parte-se quase sempre das questões e características atuais de cada espaço, para buscar suas raízes no passado. Produz-se toda uma mitologia em torno da origem de cada região e da nação, em torno de fatos históricos e pessoas que são afirmadas como precursores da nacionalidade [...] Estes mitos lançam mão da memória histórica de cada área, das manifestações folclóricas, das narrativas populares e da memória pessoal. Cada região é esse conjunto de fragmentos imagéticos e enunciativos, que foram agrupados em torno de um espaço, de uma idéia inicialmente abstrata de região.<sup>58</sup>

O antagonismo regional tomou corpo a partir da década de vinte do século passado, com o aval ou iniciativa dos intelectuais de cada área, como forma de determinar as diferenças de cada espaço. Criaram-se sinônimos que, até hoje, refletem, de maneira pejorativa, as características de cada região ou dos povos de cada uma delas. Embora se reconheça um processo de desconstrução dessa visão do nordestino enquanto “coitadinho” ou vítima da seca, e hoje seja reconhecido e valorizado pelas suas características originais e tradicionais.

---

<sup>57</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *Op., cit.*, 1999. p.130.

<sup>58</sup> *Ibidem*, p. 104.

Talvez por isso alguns pesquisadores piauienses, como Santiago Júnior, reconheça a necessidade de um aporte valorativo mais apanhado ou de um estudo mais aprofundado sobre essas questões culturais. Senão, vejamos:

A tarefa de escrever sobre história cultural do Piauí é ingrata e complicada. Ingrata porque sua definição é ainda imprecisa na historiografia mundial e nacional. E complicada porque não foi escrita efetivamente uma obra que se possa dizer classificada como dentro de gênero semelhante.<sup>59</sup>

De uma maneira ou de outra, não é possível ignorar que a identidade nacional está arraigada no Nordeste e na sua mestiçagem, como frisa Darcy Ribeiro, que todo brasileiro, de qualquer modo, tem um quê do índio Uirá, “[...] que saiu à procura de Deus, para identificar-se ante a divindade, e declarou: eu sou de seu povo, o que come farinha, todos nós brasileiros, podemos dizer o mesmo: nós somos o povo que come farinha de pau”.<sup>60</sup>

O piauiense, por seu turno, é um sujeito sertanejo, representado pelo vaqueiro e pela localização geográfica de seu espaço. O estado, mesmo possuindo uma pequena faixa litorânea, sempre pautou seu desenvolvimento econômico de forma isolada do restante do país. Não é propriamente um deserto humano, como o mediterrâneo pastoril, mas indiscutivelmente há um contraste, em nível de mentalidade, em relação a populações eminentemente litorâneas, que sempre gozaram de intensa comunicação com o mundo.

Atualmente, muitos desses aspectos já se modificaram, principalmente por conta das tecnologias, dos contatos com outras regiões e da própria globalização, que contribui, nesse sentido, com o desaparecimento de fronteiras nacionais e regionais. Se, antes, o sertanejo contava apenas com a radiodifusão para ter conhecimento sobre o “mundo civilizado”, hoje o computador disponibiliza imagens e conteúdos que, dependendo do ponto de vista ou do interesse, pode modificar ou reforçar a imagem ou a identidade do estado do Piauí.

---

<sup>59</sup> JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. *Algumas palavras sobre a cultura piauiense*. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 191.

<sup>60</sup> *Ibidem*, p. 340.

Mesmo considerando que o foco dessa análise destaca o aspecto contemporâneo das experiências humanas dos retornados, não se pode ignorar ou omitir as concepções que ainda são divulgadas sobre nossas origens e as primeiras mudanças que começaram a ocorrer, com o contato de migrantes com a cidade de São Paulo e o fomento da concepção de que lá tudo é possível, principalmente, ganhar muito dinheiro.

É necessário salientar que, praticamente, não existem obras que retratem a prática cultural do piauiense em nível de comportamento, atitude, valores e trocas culturais. No geral, os livros remetem a aspectos descritivos, de caráter topográfico, geográfico, climático e econômico. No que concerne aos costumes, modelos de comportamento e aspectos abstratos ou subjetivistas são poucos os trabalhos nesse sentido. A referência mais preponderante acaba sendo a fala dos sujeitos sociais que somente ao saírem de suas raízes foram capazes de perceber quais os elementos efetivamente intrínsecos e que culturalmente caracteriza as sociabilidades e suas respectivas complexidades, dentro do parâmetro identitário.

Segundo as declarações dos migrantes, as relações sociais dos grupos de piauienses ocorrem com base na solidariedade, com teor de parentesco, compadrio, como também se constitui com princípios de organização grupal e de vizinhança. Isto os difere da população de São Paulo, que por razões sociais ou culturais, baseia seu modo de vida no individualismo.

Eu senti muita solidão em São Paulo. O que me consolava eram os meus filhos, Marina, Felipe e Bruno. Verdadeiramente, as pessoas lá não se dispõem a reunir-se aos finais de semana como somos acostumados. As famílias não almoçam, jantam ou se reúnem com frequência como aqui no Piauí. Eu mesma tinha essa dificuldade em reuni meus filhos para saber como foi o dia na escola. Acho que o stress consome o humor, a disposição, a alegria de trocar conversas, dialogar sobre o dia-a-dia, os problemas e as expectativas. Aos pouco você acaba absorvendo o mesmo ritmo, e acaba tendo que ter cuidado pra não se tornar uma pessoa arredia ou mesmo solitária.<sup>61</sup>

A migrante Margarete<sup>62</sup> também afirmou que o motivo preponderante da sua

---

<sup>61</sup> Entrevista da migrante retornada Margarete Brito, em 27 de maio de 2006.

<sup>62</sup> Idem.

decisão de ir para São Paulo foi o desejo de conseguir um emprego estável. Esse desejo foi reforçado pelos conselhos de uma amiga que já estava lá, e que dizia, com freqüência, ao longo dos telefonemas, “que estava bem de grana”. Logo, todos os casos de migração pesquisados para esta dissertação, foram motivados por uma situação desfavorável e incômoda no seu local de origem, que por sua vez, gerou uma expectativa de mudança. Dos cinco entrevistados, somente uma admitiu que a migração não foi motivada pelo desejo de “melhorar de vida” ou pela busca de ascensão social. Como ela mesma afirmou, “eu fui para São Paulo para mudar de vida”.<sup>63</sup>

O processo migratório implica a adesão a determinados grupos, que, por seu turno, possuem suas próprias normas sociais.

Uma norma social é uma expectativa compartilhada pelos membros do grupo, através da qual se especificam o comportamento, pensamentos, sentimentos e atitudes apropriadas. [...] Dentro de qualquer grupo, há uma vasta soma de pressão sobre o novo membro, e sobre os membros existentes – para que se conforme a essa norma.<sup>64</sup>

Essa condição também diz respeito ao caráter da identidade, que para David Harvey é uma condição histórica, para quem as práticas culturais,

[...] têm particular suscetibilidade à experiência cambiante do espaço e do tempo, exatamente por envolverem a construção de representações e artefatos espaciais, a partir do fluxo da experiência humana. Elas sempre servem de intermediário entre o Ser e o Vir-a-Ser.<sup>65</sup>

Harvey teoriza as estruturas simbólicas por meio do sentido do “outro” e considera débil a coesão de culturas divergentes, principalmente nos espaços fragmentados da cidade contemporânea. São Paulo reflete, também, e, substancialmente, essa realidade, sob o viés da identidade e da alteridade na vida

---

<sup>63</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

<sup>64</sup> REICH, Bem & ADCOCK, Christine. *Valores, atitudes e mudança de comportamento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976. p.77.

<sup>65</sup> HARVEY, David. *Op., cit.*, 2005. 293.

cotidiana, a ponto de conseguir transcender uma pluralidade potencial e real de universos, formando uma eclética e anárquica paisagem de mundos.

Entre o ser e o vir-a-ser da modernidade estão personagens confusas e cambiantes, vagando por dois mundos, o originário e o de destino, sem um claro sentido de pertencimento ou localização. É mais ou menos essa a sensação dos entrevistados, quando disseram ter se deparado com um universo desconhecido, uma realidade inédita e cheia de surpresas. A enfermeira Margarete Brito, que retornou à Teresina em 2002, coloca o seu ponto de vista em relação à decisão de migrar:

[...] mesmo consciente dos objetivos que me levaram a residir na cidade de São Paulo, em alguns momentos me sentia insegura diante da realidade que passei a encarar. Colegas de trabalho eram assaltadas diariamente, pessoas consumindo drogas livremente nas ruas, pessoas discutindo no trânsito de maneira incontrolável, um bocado de coisas que não vivenciava antes. Tudo isso me preocupava em função dos meus filhos. Uma sensação bastante estranha, e que me incomodou todo o tempo que morei lá, é não ser reconhecida pelas pessoas nas ruas. Somos acostumados a passear e andar pelas ruas cumprimentando pessoas, querendo saber suas vidas. Mas isso lá, é muito raro, raríssimo de acontecer. E eu tive que enfrentar o paradoxo da solidão e da multidão<sup>66</sup>

Está evidente neste relato, que além de outros fatores, há elementos que provocam dúvidas e insegurança em relação à consciência de uma realidade, ou ainda, polarizações dos contrários, uma espécie de questionamento do tipo, [...] em que mundo estou e qual das minhas personalidades exibo?<sup>67</sup> Uma espécie de busca de uma identidade pessoal, dentro de um universo coletivo. Uma procura de comportamentos seguros num mundo cambiante. Indiscutivelmente, neste parâmetro específico, a identidade de lugar se torna uma questão crucial, porque cada um ocupa um espaço de individuação, seja através do corpo, de um quarto, de uma casa, ou de uma comunidade plasmadora.

Nesse sentido, pode-se observar que, de fato, a cultura não pode ser decretada ou manipulada, pois ela está relacionada a processos extremamente complexos, e muitas vezes, ao inconsciente de cada indivíduo. Por conseguinte, o

---

<sup>66</sup> Entrevista da migrante retornada Margarete Leal de Brito, em 27 de maio de 2006.

<sup>67</sup> HARVEY, David. *Op., cit.*, p. 271.

modo como nos individuamos de fato molda a identidade. Ademais, se ninguém conhece o seu lugar nesse mutante mundo-colagem, fica difícil elaborar e sustentar uma ordem social segura, tal como a migrante Margarete Brito pretendia.

É como se os retornados estivessem submetidos a uma dualidade conceptual, “pense globalmente e aja localmente”, ou ainda, encarassem o desafio de viver a pluralidade das culturas, e manter a unidade de relações sociais com as pessoas com quem conviveu, tendo em vista que o modo de vida antes de migrar tinha um caráter localizado, e, a partir da mudança de espaço, esse modelo foi atravessado por conceitos mais ecléticos e globais, tornando-os receptores de influências multi-étnicas. Harvey também dá um sentido mercantil à manutenção da identidade de grupos, ao colocar enfaticamente, que “[...] a afirmação de qualquer identidade dependente de lugar, tem de apoiar-se em algum ponto no poder motivacional da tradição. Porém, é difícil manter qualquer sentido de continuidade histórica, diante de todo o fluxo e efemeridade”.<sup>68</sup> A migrante Elza Silva, por sua vez, afirmou que a culinária foi um elemento que ela conseguiu preservar, e isto lhe proporcionou um sentido de continuidade:

A comida era uma das coisas que mais me fazia sentir saudades. Lembrava e sentia o cheiro da panelada, da galinha caipira e do sarapatel que minha mãe fazia. A nossa Maria Isabel, que eu fazia frequentemente e levava pro trabalho dentro da minha marmita. Eu mostrava com muito orgulho às minhas colegas, e elas achava curioso e até engraçado o nome.<sup>69</sup>

De acordo com as falas dos cinco retornados, eles vivenciaram essas situações paradoxais na medida em que tiveram que se situar num patamar ou noutro, numa espécie de movimento contraditório e dicotômico, entre tradição e tradução. Até porque o movimento migratório tanto reflete a pluralidade das culturas, como a unidade de uma outra. Ou seja, é permeada por sistemas de

---

<sup>68</sup> Ibidem. p. 272.

<sup>69</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

perdas e ganhos, cujas identidades podem fazer emergir fatores que não são fixos, que estão em transição e entre diferentes posições, e ao mesmo tempo capazes de retirar seus recursos de diferentes tradições culturais. Atualmente, em plena era da globalização, é por demais tentador, pensar na identidade, como estando destinada a acabar num lugar ou noutra, ou retornando a suas raízes, ou mesmo desaparecendo através da assimilação e da homogeneização. Elza Silva consegue expor o tratamento diferenciado ou o caráter da exclusão social, ao dizer que as “pessoas” com as quais conviveu, tinham uma visão do Piauí como estado faminto e atrasado:

Sempre que eu falava que era do Piauí, eu ouvia as pessoas dizerem que é um lugar onde a população é carente, passa necessidade, mas, ao mesmo tempo, é uma terra de gente de garra e de pessoas alegres e inteligentes. As pessoas lá em São Paulo reconhecem em nós, várias qualidades e atributos, como a sinceridade e a honestidade. Estes valores, pelo que eu percebia, se davam em função das aparências ou superficialidades com que se davam a convivência entre as pessoas. Lá nunca sabemos até que ponto alguém está sendo sincero com você, ou até que ponto aquilo é somente de bom tom para uma determinada situação, ou de conformidade com os objetivos de cada um. Sendo mais objetiva, quando eu recebia um elogio na empresa, nunca sabia até que ponto aquela declaração tinha, em sua essência, o reconhecimento do meu desempenho, ou era algo oportunista, e isso é muito ruim.<sup>70</sup>

Essa fala reafirma a idéia de que a identidade está vinculada *também* a condições sociais e materiais, ou seja, se um grupo é marcado simbolicamente por uma determinada hierarquia econômica, que o coloca em desvantagem, isso implica dizer que ele será visto como carente e necessitado. Além do material, o social e o simbólico fazem parte do processo de construção e também de manutenção das identidades.

Quanto ao aspecto material, colocada no roteiro das entrevistas: “você contribuiu financeiramente com sua família, durante o período em que morou em São Paulo?” Apenas dois entrevistados afirmaram ter colaborado com seus pais

---

<sup>70</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

financeiramente.

A minha maior alegria, era quando chegava o final do mês, e eu ia correndo para o banco, depositar dinheiro pra minha mãe, e outra parte eu depositava na poupança. Aliás, hoje eu tenho um apartamento e duas casas, graças ao meu esforço e a minha permanência em São Paulo. Foi lá que eu consegui juntar um dinheiro.<sup>71</sup>

Sempre que podia, mandava uma grana pra minha mãe, e às vezes pra minhas irmãs. Mesmo não ganhando tanto quanto eu gostaria, mas, com certo esforço, eu conseguia mandar.<sup>72</sup>

Mesmo considerando que a questão social, e, por conseguinte, a questão material, seja capaz de obliterar e dominar a cultura, esses migrantes tiveram outros aspectos a enfrentar, como o sonho de progredir, a fascinação pelo novo e o medo de falhar em vez de se tornar vencedor. Todos estes pressupostos condizem com a expressão e o estranhamento do ser humano<sup>73</sup>, em meio ao próprio mundo em que vive ou sobrevive, e que provoca nele, a sensação de ter sua vida organizada em obediência a um imperativo exterior e transcendente a ele mesmo.

---

<sup>71</sup> Entrevista do migrante retornado Raimundo Nonato de Oliveira, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

<sup>72</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

<sup>73</sup> BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: As faces do monstro urbano (as cidades no século XIX)*. Rev. Bras. De Hist. São Paulo: v. 5 nº 8/9. pp. 35-68. set. 1984/abr. 1985.

### 3 A MEMÓRIA CULTURAL E OS ENTRE - LUGARES DA SAUDADE

A memória é um dos aspectos mais transcendentos dos indivíduos. Por esta razão, ela possibilitou a este grupo de migrantes, a auto-organização dos fatos vivenciados e a capacidade de conservar certas informações que eles têm guardadas e registradas em suas lembranças. Estes fatos de vida que ocorreram em dois espaços distintos, e estão fortemente relacionados ao caráter psicogeográfico, garantiram um “comportamento narrativo, que se caracteriza antes de mais nada pela sua função social, pois que é a comunicação a outrem, de uma informação na ausência do acontecimento, ou do objeto que constitui o seu motivo”.<sup>1</sup>

Para Carlo Ginzburg, o historiador pode ser comparado a um detetive, visto que ambos são responsáveis pela decifração de um enigma, “[...] pela elucidação de um enredo e pela revelação de um segredo”.<sup>2</sup> Para tanto, é preciso ir além do que foi dito e ver além daquilo que é mostrado, principalmente quando o historiador se debruça em uma pesquisa, cujo objetivo é *fazer a fonte falar*. E quando a fonte se constitui de falas e depoimentos, o seu olhar terá que ser bastante perspicaz, tendo em vista que ele tem como meta, alcançar elementos imperceptíveis, valendo-se de “[...] uma idéia na cabeça, uma pergunta na boca, os recursos de um método nas mãos e um universo de fontes diante de si”.<sup>3</sup>

Este trabalho se insere em um dos campos temáticos de pesquisa da História Cultural, que diz respeito à Memória e Historiografia. Segundo Sandra Pesavento, história e memória são representações narrativas que se propõem a fazer uma reconstrução do passado, e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo, uma modalidade capaz de permitir que se possa lembrar sem a presença da coisa ou da pessoa evocada.

De acordo com Michel Pollack, um dos teorizadores desta linha de pesquisa, a memória permite o estabelecimento da interface entre memória e identidade social, que por sua vez estão vinculadas às histórias de vida ou àquilo que hoje, enquanto nova área de pesquisa se chama de história oral<sup>4</sup>. Os retornados piauienses mantêm elementos constitutivos tanto da memória individual, considerando os fatos

---

<sup>1</sup> LÊ GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994. p. 424.

<sup>2</sup> Apud PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 63.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p. 68.

<sup>4</sup> POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol. 5. nº 10, 1992. p. 1.

relatados que condiz com os pressupostos íntimos e pessoais, quanto da coletiva, constituída por meio da socialização e da identificação com fatos que ocorre em um determinado espaço que o grupo social se julga pertencer<sup>5</sup>.

Nas entrevistas foram abordados acontecimentos vividos pessoalmente, e que tem conotação eminentemente subjetivista, à medida que valoriza o caráter afetivo<sup>6</sup> e a manutenção dos vínculos familiares e comunitários durante os ritos de passagens. Cada um, à sua maneira, utilizaram recursos memoriais, como a migrante Maria Ducarmo, que ao longo dos 11 anos que esteve fora do Piauí, recorreu às fotografias, como forma deliberada de recuperação e preservação das lembranças:

Eu chorava muito logo que cheguei a São Paulo. É uma forma de diminuir a dor da saudade, era olhar as fotos que eu tinha levado comigo. Beijava as pessoas que eu amava: meus pais, meus amigos e até ex-paqueras, como nunca havia os beijado pessoalmente. É como costumam dizer, a gente só dá valor a quem merece, quando sentimos que perdemos ou quando delas estamos distante. Era como se eu buscasse confirmar pra mim mesma, em decorrência de alguns conflitos que eu vivenciava, os laços afetivos que pertenciam a mim.<sup>7</sup>

Essa prática condiz com um diversificado conjunto de ações, que reflete a constituição de uma memória de si, realizada pelo recolhimento de objetos materiais, que neste caso corresponde à fotografia. Este recurso memorial é capaz de amenizar as angústias, como também transformar qualquer espaço num verdadeiro “teatro da memória”<sup>8</sup>:

[...] Um espaço que dá crescente destaque à guarda de registros que materializam a história do indivíduo e dos grupos a que pertence. Em todos esses exemplos do que se podem considerar atos biográficos, os indivíduos e os grupos evidenciam a relevância de dotar o mundo que os rodeia de significados especiais, relacionados com suas próprias vidas, que de forma alguma precisam ter qualquer característica excepcional para serem dignas de ser lembradas.<sup>9</sup>

<sup>5</sup> POLLAK, Michael. *Op., cit.*, 1992. p. 2.

<sup>6</sup> NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Revista de estudos em história da PUC-SP, São Paulo, nº 10, 1993. p. 8.

<sup>7</sup> Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006.

<sup>8</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p. 11.

<sup>9</sup> GOMES, Ângela de Castro., *Op., cit.*, 2004. p. 11.

O migrante Gerson Medeiros <sup>10</sup> se valeu de um álbum de família, que tinha os personagens mais importantes de sua vida. Seus avós, pais, irmãos, primos e tias. “Era como se eu me auto-afirmasse, já que na cidade de São Paulo tudo era duvidoso e me deixava inseguro”. Esse comentário vai de encontro àquilo que Jacques Le Goff afirmara: “O álbum de família exprime a verdade da recordação social, em sua intimidade”. Verdadeiros ritos de integração que a família garante aos seus membros.

Para o piauiense Nonato <sup>11</sup>, as cartas davam o tom e o contorno da preservação identitária e da manutenção dos laços afetivos em todos os sentidos. Seja familiar, sentimental ou de amizades:

Eu escrevia cartas e cartas. Era muita saudade das minhas irmãs, dos meus pais. Eu contava o meu dia-a-dia nas cartas, era um verdadeiro diário. Contava o que comia, onde eu andava, como foi o dia no trabalho, para onde ia aos finais de semana. Tudo, tudo mesmo. E as lágrimas caíam tanto quando eu escrevia, como quando eu recebia as respostas. Aliás, a maior alegria pra mim, era quando eu chegava em casa e tinha cartas das minhas irmãs em cima da mesa. Eu dormia abraçado com elas. <sup>12</sup>

Segundo a historiadora Ângela de Castro Gomes, esse recurso da escrita é considerado como auto-referencial, pois:

[...] integra um conjunto de modalidades do que se convencionou chamar produção de si no mundo moderno ocidental. Essa denominação pode ser mais bem entendida a partir da idéia de uma relação que se estabeleceu entre o indivíduo moderno e seus documentos. <sup>13</sup>

Este fenômeno vem sendo estudado pela história, pela sociologia e pela antropologia, como uma espécie de reconstrução valorativa, em decorrência desta prática cotidiana está desaparecendo cada vez mais na pós-modernidade, que tem explorado como elemento de comunicação e materialização da escrita de si, a internet, através dos e-mails, blogs e do orkut. Para o estudioso Ulpiano Menezes, essa prerrogativa poderá comprometer o sentido épico da faculdade memorial, tendo em vista que a memória para ele, é uma construção social, capaz de formar a

<sup>10</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros concedida a Soraia Morais em 14 de janeiro de 2007.

<sup>11</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato em 18 de novembro de 2006.

<sup>12</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida à Soraia Morais.

<sup>13</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Op., cit.*, 2004. p. 10.

“imagem necessária para os processos de constituição e reforço da identidade individual, coletiva e nacional”.<sup>14</sup>

Quanto aos aspectos ligados a lugares de memória, que dizem respeito a lugares particularmente ligados a uma recordação, que pode ser uma lembrança pessoal, ter apoio, ou não, no tempo cronológico, eles assim relataram:

O lugar que mais vinha à minha lembrança, era o riacho onde eu tomava banho quando criança. Era lá que eu passava quase o dia todo brincando com meus colegas. Pescava, nadava no talo de buriti, fazíamos muita presepada. Ah! Um lugar que nunca saía da minha memória, era o campo de futebol perto de casa, onde eu joguei muita bola. E naquele tempo, nós tínhamos muita criatividade para brincar. Não havia brinquedos sofisticados, nem brinquedos eletrônicos. Nós brincávamos com palha, corda, pedaço de pau, árvores, e éramos muitos felizes.<sup>15</sup>

Eu recordava muito a minha infância. Era como se eu quisesse voltar o tempo, voltar a ter a proteção dos meus pais. Acho que por isso, a imagem que mais me acompanhou foi a casa da minha mãe, a rua onde nós morávamos, um pé de goiaba do vizinho que nós roubávamos todo dia, e as peladas no final da tarde.<sup>16</sup>

As ruas foram os lugares mais consensuais e de maior apoio das memórias dos retornados, assim como as cidades onde eles moraram durante a infância. Uma forma de guardar o tempo, salvando-o da perda total, visto que a lembrança é capaz de conservar aquilo que não retornará jamais.

Eu me lembrava sempre de Regeneração, cidade onde morei durante a minha infância, e onde passava minhas férias depois que mudei para Teresina. Além da praça e da igreja do São Gonçalo, recordava o comércio dos meus pais, a nossa casa cheia de irmãos, primos e sobrinhos, nós brincando no quintal, jogando peteca, comendo manga verde com sal, pulando canção, soltando pipa. Essas coisas travessas e que não voltam jamais. Aliás, eu comento com meus filhos sobre esta passagem da minha vida, até porque eles não viveram desta forma a infância deles. Nasceram no período do vídeo game, do vídeo cassete, dos e mails e shopping centers.<sup>17</sup>

Quanto às datas, Elza Maria<sup>18</sup>, lembrava e reverenciava pontualmente o dia 08

<sup>14</sup> MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *A história, cativa da memória?* In: Revista Instituto de Estudos Brasileiros, n. 34, p. 9-24, 1992.

<sup>15</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato concedida em 18 de novembro de 2006.

<sup>16</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros concedida a Soraia Morais em 14 de janeiro de 2007.

<sup>17</sup> Entrevista da migrante Margarete Brito, concedida à Soraia Morais em 27 de maio de 2006.

<sup>18</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Maria da Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

de dezembro, dia de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Palmeirais. Esta data tinha a capacidade de fazê-la recordar o período dos festejos do lugar onde ela nasceu e viveu durante a infância. Ou seja, este evento tinha de fato, um significado emocional, já que estas evocações ocorreram sob um procedimento espontâneo durante a entrevista. “A data que eu me lembrava pontualmente, e nem sei por que, era o dia 11 de fevereiro, aniversário de um amigo meu. Outra data que eu não esquecia jamais era o aniversário da minha mãe. Eu ligava pra ela todos os anos”.<sup>19</sup>

Já para Maria Ducarmo<sup>20</sup>, o aniversário da cidade de Teresina era uma lembrança muito forte. “Todo dia 16 de Agosto eu me recordava do feriado da cidade”. É como se a memória fornecesse a este grupo social uma forma de se relacionar com um tempo ausente e distante, isto é, com o passado.

O historiador Maurice Halbwachs tem um estudo vasto sobre aspectos da memória social, que serviu de base para se compreender por que cada migrante tem uma recordação particular, reforçando a idéia de que realmente a memória se desenvolve num quadro social. E os espaços, neste caso, correspondem a uma realidade que dura, permanecendo para além do nosso espírito, e tornando possível recuperar e conservar o passado, no meio material que nos cerca.

É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos e por onde sempre passamos e ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção. É sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças.<sup>21</sup>

Quanto aos aspectos sensoriais, como cheiro, cores, som, etc, o migrante Nonato<sup>22</sup> afirmou que as músicas o faziam recordar várias passagens de sua vida, principalmente quando ouvia canções de Luiz Gonzaga, Marinês e Jorge Altino. “Eu tinha coleções de fita cassete, pois naquele período não tínhamos CD, e nas festas disputávamos quem tinha mais fitas”. Por outro lado, ele consegue preservar na sua memória, lugares que hoje o faz recordar São Paulo. “O lugar que eu gostava de ir em São Paulo nos finais de semana, era o lago do Guarapiranga. Eu ficava sentado na beira do rio, pensando em minha terra, meus irmãos”. Quanto às alternativas

<sup>19</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros concedida à Soraia Morais em 14 de janeiro de 2007.

<sup>20</sup> Entrevista da migrante Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006.

<sup>21</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990. p. 139.

<sup>22</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato concedida em 18 de novembro de 2006.

para superar a solidão e a saudade, ele confessa que as casas de forró, na periferia, eram a melhor saída. “Lá eu encontrava vários piauienses e fazíamos uma festa. Era muita alegria quando nos juntávamos, jogávamos sinuca, baralho, imitávamos os sotaques e tirávamos sarro dos outros. No final da festa, já marcávamos o próximo encontro, como uma forma de não perdermos o contato”.

Para Gerson, as terças-feiras eram os dias em que ele evocava uma recordação estritamente sensorial. Era neste dia da semana que os restaurantes paulistanos ofereciam a dobradinha:

Eu me lembrava da panelada, mas quando ia comer, era feijão branco com bucho, que lá em São Paulo é chamado de dobradinha. Eu comia tentando relacionar o sabor deste prato, à nossa panelada. Mas não era a mesma coisa. Outra lembrança muito forte era o cheiro de mercado, do peixe vendido nas feiras, que me trazia a imagem do meu pai vendendo bugingangas na feira de Demerval Lobão aos domingos.<sup>23</sup>

Os grupos sociais, portanto, estão naturalmente ligados a um lugar. E o fato de estarem próximos em um espaço é que cria a possibilidade entre seus membros de manterem os vínculos sociais. Seja uma amizade, um namoro, um casamento, uma vizinhança. Os habitantes de uma rua, de uma cidade ou de um quarteirão formam uma pequena sociedade porque estão reunidos numa mesma região do espaço. Por esta razão, torna-se inevitável que as transformações de uma cidade, como a demolição de uma casa, não incomode alguns indivíduos no que concerne a seus hábitos e referências espaciais.

Os migrantes procuraram encontrar equilíbrio nos espaços em que foram se deparando, convivendo e habitando. Mas, mesmo assim, as recordações que foram evocadas só correspondem aos lugares onde nasceram. E nesse sentido, entra o caráter da vida cotidiana, que é permeado pelas relações sociais, onde todos

A vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genérico, a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. [...] A vida cotidiana é a vida do homem inteiro. Ou seja, o homem participa na vida cotidiana, com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento, todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias e ideologias.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros concedida a Soraia Morais em 14 de janeiro de 2007.

<sup>24</sup> HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004. p.20.

Todos esses elementos possibilitam a construção do *sentimento de pertencimento*, que é inerente à memória. Desta forma, a memória é um fenômeno que pode ser construído tanto voluntária, quanto involuntariamente, tanto individual, quanto coletivamente. A memória pode ainda: ser pública, privada, herdada, envergonhada, subterrânea, oficial, enquadrada e até traumática. Quando se fala de construção, há que se considerar tanto os modos conscientes quanto inconscientes. Podemos dizer, portanto, que em sendo um *elemento constituinte de identidade*, tanto individual quanto coletiva, a memória é, também, “[...] um fator extremamente importante do sentimento de continuidade, e de coerência de uma pessoa ou de um grupo, em sua reconstrução de si”.<sup>25</sup>

Certamente, as preleções não são tão simples quanto possam parecer, tendo em vista que o fator identitário envolve dois momentos. Na identidade coletiva, a sociologia debruça-se sobre aspectos como identificação religiosa, partidária, sindical, etc; ao passo que a identidade social é analisada sob perspectivas psicológicas, em que determinados grupos são identificados segundo alguns elementos como a unidade física, pertencimento a um grupo, e até mesmo a continuidade no sentido moral e psicológico, em que há uma assimilação da imagem de si para si, e de si para os outros. “[...] ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudanças, de negociação e de transformação em função dos outros”.<sup>26</sup>

A construção da identidade “[...] é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, admissibilidade e de credibilidade, que se faz por meio da negociação direta com outros”.<sup>27</sup> O primeiro explorador sério do quadro social da memória, Maurice Halbwachs, conseguiu dar uma dimensão mais teórica da memória coletiva, na perspectiva da representação. Em se tratando deste último aspecto social, o fenômeno simbólico da linguagem é o que mais caracteriza o piauiense. “Quando eu começava a conversar, logo vinham as perguntas: de onde você é?”.<sup>28</sup>

Uma vez meu carro faltou gasolina, e eu andava com um paulistano, filho de um alagoano. Quando chegamos ao posto para abastecer, eu pedi uma “patinha” (utensílio em que se coloca o combustível), esse cara passou um mês tirando sarro de mim, porque os funcionários não entenderam a que objeto eu estava me referindo. Vários colegas tiravam sarro de mim, principalmente quando eu

---

<sup>25</sup> HALBWACHS, Maurice. *Op., cit.*, 1990. p. 139.

<sup>26</sup> Ibid. Id

<sup>27</sup> Ibid. Id

<sup>28</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida em 18 de novembro de 2006.

falava oxente no boteco.<sup>29</sup>

Quanto ao caráter da mentalidade coletiva, os estereótipos mais arraigados em relação aos piauienses são ainda aqueles ligados à questão do atraso econômico: “várias vezes tive que desmitificar a idéia de que aqui só tem seca, fome e gente valente”.<sup>30</sup>

Em relação às lembranças ou recordações sociais em que mais convergiram identificações, foram as relacionadas ao aspecto familiar, concernente às datas e outros fatores de ordem sensorial, como o cheiro da comida e as músicas, comprovando que na memória também está em jogo o sentido da subjetividade e identidade afetiva do grupo. A saudade dos pais, da casa, do quarto e dos entes queridos, suscitava lembrança dos lugares onde ocorreu e estabeleceram-se suas relações sociais e culturais.

Isto significa que o afastamento do lugar de origem não foi capaz de fazê-los esquecer dos entes queridos e dos lugares onde vivenciaram relações familiares. Ao contrário, as lembranças ficaram retidas no inconsciente, como que rituais de recriações do passado, atos de memória e também tentativas para fazer permanecer interpretações do passado. Quanto à questão que se refere a algum episódio traumático na cidade de destino ou de origem (vide roteiro)<sup>31</sup>, as respostas foram colocadas de forma diferenciada:

“Um episódio que me traumatizou bastante foi quando eu estava trabalhando na manutenção do edifício Copan, no centro de São Paulo. Eu estava no 31º andar, e cai até o 29º. Eu pensei que naquele dia eu fosse morrer”.<sup>32</sup>

Eu nunca vou esquecer o dia que eu fui demitido da fuji film pela esposa do dono da empresa. Ela disse olhando na minha cara, que na empresa dela negro não trabalhava. Foi a maior discriminação racial que eu sofri. Aqui em Teresina, um fato que me traumatizou bastante foi a morte de um amigo que enfartou quando estava jogando bola junto comigo.<sup>33</sup>

“Uma imagem que jamais eu vou esquecer é de um assaltante na locadora perto do edifício em que eu morava em São Paulo. Ele assaltou todo mundo, além

<sup>29</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007.

<sup>30</sup> Entrevista da migrante Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006.

<sup>31</sup> Ocorreu algum episódio traumático na cidade de destino (SP), ou no Estado de origem (PI)?

<sup>32</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007.

<sup>33</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida em 18 de novembro de 2006.

de nos torturar psicologicamente”.<sup>34</sup> As migrantes Elza Maria e Margarete Brito afirmaram não ter experimentado nenhuma situação traumática no local de destino, nem no local de origem.

A memória historiográfica é um reconhecimento social das lembranças de povos, que, além de proporcionar uma seqüência de acontecimentos, é capaz de dar continuidade a uma determinada cultura, tornando-as valorativas, seja através de registros por escrito (de forma descritiva ou narrativa), seja ainda através da história oral, que oferece reconhecimento ao capital simbólico das falas e pensamentos, como uma maneira de não deixar morrer as histórias de vida destes migrantes entrevistados.

Nesse sentido, há uma polaridade entre os dois sentidos de memória: a memória oficial e a memória oral. Michael Pollak, além de um defensor do registro das lembranças e das recordações de um indivíduo ou de um grupo, afirmara que a memória, dada sua importância na existência das pessoas é capaz de tornar elementos irredutíveis na história de vida dos indivíduos.

Nesta via, as pessoas costumam usar instrumentos recorrentes para manutenção das suas recordações, como a utilização, no seu ambiente familiar, de fotografias que guardaram ao longo deste tempo, e que expõem em seus lares. Essa prática é considerada como uma reconstrução simbólica dos lugares que eles deixaram e uma espécie de compensação psicológica da perda da terra natal.

Pois “[...] se a memória é socialmente construída, é óbvio que toda documentação também o é”<sup>35</sup>. E neste caso, as imagens visuais são os objetos recorrentes para manutenção deste elo sentimental durante a permanência do migrante fora do seu local de origem. Portanto, o elemento da memória foi importante para a realização deste estudo, destacando o fator plural de uma categoria social, e respeitando obviamente, os meios e as condições para construir um trabalho sensível à realidade destes sujeitos anônimos, sem entrar no mérito da disputa entre objetividade e subjetividade, mas apenas considerando que todas as fontes são legítimas.

Ademais, esta dissertação não foi realizada como algo *ex-post* que ocorreu fora da experiência do vivido. Ao contrário, o historiador, neste caso, é contemporâneo e, de certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se

---

<sup>34</sup> Entrevista da migrante Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006.

<sup>35</sup> POLLAK, Michael. *Op., cit.*, 1992. p 207.

desdobra e do que não se conhece o término. Este campo de pesquisa da história cultural comparece com uma abordagem contemporânea, e se baseia, sobretudo, nos conceitos que presidem a perspectiva da identidade cultural, implicando os aspectos do comportamento, do cotidiano, das manifestações grupais, dos costumes, e, conseqüentemente, o recolhimento das lembranças destes retornados que rememoram e revivem momentos satisfatórios ou indesejáveis.

Dentre outros processos de memória que esses migrantes experimentaram, está aquilo que se denomina de *gap*. Isto implica dizer, que houve uma temporalidade transcorrida entre a época em que teve lugar o acontecimento evocado e o momento em que se dá a evocação. Ou seja, o *gap* refere-se ao espaço temporal entre o tempo do vivido e o tempo do lembrado ou narrado. “O indivíduo que rememora, amadureceu durante esse intervalo. Ele re-elabora o que viveu, a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada”.<sup>36</sup>

Vem à tona, novamente, o caráter das fontes tradicionais. Ora, o que diferencia, *a priori*, o trabalho das fontes orais com o trabalho das fontes escritas é basicamente a sensibilidade. “Há historiadores que são fãs dos arquivos”<sup>37</sup>, mas também existe uma parcela considerável daqueles que são capazes de dar sensibilidade a um trabalho científico.

Maurice Halbwachs também acentuou as funções desempenhadas pela memória comum, através da coesão social, que pode ocorrer “[...] não pela coerção, mas pela adesão afetiva ao grupo, fazendo surgir o termo comunidade afetiva”.<sup>38</sup> Neste processo também ocorre o fenômeno da seletividade de toda memória, ou um processo de negociação que concilia memória coletiva e memória individual. Halbwachs chega a afirmar que nossa memória só se beneficia da dos outros, quando estas não discordam da nossa, e que uma memória pode reforçar os sentimentos de pertencimento, para além das fronteiras sócio-culturais ou sóciogeográficas.

Neste parâmetro, vale ressaltar que a nossa impressão apóia-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros:

Nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela

<sup>36</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Op., Cit.*, 2004. 69.

<sup>37</sup> POLLAK, Michael. *Op., Cit.*, 1992, p.200-212.

<sup>38</sup> HALBWACHS, Maurice. *Op., cit.*, 1990. p. 25.

mesma pessoa, mas por várias. Quando encontramos um amigo do qual a vida nos separou, temos alguma dificuldade, primeiramente, em retomar contato com ele. Mas logo quando evocamos juntos diversas circunstâncias, de que cada um de nós se lembra, nos sentimos seguro em relação a essa recordação.<sup>39</sup>

Estes recortes são bastante comuns acontecer quando os migrantes retornam à terra natal. De acordo com dois dos entrevistados, a readaptação passou pelo processo das dificuldades de retomar contatos:

Quando eu voltei a morar em Teresina, tive certa dificuldade de retomar os vínculos de amizade. Aos poucos fui me deparando com colegas do ginásio, colegas que moraram na minha rua. Até que aos poucos fomos recordando algumas passagens de nossa infância, da nossa adolescência, fomos nos reconhecendo.<sup>40</sup>

Quando decidi voltar pra Teresina, eu percebi que a minha família queria que eu voltasse a morar em São Paulo. Menos a minha mãe. A gente se sente estranho quando volta, e é difícil você se readaptar depois de muito tempo fora da sua cidade. Mas eu posso afirmar que consegui recuperar os vínculos com meus familiares e alguns colegas que havia deixado.<sup>41</sup>

A memória é um aspecto relevante para os migrantes, considerando que a saudade foi o sentimento preponderante que os fizeram retornar às suas origens. Segundo o migrante Gerson<sup>42</sup>, o que mais ele sentia falta, além da comida, era do clima, da sua mãe e de seus irmãos. Para Elza<sup>43</sup>, o que mais a incomodava era a ausência de seus familiares, principalmente da sua mãe. No caso do professor Nonato<sup>44</sup>, além da saudade, o fator sensorial era muito forte, principalmente a falta da comida, da música e do clima.

Estas colocações se enquadram naquilo que pesquisadores como Dominique Veillon considera como memória idealizante, que às vezes incorre no erro de exagerar os sentidos e os papéis de uma situação evocada, em função do teor saudosista, em detrimento da visão factual ou realista. Também se pode afirmar que a memória individual às vezes ganha da cronologia oficial. Considerando que os entrevistados, nas recordações que evocaram, não citaram nenhuma data oficial, como 15 de Novembro, 7 de Setembro ou Semana Santa. Quando a entrevistada

<sup>39</sup> POLLAK, Michael. POLLAK, *Op. Cit.*, 1992, p.200-212.

<sup>40</sup> Entrevista da migrante Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006.

<sup>41</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007.

<sup>42</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros.

<sup>43</sup> Entrevista da migrante retornada Elza Maria da Silva, concedida à Soraia Morais, em 03 de junho de 2006.

<sup>44</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida em 18 de novembro de 2006.

Elza Maria afirma que lembra pontualmente do aniversário da mãe, ela consagra o valor afetivo, tal qual o entrevistado Gerson Medeiros que se recordava do aniversário de um amigo.

Aliás, nenhum dos migrantes retornados citou o Encontro Nacional de Folguedos, o Salão Internacional de Humor, Batalha do Jenipapo ou outros episódios que são realizados anualmente, e fazem parte da história piauiense. O que privilegiaram foram acontecimentos de ordem familiar. Portanto, os migrantes retornados, de forma consciente ou inconsciente, gravaram, recalçaram, excluíram, evocaram ou lembraram, aquilo que eles organizaram em suas memórias.

Enquanto fenômeno construído individual e socialmente, a memória tem de fato uma ligação fenomenológica com o sentimento de identidade, e que é permeada por três elementos essenciais, que diz respeito ao caráter físico, temporal e também à coerência. O primeiro caso diz respeito ao rompimento de fronteira, quando da decisão de deixar para trás a sua terra natal; o segundo concerne à continuidade do tempo, refletindo o sentido afetivo e psicológico, que gera saudade e saudosismo; e o último, a coerência, é o elemento que confere garantia de unicidade ao indivíduo, que nos ritos de passagens sofreram processos de rupturas.

Isto implica dizer que nem só de museus e monumentos sobrevivem as memórias, mas de sentimentos ou ressentimentos também. Portanto, são muitas peculiaridades que pairam sobre a memória e sobre as recordações que guardamos. Neste trabalho, as de ordem sensorial, como o barulho, os cheiros e as cores, foram os aspectos mais evidenciados durante as entrevistas.

A história cultural tornou possível a observação e valoração destes enfoques, para além das visões positivistas de se fazer história, em que se destaca a oficialidade e os documentos. Ou seja, toda fonte histórica tem sua riqueza, e cada uma com característica própria. Por esta razão, o problema da historiografia não se restringe à oralidade, possibilitada pela memória, pois se a palavra é enganosa, os documentos também o são.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este preleção epistemológica está de acordo com o parâmetro subjetivista da história cultural, já que não segue modelos, nem regimes de verdades, e muito menos aspira à totalidade. Ao contrário, escapa de enquadramentos redutores e valoriza correntes de análises diversificadas, que não se identificam com o marxismo, nem se adequam plenamente com os *Annales*, mesmo recorrendo, em alguns momentos, a essas matrizes, uma vez que, a partir delas, ocorreram renovações que resultaram na abertura desta nova corrente historiográfica, que denominamos de História Cultural ou Nova História Cultural, dependendo do ponto de vista do pensador ou historiador.

Vale dizer que a diferença entre a história cultural corrente e seus antecessores clássicos e marxistas, se resume no abandono do tradicional contraste entre sociedades com cultura e sem cultura.<sup>1</sup> Em segundo lugar, a análise de cultura se estendeu para ações simbólicas, abrangendo “não apenas a arte, mas a cultura material, não apenas o escrito, mas o oral, não apenas o drama, mas o ritual, não apenas a filosofia, mas as mentalidades das pessoas comuns”.<sup>2</sup> Aquilo que o teórico Jury Lotman chama de poética do comportamento cotidiano.

Ademais, neste trabalho os elementos culturais que estiveram envolvidos nos três capítulos apresentados, não têm nenhuma dimensão conceptual relacionada à dicotomia, cultura erudita, cultura popular ou mesmo aquele sentido elitista de cultura, como produção artística para deleite do espírito. Mas, “trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados, partilhados e construídos pelos homens”.<sup>3</sup> A cultura, neste caso específico, foi vista e considerada como uma forma de expressão e tradução da realidade, que se manifesta de forma simbólica.

Nessa perspectiva, considera-se possível o reconhecimento de todas as manifestações, como as palavras, ações, pensamentos, sentimentos e tradições, que, de uma forma ou de outra, caracterizam grupos, comunidades, tribos e regiões. Ou seja, os documentos existem, sempre existirão, mas inevitavelmente, desde a década de 1960, com a quebra de alguns paradigmas conceituais, as respostas para

---

<sup>1</sup> BURKE, Peter. *Varietades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000. p. 246.

<sup>2</sup> BURKE, Peter. *Op., cit.*, 2000. p. 247.

<sup>3</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahi. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. p. 15.

determinados fenômenos sociais e, concorrentemente, culturais, não foram mais as mesmas, tendo em vista que a dinâmica social passou a exigir preleções e pontos de vista mais interativos e representativos. Uma espécie de transculturação de acordo com Fernando Ortiz, sociólogo cubano que pesquisa sobre os encontros culturais.<sup>4</sup>

A análise das entrevistas dos migrantes retornados tenta registrar não somente um fato, que diz respeito aos encontros ou ritos de passagens, mas, acima de tudo, sentimentos, sociabilidades e sensibilidades que permearam e permeiam o imaginário, a memória e a vida desses sujeitos anônimos. A intenção foi realizar uma história daqueles e para aqueles que não tiveram a sua história registrada. Numa atitude quase militante, privilegiou-se práticas cotidianas da existência humana e buscou-se atingir os significados ocultos das representações desses personagens, que estão imbricados no exposto e no oculto, no visível e no invisível.

O Piauí sempre foi traduzido, na maioria das vezes, por discursos simbólicos, sem racionalidade em relação à sua formação, característica e valores. É sempre visto como um estado pobre, cujos discursos foram e são internalizados no imaginário coletivo. Mas não é social e culturalmente correto aceitar essa idéia sem reflexão e senso crítico, pois como qualquer outro grupo social, este tem características singulares valorativas, apesar de alguns pesquisadores terem dificuldades de reconhecer quais são, de fato, os elementos que compõem a nossa identidade. “Mesmo havendo a clara aceitação da predominância da civilização do couro como principal elemento constituidor da cultura piauiense, ainda persiste a dificuldade para se definir quais elementos compõe a identidade cultural do Piauí”.<sup>5</sup>

O que ficou patente, ao longo das afirmações dos cinco migrantes entrevistados, é que os elementos mais referenciados que refletem a identidade cultural piauiense, dizem respeito à culinária, à linguagem, à música e às afetividades em relação às famílias, vizinhos e grupos de amigos. As idéias de foro íntimo e os sentimentos que dizem respeito à experiência de vida dos indivíduos, marcam e delimitam conceitos identitários e de pertencimento, não considerando (apenas) o sentido material, mas cultural e moral, capazes de atribuir o sentido de estabilidade, continuidade e filiação, que, nesse último caso, condiz com um ponto

---

<sup>4</sup> HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 21.

<sup>5</sup> SAID, Gustavo. Dinâmica cultural no Piauí contemporâneo. In: SANTANA, R. N. Monteiro de (org.). *Apontamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003. p. 341.

focal na vida desses retornados: “Eu me sentia perdido toda vez que eu chegava em casa e não encontrava minha mãe. Era uma saudade tão intensa, que eu chegava a ouvir a sua voz”.<sup>6</sup>

Um aspecto digno de ser ressaltado é que não houve disparidades em nível de recordações e lembranças, já que em todos eles o elo familiar e os lugares onde viveram durante a infância foram os mais evocados. “Mesmo tendo gostado da experiência de migrar, e não descartando a possibilidade de um dia voltar a São Paulo para morar, afirmo com convicção de que Teresina é o meu lugar. Aqui estão os meus familiares, meu pai e, principalmente, a minha mãe”.<sup>7</sup>

Voltemos ao ponto crucial deste registro historiográfico: os piauienses têm uma identidade cultural de fato reconhecida? Para Erasmo Celestino, o piauiense tem um jeito de ser próprio, uma hospitalidade e maneira de demonstrar afeição que é peculiar. Têm

[...] sua tenacidade, seu orgulho e brio, seu sentimento de honradez, sua maneira de conduzir a boiada e de se divertir com o boi, de se deixar contagiar, de exercer a terapia do tocar e de ser tocado pelo outro, de dormir na rede, de descascar o arroz, de fazer rapadura, de fazer tapioca, de fazer cercas e currais, de cozinhar o cuscuz, de festejar, de fazer humor, de brincar e fazer brincados.<sup>8</sup>

De fato, esses pressupostos vão ao encontro das falas dos retornados. A migrante retornada Margarete Brito não abriu mão de algumas manias, como ela mesma denominou.

Apesar do tempo frio que fazia em São Paulo, eu dormia de rede de vez em quando. Era uma necessidade que o meu corpo sentia. Afinal de contas, eu cresci sendo embalada por uma rede pela minha mãe. Por outro lado, adorava comer sushi. Aqui em Teresina eu costumo ir ao shopping quando quero saborear a comida japonesa.

Esse comportamento dos migrantes, de permanecer com alguns traços culturais, e por outro lado, absorver outros componentes de outras culturas, é chamado de bricolagem.<sup>9</sup> Este termo é utilizado pelos estudiosos da migração,

<sup>6</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

<sup>7</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros, concedida à Soraia Morais em 14 de janeiro de 2007.

<sup>8</sup> CELESTINO, Erasmo. Piauí: mostra tua cara e diga qual é o teu negócio. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. *Op. cit.*, 2003. p. 418.

<sup>9</sup> Segundo Peter Burke. Bricolagem é a incorporação de alguns aspectos culturais, por uma cultura que até então era tradicional. In: *Hibridismo cultural*. São Leopoldo (RS): Editora UNISINOS, 2003. p.14.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p.15.

como Edward Said, considerando que esses grupos sociais tendem a incorporar a cultura anfitriã, principalmente durante o convívio no trabalho, em casa ou até mesmo nas horas de lazer.

Uma experiência que não ocorreu com nenhum dos entrevistados foi a consagração de relacionamentos conjugais. Com exceção da migrante Maria Ducarmo, os quatro afirmaram enfaticamente que não conseguiram namorar nenhuma pessoa que não fosse da mesma origem. Esse aspecto tem relação direta com a questão da harmonia e do antagonismo cultural, durante a permanência desses migrantes em São Paulo. Isto fica patente nas colocações do piauiense Gerson Medeiros <sup>10</sup>, que ao ser apresentado numa “roda” de colegas às garotas, elas logo reagem: “Ah! Então você é o Piauí?”.

Sem dúvida, nesse relato existe uma conotação de rejeição por parte dos anfitriões. Mesmo sendo um fato “comum” nos encontros culturais, é ao mesmo tempo a constatação de que há um sentido hierárquico nessa relação dos migrantes piauienses, durante a sua permanência em São Paulo. Para Helenilda Cavalcanti, nesses encontros e confrontos há o envolvimento do tradicional e do moderno, implicando processos de segregação e de hibridação entre os diversos setores da sociedade e seus sistemas simbólicos. O migrante acaba valendo-se de “[...] uma criatividade oculta, num intrincado de astúcias silenciosas, sutis e eficazes, pelas quais o homem ordinário cria para si mesmo, uma maneira de viver da melhor forma possível, a ordem social imposta, e a violência das coisas”. <sup>11</sup>

Esses ritos também podem desencadear o início de uma nova identidade, tendo em vista os conflitos e as intolerâncias que o migrante vivencia. Dentre outros aspectos, esse fato é capaz de contribuir com a aquisição de novos conhecimentos, reformulando a concepção de vida desses sujeitos, o que foi admitido pelos entrevistados, ao reconhecerem que apesar dos dissabores, São Paulo lhes ofereceu uma visão de mundo mais ampla, multicultural e, nas ocasiões em que se sentiram discriminados, foram capazes de defender o seu local de origem, além de se sentirem orgulhosos por representar o seu estado.

A tensão do desenraizamento está evidente em todas as falas, considerando as táticas que cada um utilizou para lidar com as condições reais de cada situação.

---

<sup>10</sup> Entrevista do migrante Gerson Medeiros, concedida à Soraia Morais em 14 de janeiro de 2007.

<sup>11</sup> CAVALCANTI, Helenilda. *O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 146.

Ao mesmo tempo que conseguiram preservar as suas características essenciais, internalizaram alguns traços da cultura local, sem sentir a ameaça de perder os elementos de sua identidade durante aquele período migratório. O retorno, que é, na verdade, o segundo desenraizamento ou o desfecho da circularidade do ir e vir exige do migrante a redefinição no modo de vida e de trabalho.

Quanto aos aspectos que se poderia destacar como fatores de identidade cultural dos migrantes, de acordo com suas declarações, seriam a fala, que comparece como o principal sistema simbólico, e de maior referência, posto que, através dela, eles são reconhecidos e se reconhecem, seguido da forma como se relacionam coletivamente. Gostam de andar em grupos, receber amigos, estar em contato com os conterrâneos constantemente. Talvez por isso os discursos literários reforcem essa idéia de que no Nordeste “[...] as diferenças sociais são escamoteadas pelos mecanismos paternalistas, de relações diretas, pessoais, por isto, vistas como mais quentes, atravessadas pela racionalidade, sem lugar para a emergência da instância pública e das ideologias políticas racionalizadas”.<sup>12</sup> Uma solidariedade latente, que acaba por se traduzir numa democracia social, onde todos os componentes são iguais, pelo menos quando estão fora de suas raízes. Talvez, por isso, os entrevistados tenham afirmado que quando se encontravam com outros piauienses, era como se tivessem encontrado um irmão, um parente ou amigo de infância. Nesse encontro, manifestava-se todos os aspectos afetivizados que a saudade provocava nos migrantes. Decerto, à medida que cultuavam esses encontros e reencontros grupais, encontravam uma maneira de superar essas angústias.

Nessa linha de raciocínio, é possível afirmar que as heranças culturais desse grupo têm elementos eminentemente subjetivos, o que se leva a crer que a cultura desses retornados não sofreu rupturas, pois, ao longo daquela experiência da migração, absorveram poucas influências de outras culturas e mantiveram praticamente todos os aspectos de suas raízes culturais, mesmo assumindo o fato de terem modificado alguns hábitos. O orgulho com que afirmavam e reafirmavam os aspectos de sua cultura, vai ao encontro daquilo que o pesquisador Paulo Vilhena<sup>13</sup> retrata. O isolacionismo do Piauí não é tão geográfico quanto sociocultural e foi

---

<sup>12</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FNJ, Ed. Massangana: São Paulo, Cortez, 1999. p. 123.

<sup>13</sup> FILHO, Paulo Henrique Gonçalves de Vilhena. Em busca de uma identidade cultural teresinense. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. *Op., cit.*, 2003. p. 268.

certamente, o responsável pelo profundo abalo na sedimentação da auto-estima dos seus habitantes, que por sua vez, afeta o sentido da identidade cultural.

Outro dado relevante que permeia o objetivo desta pesquisa está relacionado à lembrança de eventos culturais institucionalizados e tradicionais, que são realizados anualmente na cidade de Teresina, como o Salão Internacional do Humor, o Encontro de Violeiros, ou mesmo espaços artísticos onde são realizadas comemorações ou celebrações. Nenhum dos retornados evocou ou lembrou desses eventos, enquanto aspectos culturais representantes de suas origens. O que se conclui que as sociabilidades culturais ocorrem na perspectiva das relações afetivas, expressividades e costumes, considerando as práticas, como o jeito de ser, de conviver, de falar, se divertir e comer. Não sendo relevante para este grupo, as manifestações culturais de ordem oficial, que valorizam referências locais, seja em nível folclórico, tradicional, ou como tradutores e representantes de suas características culturais.

De fato, há uma enorme dificuldade em delimitar quais fatores podem ser considerados como representantes da identidade cultural piauiense. Na opinião do jornalista Gustavo Said <sup>14</sup>, o povo piauiense sempre teve como característica cultural, a civilização do couro. Mesmo que no decorrer das décadas tenham ocorrido mudanças, esse traço acompanha o ritmo das mudanças sociais e culturais do Estado, de tal modo que essa civilização tem na cultura do gado, um elemento constitutivo e original. Para o pesquisador, os estudiosos incorrem no erro de até hoje concentrar suas atenções nesse elemento, relegando a um plano inferior de análise, o caráter dinâmico da cultura em si. Provavelmente, os aspectos que envolvem a migração são de grande relevância para se pesquisar alguns fatores que implicam o reconhecimento de algumas características desse grupo social piauiense, no viés da identidade cultural e das sociabilidades.

Neste estudo especificamente, as tradições, que foram mantidas e que de certa maneira informam o caráter da identidade deste grupo, dizem respeito aos costumes de uma maneira geral, com ênfase nos laços familiares, tribais e afetivos, a ponto de ser este o motivo apontado como decisivo para o retorno. Certamente, que esta assertiva refere-se a um grupo de pessoas que por um período de suas vidas,

---

<sup>14</sup> SAID, Gustavo. *Op. cit.*, 2003. p. 342.

conviveram num espaço citadino que em nada referenciava os modelos de práticas sociais, com os quais eles eram familiarizados.

Ademais, tomando como base o que fora colocado anteriormente, os elementos definidores da identidade cultural piauiense são de ordem inconsciente e comportamental, já que os atores sociais pesquisados não evocaram, nem muito menos consideraram como base de suas tradições, as lendas, as danças, as criações artísticas, as produções intelectuais, os eventos e as datas memoráveis. Ao contrário, durante a convivência com o *outro* é que de fato foram tendo consciência de que seu modelo de vida tinha traços próprios e que mesmo sendo parte de um Estado considerado como o “mais pobre do Brasil”, insistiam em afirmar e reafirmar o orgulho de ser piauiense e ainda reivindicar prestígio sócio-cultural.

Para Gustavo Said, o que confere o caráter identitário a um grupo ou a uma sociedade são a permanência e a valorização de alguns elementos culturais que constituem a base da experiência dos indivíduos desse grupo ou dessa sociedade. Este autor sugere aos intelectuais piauienses que busquem explicações para entender como um elemento do folclore regional, o Bumba-Meu-Boim, apesar de ser uma matriz cultural, “[...] passa hoje por um processo de estagnação em sua narrativa de caráter mítico, e não mais resulta em identificação e reconhecimento individual e social para boa parcela da sociedade piauiense”.<sup>15</sup> Concluindo, afirma que a partir da relação de transitoriedade na experiência com o outro, no contato com o diferente, é que se deveria discutir, atualmente, qual a identidade cultural do Piauí e como ela se formou.

Os migrantes perceberam os aspectos que permeiam essa análise, posto que os elementos de sua cultura, enquanto significantes de um grupo ou do seu grupo, foram os fatores da diferenciação étnica, mesmo não ignorando o fato de que tudo isso se evidencia numa mesma estrutura simbólica que requer análise e compreensão. Talvez fosse viável conjecturar sob o prisma do relativismo cultural como princípio ético. Porém, essa ética desemboca no aspecto da neutralidade, para se fazer um juízo de valor, e “[...] todas as culturas têm o mesmo valor”.<sup>16</sup> Vale acrescentar que não se trata de cogitar sobre qual cultura é melhor ou mais digna de reconhecimento. A questão central é perceber como uma dada cultura, neste caso a piauiense, é reconhecida nas relações interétnicas, tendo em vista que este aspecto

---

<sup>15</sup> Idem. p. 342.

<sup>16</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. p.240.

social é carregado de sistemas simbólicos complexos, que são interpretados e reinterpretados, por categorias sociais, *a priori*, divergentes, considerando que os migrantes chegam ao local de destino numa condição social desfavorável.

Por essa dimensão analítica, é fundamental a busca da compreensão desse conjunto de práticas e de suas respectivas sociabilidades vivenciadas, não perdendo de vista os valores e a representação dessa identidade cultural, tanto na perspectiva individual, quanto na coletiva. De acordo com Dominique Schnapper, “[...] a distinção entre o cerne e a periferia do sistema cultural não é dada de forma definitiva, ela depende das culturas de origem e das circunstâncias históricas que levam o grupo a tomar consciência de si mesmo, e, conseqüentemente, de seus limites”.<sup>17</sup>

Esta assertiva vai ao encontro de uma pesquisa realizada pelo jornalista piauiense Fenelon Rocha<sup>18</sup>, sobre a imagem e a auto-estima do piauiense. Segundo o pesquisador, a imagem do piauiense em outros estados é percebida como uma marca, como um sentimento determinante do atraso social e econômico, postura histórica que tem um papel decisivo no próprio destino do seu povo. Para Rocha,

Toda região política e social, carrega uma marca que se traduz na sua própria identidade, uma espécie de marca registrada que a distingue. É assim que todo país tem sua referência predominante ou algumas referencialidades mais destacadas, que formam o perfil conceitual do seu povo. Assim, invariavelmente o alemão é visto como carrancudo, o jamaicano como musical, o chinês como paciente. O mesmo ocorre com os estados brasileiros. São Paulo tem a sua marca ‘São Paulo não pode parar’, que presentifica a idéia de um povo trabalhador, sem tempo para diversão. O baiano carrega o estigma de festeiro, e o Piauí carrega a marca de um estado atrasado e sem perspectiva.<sup>19</sup>

Esses fatores economicamente históricos sempre foram os elementos tradutores da cultura destes retornados. Não havendo, por parte do olhar do outro, nenhuma diferenciação entre os aspectos materiais e culturais. É como se a desvantagem do estado piauiense, em nível de desenvolvimento tecnológico ou capitalista, fosse o parâmetro definidor da cultura de seu povo. Conseqüentemente, incorrendo no erro de se considerar esta cultura, *a priori*, popular, como inferior a

<sup>17</sup> SCHNAPPER, Dominique. Centralismo e federalismo cultural. *Annales ESC*, p. 234. set. 1974.

<sup>18</sup> NETO, Fenelon Martins da Rocha. *A imagem como referência: estudo sobre a auto-imagem e a auto-estima do piauiense*. Dissertação de mestrado, UFPI, 1999. p. 63.

<sup>19</sup> Idem. p. 63.

todas as outras. Este ponto de vista tem raízes na abordagem estruturalista <sup>20</sup>, e como tal, é reducionista, por não considerar ou valorizar os elementos culturais das comunidades. Esta idéia foi combatida por E. P. Thompson, que diz serem os grupos sociais “[...] categorias históricas que descrevem as pessoas em termos de seu relacionamento ao longo do tempo, num ativo processo de criação”. <sup>21</sup> Thompson diz ainda, que não devemos ou podemos entender o que é classe, a menos que a vejamos como uma formação social e cultural, pois o processo de luta das classes, no sentido generalizado, é que leva à gradual aquisição de identidade cultural e política. <sup>22</sup>

O que se percebe, na literatura pesquisada e nas entrevistas dos migrantes, é que fatores econômicos acabam refletindo negativamente nas práticas sociais e culturais dos piauienses. Esse sentimento ou constatação, diferenciação ou marginalização, só vem à tona, quando há estes encontros com culturas diferentes. Nestas trocas e relações sociais acabam se manifestando um modelo classificatório de superioridade e inferioridade. Idéia muito bem discutida na obra de Cuche: <sup>23</sup>

O poder de classificar leva à etnicização dos grupos subalternos. Eles são identificados a partir de características culturais exteriores que são consideradas como sendo consubstanciais a eles, e logo, quase imutáveis. O argumento de sua marginalização, e até de sua transformação em minoria, vem do fato de que eles são muito diferentes para serem plenamente associados à direção da sociedade. Pode-se ver que a imposição de diferenças, significa mais a afirmação da única identidade legítima, a do grupo dominante, do que o reconhecimento das especificidades culturais. Ela pode prolongar em uma política de segregação dos grupos minoritários, obrigados de certa maneira, a ficar em seu lugar, no lugar que lhes foi destinado em função de sua classificação. <sup>24</sup>

Vale salientar que esses pressupostos de sociabilidades não foram responsáveis pela decisão de retornar às suas origens. Como fora relatado no capítulo sobre Memória Cultural, a saudade é, de fato, o motivo predominante. Cabe acrescentar que nem só de antagonismos viveram os piauienses na cidade dos arranha-céus. As cordialidades deram-se em uma dimensão e outra: “Apesar de ser

<sup>20</sup> Sob o ponto de vista estruturalista, o comportamento e as atitudes dos grupos sociais estão atrelados ao modelo econômico, meios de produção, à divisão de classes ou confronto de classes sociais. Esta validade é de cunho marxista, combatida pelos teóricos culturalistas, cujo ponto de vista, é de que a cultura é o elemento central da transformação histórica das comunidades.

<sup>21</sup> DESAN, Suzanne. Massas, comunidade e ritual na obra de E. P. Thompson e Natalie Davis. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 68.

<sup>22</sup> Ibid. p. 69.

<sup>23</sup> CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002. p.

<sup>24</sup> Ibid. p. 187.

chamado de baiano <sup>25</sup>, eu conquistei a confiança e a amizade de muitos colegas. Nunca senti nenhum complexo de inferioridade. Ao contrário, sempre me orgulhei de minhas origens, que é admirada lá fora, por ser um povo sofrido, mas alegre, batalhador e que tem liberdade de viver”. <sup>26</sup>

Há, de fato, um paradoxo em relação à cultura piauiense. Como fora comentado no capítulo Hibridismo Cultural, existe um reconhecimento qualitativo, por parte do anfitrião, das características que afirmam esta etnia, que é condizente com a sua garra de vencer, superar obstáculos e sorrir diante das agruras. Isto implica dizer que essa validação não se distancia dos discursos estereotipados. Quando não suas características acabam sendo referenciadas, considerando a cultura da região Nordeste de modo generalizado, revelada, dentre outras formas, como

Uma cultura das mais ricas e resistentes, diante do processo de generalização dos bens culturais produzido pela sociedade capitalista. Uma região subordinada política e economicamente, com uma população que migra com constância dentro e fora da região, portanto, sofrendo sucessivos processos de desenraizamento cultural. <sup>27</sup>

Essa imagem de estado pedinte foi traçada em função de fatores climáticos, aliada a fatores religiosos que são perpetuados como fanatismo. O fenômeno de Padre Cícero, na década de vinte, ainda reforça essa idéia. Para Felon Rocha <sup>28</sup>, o Piauí tem muitas referências que geraram ou produziram sua imagem, dentre elas, estão “as velhas piadas sobre o estado”, como, por exemplo, a que diz que “no Piauí galinha põe ovo frito”, destacando o calor como elemento negativo. Outras dizem que o bom do Piauí “é jornal do Sul” e “passagem de volta”, colocando-o numa posição de lugar inóspito ou quase inabitável. “Independente de ter ou não base real, são conceitos disseminados e aceitos pelos próprios piauienses”. <sup>29</sup>

A imagem de uma pessoa ou de um corpo social mais amplo, como uma comunidade ou um estado, “[...] é resultado de uma série de conceitos elaborados,

<sup>25</sup> Termo pejorativo que é utilizado para chamar todo nordestino que mora na cidade de São Paulo.

<sup>26</sup> Entrevista do migrante Raimundo Nonato de Oliveira, concedida à Soraia Morais em 18 de novembro de 2006.

<sup>27</sup> ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FNJ, Ed. Massangana: São Paulo, Cortez, 1999. p. 158.

<sup>28</sup> NETO, Felon Martins da Rocha. *A imagem como referência: estudo sobre a auto-imagem e a auto-estima do piauiense*. CCE, UFPI: Dissertação de mestrado defendida em agosto de 1999. p. 75.

<sup>29</sup> Idem. p. 75.

internalizados e naturalizados, que sendo reais ou virtuais, geram uma postura de natureza psicológica, por se tratar de uma elaboração mental”.<sup>30</sup> Nesse sentido, a pesquisa buscou enfatizar um dos pontos centrais dos novos conceitos epistemológicos que fizeram surgir a História Cultural, que é o imaginário, enquanto sistema de idéias e imagens de representação coletiva, que os homens, em várias épocas, constroem para si, dando sentido à sua existência. Isto não significa dizer, que há parcialidade no sentido de concordar com estes estigmas, mas é inegável que esses discursos são praticados até hoje, mesmo considerando os pressupostos do jornalista Gustavo Said, de que a identidade cultural do Piauí não pode mais está atrelada ao período da formação do estado, cujo único elemento produtivo era o gado. Até porque, vivemos sob os auspícios da pós-modernidade e da globalização, onde todas as culturas estão em contato até mesmo de forma virtual.

Porém, o imaginário coletivo sempre leva em consideração, o conjunto de significados que representam uma dada coletividade, e, ao mesmo tempo, atribui conceitos, sentidos e características. Em vista disso, não se pode desconsiderar a maneira como o Estado do Piauí é tratado por algumas instituições, como a Editora Módulo, do Estado do Paraná, no episódio “em que o mapa do Piauí foi suprimido de um livro de geografia”.<sup>31</sup> A Editora Abril, através da publicação do Almanaque Abril, de 1998, na página 109, fala do litoral nordestino. “Os principais marcos deste litoral são o Parque dos Lençóis Maranhenses e o Delta do Parnaíba, na divisa do Maranhão com Sergipe”.<sup>32</sup>

Essas observações são pertinentes, no sentido de avaliar o tratamento que é dispensado ao Estado do Piauí. Nessa linha de pensamento, não é de causar estranheza que esses migrantes retornados tenham vivenciado esse processo de reconhecimento de identidades, que ocorre sempre em relação a uma alteridade, que se constitui a partir da identificação com o outro. São os outros que marcam a diferença e que produzem os recortes de pertencimento identitário.

Os piauienses que retornaram às suas origens sentiram o paradoxo da marginalidade e do reconhecimento. Outro ponto que condiz com as conjecturas da pesquisa é a forma em que se deram as representações desse grupo ou dessa

---

<sup>30</sup> Idem. p. 76.

<sup>31</sup> MAGALHÃES, Joaquim. *Onde está o Piauí?* Jornal Meio Norte: Teresina (PI), edição de 10 de março de 98. p. 2.

<sup>32</sup> In: NETO, Felon Martins da Rocha. *A imagem como referência: estudo sobre a auto-imagem e a auto-estima do piauiense*. CCE, UFPI: Dissertação de mestrado, UFPI, 1999. p. 80.

classe social, considerando que classe é aquilo que designamos a uma coletividade de homens e mulheres, vivendo em “[...] suas relações produtivas, experimentando situações determinadas, dentro de um conjunto de relações sociais, com suas expectativas e cultura herdada”.<sup>33</sup>

Para todos os migrantes retornados, a experiência de migrar foi válida. A pesquisa tratou de entender as implicações dessas vivências, considerando não apenas o aspecto das diferenças, que é um traço historicamente produzido no plano das relações sociais de existência. Mas perceber e avaliar os discursos, as representações, o imaginário, as marcações simbólicas e as memórias que permanecem desses ritos de passagens.

Pelas falas dos entrevistados, pôde-se concluir que os ritos de passagens serviram para marcar e afirmar a identidade de cada um ou do grupo como um todo, para além dos significados implicados nesses aspectos imagéticos e discursivos. Pois se trata de uma experiência humana, cuja operação e apreensão está ligada diretamente à sensibilidade de cada migrante, dos seus sentidos, da sua intimidade, das suas sensações, idéias, temores, sonhos, desejos, anseios, emoções, e, concorrentemente, à história de vida, que tal qual a dos heróis triunfalistas, merece ser historicizada e socializada.

---

<sup>33</sup> RIDENTI, Marcelo. *Classes sociais e representação*. São Paulo: Cortez, 1994. p. 45.

## REFERÊNCIAS E FONTES CONSULTADAS

### REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana: São Paulo, Cortez, 1999.

ANTUNES, Nara Maria de Maia. Caras no espelho: identidade nordestina através da literatura. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade*. perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ARANHA, V. Migração na metrópole paulista: uma avaliação segundo a PED e PCV. In: *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, X, out., Caxambu. Anais: Belo Horizonte:Abep, 1996. V. 2.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. *Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico*. Teresina: EDUFPI, Instituto Dom Barreto, 1997.

BACELLAR, Olavo Ivanhoé de B. & LIMA, Gerson Portela. *Causas e tendências do processo migratório piauiense*. Teresina, Fundação CEPRO, 1990.

BASTIDE, Roger. *O princípio de corte e o comportamento afro-brasileiro*. São Paulo: Anais do Congresso Internacional de Americanistas, 1995.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Metrópoles: As faces do monstro urbano: as cidades no século XIX*. Revista Brasileira de História: São Paulo, v. 5 nº 8/9, abril, 1985.

BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade*. perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

BURKE, Peter. *O mundo como teatro. estudos de antropologia histórica*. São Paulo: DIFEL, 1992.

\_\_\_\_\_. *Hibridismo cultural*. São Leopoldo (RS): Editora UNISINOS, 2003.

CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade*. perspectivas interdisciplinares. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CANCLINI, Nestor-Garcia. *Culturas híbridas*. Estratégias para entrar e sair da modernidade. 2.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – UNESP, 1998.

CUCHE, Denys. *A noção de cultura nas ciências sociais*. Bauru: EDUSC, 2002.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DURHAM, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.

FALCON, Francisco José Calazans. *História cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FREITAS, Sônia Maria de. *História oral: possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado, 2002.

GOMES, Ângela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GUIA TURÍSTICO E CULTURAL DO PIAUÍ. 2. ed., Teresina: PIAUITOUR LTDA 2005.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. O sertão e a identidade nacional em Capistrano de Abreu. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice Editora, 1990.

HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2004.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JANNUZZI, Paulo de Martino. *Migração e mobilidade social: migrantes no mercado de trabalho paulista*. Campinas, SP: Autores associados, 2000.

JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes Santiago. *Algumas palavras sobre a cultura piauiense*. In: SANTANA, R. N. Monteiro de. *Apostamentos para a história cultural do Piauí*. Teresina: FUNDAPI, 2003.

MAGALHÃES, Joaquim. Onde está o Piauí? *Jornal Meio Norte*. Teresina (PI), edição de 10 de março de 98.

MARTINS, Paulo Henrique. Cultura autoritária e aventura da brasilidade. In: BURITY, Joanildo A. *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MATHEWS, Gordon. *Cultura global e identidade individual: à procura de um lar no supermercado cultural*. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. *A história, cativa da memória?* Revista Instituto de Estudos Brasileiros, nº 34, 1992.
- MERCER, Kobena. Welcome to the jungle. In: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- MIRANDA, Danilo Santos. Reflexões sobre a cidade de São Paulo. *Revista do Sesc*. São Paulo, nº 35, janeiro, 2004.
- MOURA, Hélio. A migração nordestina em período recente – 1981/1996. *Cadernos de estudos sociais*. Recife: Massangana, vol. 15 nº 1, jan-jun. 1999.
- NASCIMENTO, Francisco Alcides do. Em busca de uma cidade perdida. In: PINHEIRO, Áurea da Paz e NASCIMENTO, Francisco Alcides do (orgs.) *Cidade, História e Memória*. EDUFPI: Teresina, 2004.
- NASCIMENTO, Gena Borges. *Mudanças de ventos no império celestial*. Hibridismo em EAST WINS, WEST WIND de Pearl S. Buck. 2006. 119 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí.
- PACHECO, C. A & PATARRA, N. Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? In: PATARRA, N. et al. *Migração, condições de vida e dinâmica urbana*. 1980-1993. Ed. IE/UNICAMP-FAPESP, 1997.
- PASTORE, J. *Profissionais especializados do mercado de trabalho*. São Paulo: FIPE/USP. 1973.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.
- REICH, Bem & ADCOCK, Christine. *Valores, atitudes e mudança de comportamento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
- RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: *História Geral da África*. São Paulo: Ática, Paris: UNESCO, 1982.

WEIL, Simone. A condição operária e outros estudos. In: CAVALCANTI, Helenilda. *O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

## **FONTES**

Entrevista da migrante retornada, Maria Ducarmo Santana, concedida em 03 de novembro de 2006, à Soraia Morais.

Entrevista do migrante retornado, Gerson Luiz da Costa Medeiros, concedida em 14 de janeiro de 2007 à Soraia Morais.

Entrevista da migrante retornada, Margarete Leal de Brito, concedida em 27 de maio de 2006 à Soraia Morais.

Entrevista do migrante Raimundo Nonato de Oliveira, concedida em 18 de novembro de 2006 à Soraia Morais.

Entrevista da migrante Elza Maria da Silva, concedida em 03 de junho de 2006 à Soraia Morais.

## APÊNDICE – A

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO  
ORAL**Tipo de Entrevista: História de Vida (migração)****Local da entrevista:****Data da entrevista:****Palavras-chave: Identidade, Cultura e Memória.**

Obs: Este modelo é baseado nas propostas do CEDIC/PUC e CPDOC/GV, que consta no livro da Sônia Maria de Freitas – História Oral, possibilidades e procedimentos, 2002.

Cedente \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Estado civil \_\_\_\_\_ RG \_\_\_\_\_

CPF \_\_\_\_\_ residente

à \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_.

Objeto: Entrevista gravada para uso da dissertação em mestrado, com o título, Hibridismo Cultural: Frente e Verso dos Ritos de Passagens dos Retornados Piauienses.

DO USO: Declaro ceder à pesquisadora Soraia Cristina de Moraes, sem quaisquer restrições, a plena propriedade e os direitos autorais deste meu depoimento, cujo caráter é histórico e documental.

Teresina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2006.

## APÊNDICE - B

## ROTEIRO DA ENTREVISTA:

- 1) Quando você saiu do Piauí e chegou em São Paulo?
- 2) Quais os sonhos ou motivos o motivaram a morar em outra cidade (migrar)?
- 3) Você acha que ocorreu alguma mudança (fragmentação) nas suas características culturais? Como modo de se vestir, falar... Houve elementos de positividade ou negatividade em relação à sua pessoa (identidade)? Como ambição, realizações, perturbação, insegurança... Por quê?
- 4) Quais os choques ou abalos mais marcantes em nível pessoal, social e cultural? Estranhamento em relação aos espaços, clima, pessoas...
- 5) A aquisição de novos conhecimentos, de um novo modo de vida, provocou alguma mudança nos seus costumes, em sua tradição cultural? alimentação, comportamento, maneira de se vestir...
- 6) Quais as diferenças culturais mais preponderantes? Falas, ritmo de vida, poluição, agitação...
- 7) Quais as identificações que suscitaram durante sua convivência na cidade de São Paulo? Em relação a pessoas, outras culturas...
- 8) Você se sentia pertencente ou diferente em relação aos grupos sociais com os quais conviveu? Que grupos eram esses?
- 9) Alguma vez se sentiu excluído cultural e socialmente? Na inserção do mercado de trabalho, em relação a grupos sociais, religiosos...
- 10) Em que momento ou fase se sentiu incluído?
- 11) Considerando que crise de identidade é "parte de um processo amplo de mudança" <sup>1</sup>, que inclui o caráter do reconhecimento social, a visão do outro em relação a você, o seu processo migratório provocou algum mal estar como angústia, insegurança, estrangeiridade?
- 12) Quais foram os seus maiores conflitos, seja no âmbito existencial, cultural ou profissional? Falta de referências afetivas, como amigos, parentes, lugares...

---

<sup>1</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

- 13) Que imagens e discursos são propagados sobre os piauienses na cidade de São Paulo?
- 14) Quais os estereótipos (elementos inalterados) mais marcantes em relação à cultura piauiense, como por exemplo: seca, valentia, autenticidade, alegria, fome, atraso, credices...
- 15) Quais as saídas ou alternativas para superação de conflitos como solidão, saudade, ansiedade...
- 16) De que forma você conseguia manter os laços afetivos, apesar da distância, como amizades, familiares, paixões... Era através de telefonemas, cartas,...
- 17) Quais as compensações desta experiência de migrar? Seja no âmbito material, espiritual, profissional.
- 18) Você contribuiu financeiramente com sua família durante o período em que morou em São Paulo?
- 19) Em algum momento você sentiu-se inseguro diante das mudanças, incertezas e dúvidas, que possivelmente surgem nos espaços onde não encontramos referências culturais?
- 20) Nas suas lembranças, quais aspectos você mais evocava (trazia à lembrança) quando esteve longe de sua terra natal, como por exemplo, cores, músicas, comida, cheiro, barulho...
- 21) Alguma data comemorativa (de âmbito pessoal) você conseguia lembrar pontualmente ao longo dos anos em que morou em SP?
- 22) Alguma data comemorativa ou evento público você conseguia lembrar pontualmente ao longo dos anos em que morou em SP?
- 23) Ocorreu algum episódio traumático na cidade de destino (SP) que interferiu na sua visão social ou cultural? E na cidade de origem (PI)?
- 24) Você asseguraria que valeu a pena esta experiência? Por quê?
- 25) Quais lugares de memória mais acompanharam suas lembranças: foram as paisagens, a arquitetura, espaços rurais ou urbanos, casas, ruas, escolas...
- 26) Você praticou alguma religião no decorrer destes ritos de passagens?
- 27) Na sua convivência com os conterrâneos, quais os elementos de memória (lugares, músicas, amizades comuns) eram conciliadores e familiares aos componentes do seu grupo?

- 28)Algun transtorno chegou a lhe afetar, como fobia social, insônia, stress, síndrome de pânico...
- 29)O que você diria para algum conterrâneo que estivesse pensando em realizar a experiência de migrar?
- 30)Quando você retornou ao Piauí?
- 31)Quais os motivos o levaram a retornar?
- 32)Ao retornar para o seu local de origem, você encontrou condições positivas de permanecer ou sentiu dificuldades na fase de readaptação?
- 33) Você conseguiu recuperar as unidades ou vínculos comunitários na sua terra, ou sente-se ainda numa fase transitória por conta da experiência de conviver durante algum tempo com diferentes tradições culturais?
- 34)Considerando que hibridismo é, entre outras afirmações, a mistura, fusão e incorporação de “diferentes tradições culturais” <sup>2</sup>, você se consideraria um sujeito híbrido por ter absorvido elementos de outra ou outras culturas durante o período em que morou em São Paulo, como mudança no modo de falar, agir, pensar, se vestir e até mesmo se portar diante de determinada situação?

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)